

REVISTA DA SEMANA

N.º 11

17-3-1945



SANTOS DUMONT
O QUE PREVIU O DRAMA
Por Celestino Silveira

CR \$
1,50
EM TODO
O BRASIL



BODAS DE PRATA

Waldemar Joppert-Irene de
Oliveira Joppert

Comemorou-se a 6 de Março as bodas de prata do casal Waldemar Joppert-Irene de Oliveira Joppert, elementos de destaque em nosso meio social. Pelas suas qualidades de espírito e coração o ilustre casal recebeu nesse dia homenagens muito expressivas de seus inúmeros amigos e admiradores. Os flagrantes que ilustram esta página foram tomados durante a missa em ação de graças, mandada celebrar na igreja da Candelária pelos filhos do casal, Irevai, Eny e Ivan, estando o primeiro, que se vê na fotografia abaixo, nos Estados Unidos, em viagem de aperfeiçoamento de estudos.



BALADA CONTRA OS INIMIGOS DA FRANÇA

R. Magalhães, Junior

Muito se tem discutido qual será o castigo de Hitler — se a morte rápida ou lenta, se a prisão perpétua numa ilha solitária, se a exibição numa jaula, em circos e teatros, como o pior monstro dos tempos modernos. E foi essa escolha de castigos, êsse debate de punições que me levou a reler uma velha obra poética, com cinco séculos de idade, a "Balada contra os inimigos da França", de François Villon, poeta e vagabundo, assassino e ladrão mas, acima de tudo, um bom patriota francês. A "Balada contra os inimigos da França" é um anátema que há quinhentos anos deve perseguir os que atentam contra a soberania e a dignidade do povo francês, se é verdade que Deus fala pela boca dos poetas. E é, ao mesmo tempo, fértil em sugestões de castigos exemplares, essa vibrante e magnífica peça de poesia patriótica, que atravessou os tempos e foi traduzida em tantas línguas, conservando-se ainda hoje tão atual como no dia em que foi escrita. Quer me parecer que ainda não houve, porém, quem a traduzisse no nosso idioma, com o carinho com que Swinburne a verteu para o inglês. Em cada estrofe vibra a indignação do poeta contra os inimigos do seu nobre país:

"Recontré soit de bestes feu getans,
Que Jason vit, querant la toison d'or;
Ou transmué d'homme en beste sept ans,
Ainsi que fut Nabugodonosor;
Ou perte il ait et querre aussi vilaine
Que les Troyens pour la prinse d'Helaine;
Ou avallé soit avec Tantalus
Et Proserpine aux infernaux palus;
Ou plus que Job soit en grieve souffrance,
Tenant prison en la tour Dedalus,
Qui mal voudroit au royaume de France!

(Que encontre os monstros expelindo fogo que Jasão encontrou quando à procura do Tosão de Ouro; ou por sete anos se transforme de homem em fera, como Nabucodonosor; ou que sofra perdas na guerra, como os troianos sofreram pela princesa Helena; ou que seja engulido vivo como Tântalo e Proserpina pelos pântanos infernais; que sofra mais dores do que Job e seja aprisionado no Labirinto como Dédalo, aquele que desejar mal ao reino da França!).

Mas isso não basta, e o poeta continua:

"Quatre mois soit en ung vivier chantans,
La teste au fons, ainsi que le butor;
Ou au Grant Turc vendu dernier contans,
Pour estre mis au harnois comme ung tor;
Ou trente ans soit, comme la Magdalaine,
Sans drap vestir de linge ne de laine;
Ou soit noyé comme fut Narcisus,
Ou aux cheveulx, comme Absalon, pendus
Ou, comme fut Judas, par Desesperance;
Ou puist perir comme Simon Magus,
Qui mal voudroit au royaume de France!

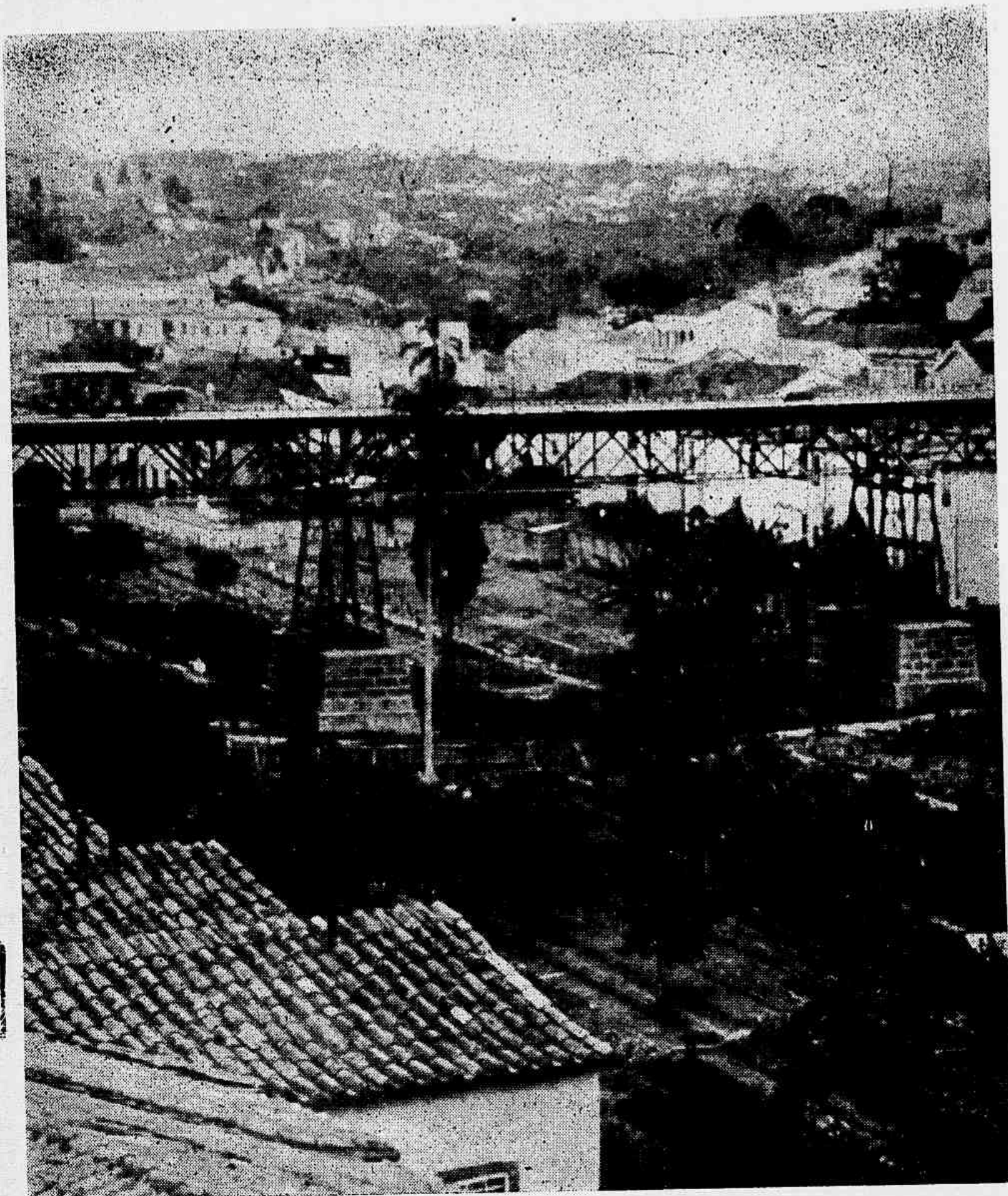
(Que por quatro meses fique de cabeça para baixo, mergulhado náguas, num charco cheio de peixes; que seja vendido por preço ínfimo ao Grão Turco para ficar sob uma cangaíha como um boi de carga; ou que viva trinta anos, como Madalena, sem um pedaço de roupa, de linho ou lã, para lhe cobrir o corpo; que se afogue como Narciso ou se enforque, como Absalão, preso pelo cabelo, ou como Judas, em desespero; ou que morra como Simão Magno, aquele que desejar mal ao reino da França!).

"D'Octovien puist revenir le tema,
C'est qu'on luy coule au ventre son tresor;
Ou qu'il soit mis entre meules flotans
En ung moulin, comme fut saint Victor;
Ou transglouty en la mer, sans aleine,
Pis que Jonas au corps de la baleine;
Ou soit banny de la clarté Phebus,
Des biens Juno et du soulas Venus,
Et du dieu Mars soit pugny a oultrance,
Ainsi que fut roy Sardanapalus,
Qui mal voudroit au royaume de France!

(Possa o tempo de Otaviano voltar e moedas derretidas serem despejadas no seu ventre; possa ser esmagado sob as mós de um moinho, como

Continua na pág. 48





Expressivo e muito lisonjeiro o confronto que pode fazer-se com as fotografias que ilustram estas páginas. São Paulo do alvorecer do Século XX, de quando sua população era reduzidíssima e seu progresso apenas um ensaio — e São Paulo, a gigantesca deste atribulado e marcante 1945. Os "clichés" da página par reproduzem dois aspectos do Anhangabaú, legítimo "coração da metrópole", no ano de 1900. O Vale característico da Paulicéia, visto do Viaduto do Chá, era êsse amontoado de casas baixas, estilo da época, sem realce nem brilho, que nos mostram as gravuras. E o próprio Viaduto, que era senão um simples esboço dessa obra notável de engenharia dos nossos dias, situada no mesmo local! Mas se nossos olhos se desviam para os aspectos da página em frente, o cenário transforma-se como por encanto e ninguém poderá reconhecer, nessa babilônia de cimento e de aço, a provinciana e burguezinha Piratininga de nossos maiores, nem mesmo a do raio deste século de transições e causas bélicas. O Vale do Anhangabaú de nossos dias constitui um índice do progresso da antiga São Paulo do Campo, da qual Belmonte, em "No tempo dos bandeirantes", assim comentava seus aspectos:

"Ruas ainda sem nome, praças que são apenas pátios e terreiros, estradas que são caminhos... No alto de uma colina e dentro de um triângulo, vai crescendo êsse burgo perdido no planalto, longe do mar, à boca do sertão. Piratininga nasce, assim, longe de qualquer socorro e exposta a todos os perigos. Se não tem que temer o assédio de corsários e filibusteiros, está vigilante contra os mistérios da selva, os monstros que a enchem de rugidos e as hordas bárbaras que a dominam pelo terror. Separada do mar, vive separada da metrópole. O isolamento a obriga a agir por si própria e a bastar-se às suas necessidades. Para isso, aceita o "deixá-me ou te devoro" do sertão e vence-o."

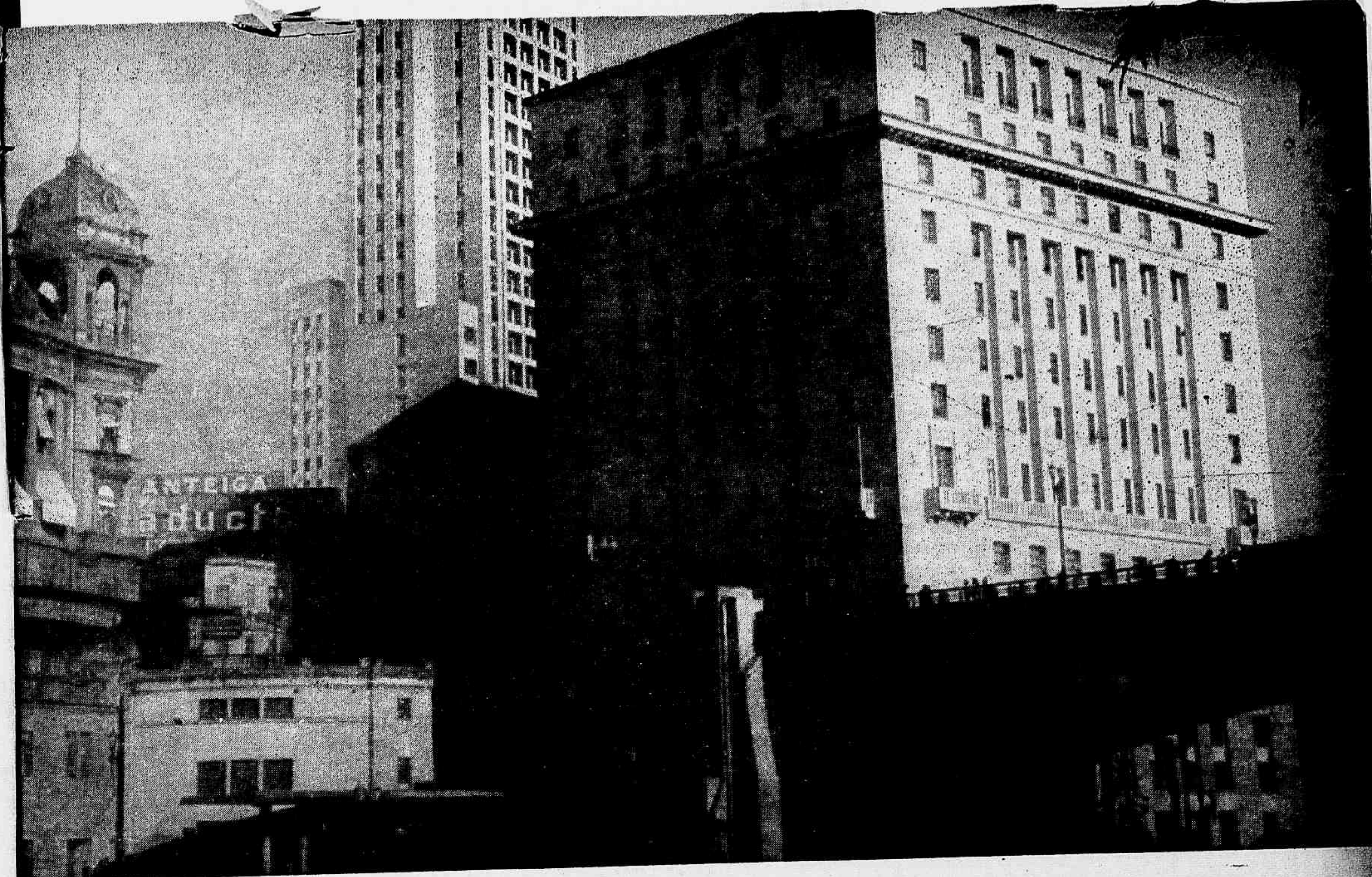
Mas, para tanto, Piratininga caldeou duas raças. Da união da "tupi" ao "taputlinga" surge o "mameluco". Ele, que é dono do planalto, será o senhor do sertão, estendendo-o sob suas botas rudes, driscando-o com a lâmina de sua espada e dominando-o com os estrondos de sua escopeta. E' uma luta de vida ou de morte. Ou o paulista vence o sertão e a sua vila se salvará, ou o sertão afugenta o paulista para os lados do mar e Piratininga será, apenas, punhado de escombros.

Mas, vencido o sertão, a vila está salva.

Depois surgem outras igrejas, armam-se taipais e chega mais gente — da Borda do Campo e dos lados do mar. Pelas beiradas dos caminhos socam-se taipas, erquem-se casas,

ANHANGABAÚ, DE ONTEM E DE HOJE

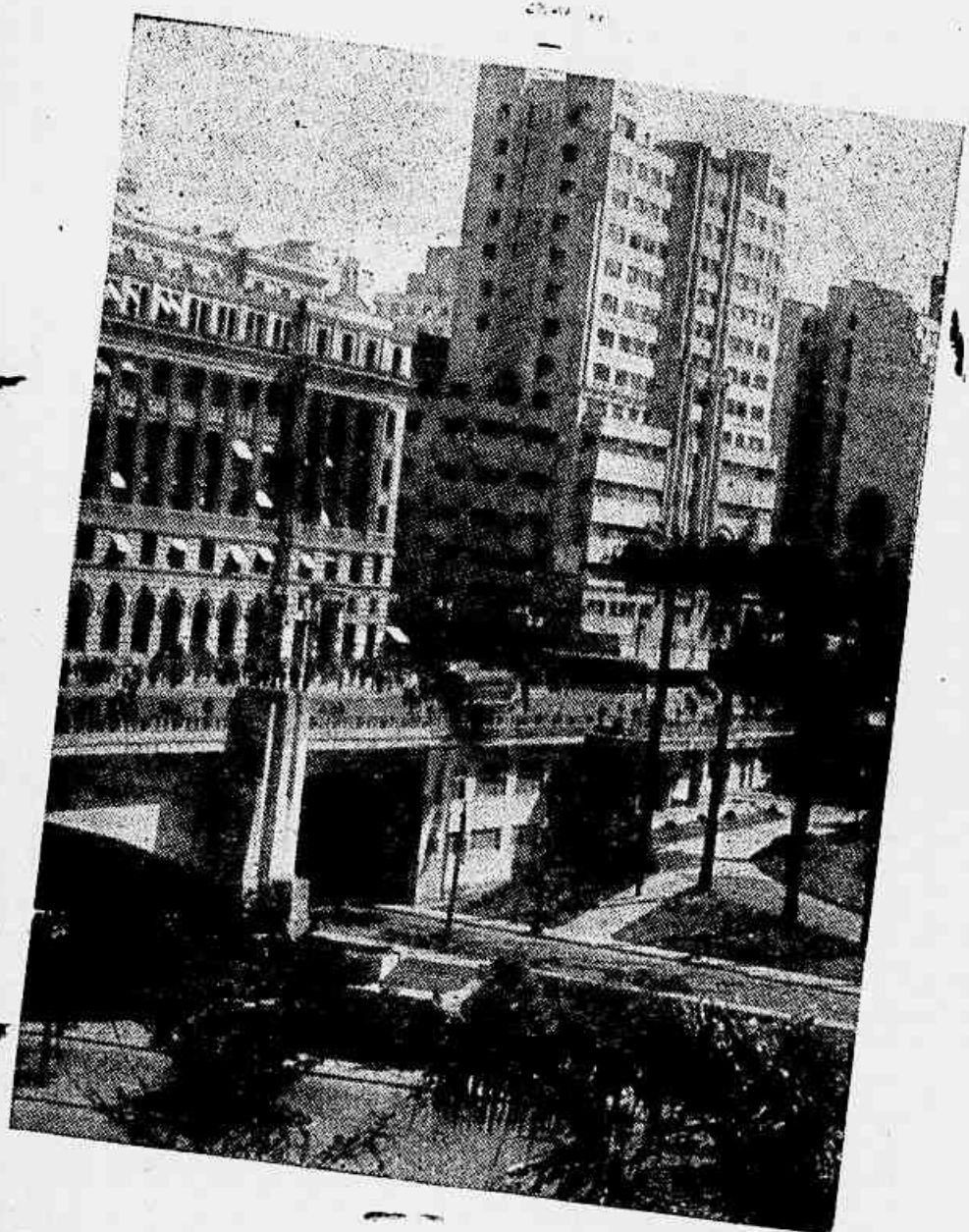




derrubam-se matas, constroem-se engenhos... Pelos declives das colinas esboçam-se ruelas, diante das Igrejas delineam-se terreiros, sôbre os rios lançam-se pontes... Índios côm de cobre aluem florestas, homens barbudos, de carapuça de lã, serram madeiras e lavram os campos. Moços pálidos de sotainas negras passam com bandos de catecúmenos. Degredados íberos carregam caixas pejudas de "drogas". E pelas margens dos rios, fascinados pelo sertão, mestiços jovens constroem canoas..."

E São Paulo continuou crescendo. A metrópole, da provinciana de 1900, transformou-se nessa imponente massa de cimento e aço, dos dias que passam.

E o progresso está apenas no início...



A SEMANA EM REVISTA

PRÓ E CONTRA O RADIO

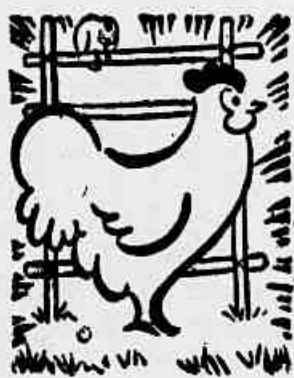


Mesmo que o rádio não esteja ainda em condições de informar com maior amplitude os acontecimentos de cada dia, como já está sucedendo com a imprensa, são inestimáveis os serviços prestados à coletividade. Não se pode mais argumentar, sem incidir num erro crasso, que as emissoras deixam de satisfazer o ouvinte de gosto mais apurado. Este sempre vai encontrar, na diversidade dos horários de cada dia, uma atração capaz de o divertir ou, então, de o informar. Aos domingos, quando escasseiam as edições vespertinas, é que o rádio mais e melhores serviços nos oferece.

Mas nem tudo já evoluiu no rádio brasileiro. Ele pode orgulhar-se de oferecer aos ouvintes o melhor e o pior, o que merece os aplausos

incondicionais do público de "élite" e o que apenas satisfaz o populacho. Os auditórios baratos, as Horas do Pato, os Calouros que abarrotam a plateia estão reclamando providências legais por quem de direito. Se a Censura proíbe que as crianças assistam a um espetáculo teatral ou cinematográfico depois de tantas horas da noite, por que se faculta o direito de conservar menores, não só assistindo mas também participando das atrações oferecidas? E mais, também: o excesso de rádio-teatro, multiplicando-se em horas matinais, vespertinas e entrando pela noite adiante. Mesmo as emissoras de maior projeção, ou principalmente estas, parecem não ter ainda encontrado o rumo exato para a criação de uma personalidade radiofônica. Em certas horas, um rádio carioca parece ter evoluído de maneira imprevisível e maravilhosa. Mas, em outras dá a impressão exata de ter retrocedido, não um ou dois, mas dez ou quinze anos. Somem-se os valores negativos com os positivos e teremos, em conjunto, um índice do "broadcasting" local.

PAU DE GALINHEIRO



Há muito tempo que não ouvíamos por cá a voz chorosa e pausada do nosso ilustre fuchrer, o intrépido e valoroso Chefe Nacional, o homem predestinado pela "voz do oeste", o sr. Plínio Salgado. Agora porém, restabelecida a liberdade de imprensa, sai a público uma carta, por ele endereçada ao Presidente da República logo após o golpe de Estado de 10 de novembro, uma missiva lamurienta e triste, na qual o "Esperado" se queixa amargamente das injustiças cometidas contra o Integralismo por todos os brasileiros, que não foram capazes de vislumbrar, por trás dos assassinatos e dos outros crimes dos "camisas verdes", a bondade que os meninos do sr. Plínio guardavam dentro do coração.

E o Chefe Nacional que, agitando os seus braços raquíticos nas tribunas dos teatros alugados, berrava contra os comunistas e pedia a morte para os judeus, declara em sua carta que o Integralismo mais não era que um movimento de civismo, uma escola de sacrifício, destinada tão somente a ensinar os jovens a

sofrer pelo bem comum. Alheia à política, a Ação Integralista Brasileira, de saudosa memória, consentiria mesmo em mudar o seu nome, forçada pelo decreto que fechou os partidos, passando a funcionar apenas como sociedade recreativa, já que o sacrifício para eles era um divertimento.

Mas num ponto insistia o chefe verde: o seu partido político-recreativo não podia viver sem a "mística". Que os rapazes do sigma fossem tratados como lacaios do Estado Novo, que servissem como criados aos grandes... Mas que nunca lhes faltassem a dignidade da libre verde, nem o consolo de poder levantar o braço, uma vez que não tinham força para levantar mais nada.

E o simpático sr. Plínio Salgado termina a sua missiva lamentando a morte do malsinado Integralismo, e pedindo um emprego a Getúlio Vargas.

Este não foi conseguido, e o Plínio, com o auxílio de Salazar, faz hoje conferências em Lisboa, com entradas vendidas.

Dizem alguns que a carta do Chefe Nacional é uma indignidade; mas achamos nós que para ela não pode haver qualificativo melhor que este: pau de galinheiro.

GAROTOS ULTRA-PRECOSES



O telegrama veio de Nova York e dizia: "A guerra de bandos de jovens no subúrbio novaiorquino de Bronx terminou ontem com a prisão de dois jovens do grupo denominado "Cavaleiros de Jackson", que haviam assassinado um jovem de 13 anos do bando rival. Os dois acusados têm, respectivamente, 14 e 16 anos. A polícia descobriu em poder do bando um arsenal composto de três carabinas, "boxes" ingleses, uma baloneta e uma barra de ferro. A vítima foi encontrada com uma bala na cabeça, numa estrada próxima da escola que frequentava.

O caso seria edificante se não assumisse, como de fato acontece, proporções imensas. Não se trata de uma simples ficção cinematográfica, dessas que a censura proíbe para os menores de dez, quatorze ou dezoito anos, mas de um caso real, verificado na grande metrópole americana. Em toda parte existem as rivalidades entre os grupos infantis, e qual

de nós não terá participado, na infância, de uma dessas rixas nas quais sempre se podia levar a pior, com a cabeça partida, reclamando imediata aplicação de arnica e esparadrapos! Mas jamais os nossos garotos se constituíram em bandos que levassem tão a sério, com tão forte cunho de realidade, essas rivalidades.

Todavia, é preciso não exagerar. O reflexo do conflito em que se debatem os adultos há quase meia dúzia de anos tem por força de fazer sentir-se nos menores. Que autoridade nos assiste para censurá-los, quando não fazemos outra coisa senão manejar carabinas, balonetas, etc.? De igual modo que as crianças imitam os hábitos e vícios dos pais, com eles aprendendo a primeira tragada de fumo e acompanhando-os na partida de bilhar, assim também elas aprendem e copiam o mau hábito de guerrear. Os "Cavaleiros de Jackson" estão apenas reproduzindo as façanhas de Hitler, que não é criança nem foi nunca precoce. E isso de matar mais um, menos um, nem é preciso haver guerra, na exata, para tirar a vida a alguém. Os jornais frequentemente divulgam casos assim. Mesmo em tempo de paz.

A VOLTA DOS HERÓIS



"Ou morre o homem na luta,
Feliz e cheio de glória,
Ou volta o homem com vida
Mostrando em cada ferida
A marca de uma vitória..."

Assim disse o poeta. E hoje estes versos não nos podem deixar de vir à mente, quando vamos voltar à abençoada terra natal os nossos bravos expedicionários, que lá fora lutaram e derramaram o seu sangue generoso e jovem em defesa dos povos oprimidos de toda a terra, em defesa da dignidade nacional ultrajada e em defesa do solo brasileiro, ameaçado pelas falanges selvagens de Hitler, que se preparavam, uma vez retornado o território metropolitano da heróica França, para um salto ao outro lado do Atlântico. Mas o valor dos soldados russos e a resistência do bravo povo inglês, o heroísmo dos marinheiros franceses incendiando a esquadra em Toulon, vieram impedir a nova aventura do Fuehrer.

E os nossos irmãos da F. E. B., demonstraram eloquentemente que o perigo desta guerra não era compreendido apenas pelos europeus. Ao lado dos valorosos combatentes dos EE. UU. brilhou, cheia de glória e heroísmo, a farda de Floriano Peixoto.

Muitos tombaram na luta, regando com o seu sangue nobre as faldas de Monte Castelo. Mas lá em cima, sobre os parapeitos de cimento armado das trincheiras hitleristas, batido pelo vento hibernal dos alpes, se agitou o auri-verde pendão, da terra de Castro Alves num aceno de alegria aos heróis vitoriosos, num adeus sentido aos bravos que tombaram. Muitos lá ficaram, mas as cruces tôscas que lhes ornamentam as sepulturas pobres são outras tantas medalhas de glória que o destino semeou no solo da Itália. E outros voltam feridos, alquebrados das lutas, endurecidos pela neve de Piemonte, queimados pelo fogo de mil batalhas.

Diante destes homens, brasileiros, descobri-vos.

Eles foram buscar lá fora a chama sagrada da Liberdade, que há de iluminar os túmulos de nossos irmãos mortos na Itália e há de aquecer aqui o berço de nossos filhos recém-nascidos.

REVISTA DA SEMANA

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das Revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de S. Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples: Um ano — Cr\$ 63,00; Seis meses — Cr\$ 32,00
Registrada: ... Um ano — Cr\$ 80,00; Seis meses — Cr\$ 40,00

ASSINATURAS PARA O ESTRANGEIRO

Registrada: Um ano — Cr\$ 170,00; Seis meses — Cr\$ 90,00

O número avulso custa Cr\$ 1,50 em qualquer parte do país; o número atrasado Cr\$ 2,00. Visconde de Maranguape, 15 — Enderêço telegráfico: "REVISTA" — Rio de Janeiro

Tels. — Direção: 22-2622; Gerência: 22-2550; Redação: 22-4447
Publicidade: 22-9570; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602
Sucursal em S. Paulo: Rua D. José de Barros, 323. Tel. 4-7806
Corresp. na Bahia: J. Machado Cunha — Av. 7 de Setembro, 149

TEM AGENTES EM TODAS AS LOCALIDADES DO TERRITÓRIO NACIONAL

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: S. S. Knopee & Cia. Times Bldg., New York City. Na África Oriental Portuguesa: D. Spanos — Caixa Postal 434., Lourenço Marques. No Uruguai: Moratorio & Cia. — Constituyente, 1746, Montevideo. Na Argentina: "Inter-Prensa" — Florida, 299 — Tel. 33 Avenida 9109 — Buenos Aires.

Propriedade da CIA. EDITORA AMERICANA. — Diretor: GRATULIANO BRITO

Trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Este número consta de 60 páginas

O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicamos colaborações solicitadas pela redação. Não nos responsabilizamos pela devolução de originais, mesmo quando não publicados.

NESTE NUMERO

ANO XLIV --- N. 11 --- 17-3-45

LITERATURA

Balada contra os inimigos da França (R. Magalhães Jr.)	3
Roubo sem ladrão (Paul Gallico)	17
Pão e Amor (August Strindberg)	30/31
Náufrago (Alan Powers)	34
Uma peça de José Mauricio (Escragnolle Doria)	40
Livros Novos (J. L.)	42/43
Sorbonne (M. Dezonne Pacheco Fernandes)	49

REPORTAGENS

Anhangabaú de ontem e de hoje	4/5
Santos Dumont — o homem que previu o drama (Celestino Silveira)	9/15
Jockey Club	8
Figuras e Fatos	35

FEMININAS

Nos Bastidores Femininos (Kitty)	27
Praia	28/29
Fim de Verão	45
Guarnições em branco — e Modêlos Infantis	46/47
Outros modêlos	50 e 52

TEATRO

"A mulher do seu Adolfo"	18/21
Teatro Universitário	33

CINEMA

"Cesar e Cleópatra" no cinema inglês	38/39
--------------------------------------	-------

SECÇÕES

A Semana em Revista	6
Artes Plásticas	16
Coisas do Brasil	32
De Rádio (Djalma Maciel)	41

ATUALIDADES

O azar da guerra (N. Pithan e Silva)	22
A guerra em marcha	23/25
Onde a cobra está fumando	36/37

CARICATURAS

De Bom Humor	26
"Charge" de Raul	56

NOVELA

"Ressurreição" (Jesy Barbosa)	57/58
-------------------------------	-------



A NOSSA CAPA

A apresentação de Margaret Chapman, "estrêla" da Columbia, vale por uma homenagem prestada à bonita e interessante artista de tantos filmes românticos. Ela sabe, como poucas, associar seus predicados de beleza física aos de espírito, impondo-se pela vivacidade e desenvoltura dos desempenhos que dá aos papéis que lhe confiam os diretores.

Como sempre, esta edição da REVISTA prima pela mais completa variedade de assuntos, proporcionando ao leitor algumas horas de bom entretenimento espiritual. A reportagem de Celestino Silveira sobre Santos Dumont tem alto valor histórico e documentário, ressaltando episódios curiosos, alguns mesmo inéditos, da vida do grande brasileiro. Há ainda outras reportagens curiosas de São Paulo e de outros Estados, além de amplo noticiário fotográfico da guerra e o resumo fotográfico de uma peça teatral.

Até o Gênio!
Uma Calamidade!

Muitas mulheres sofrem de moléstias que fazem da vida um verdadeiro inferno.

Uma Calamidade!

Em certas doenças, até o Gênio da Mulher pode ficar alterado e ela, de alegre e bem disposta que era, passa a ser triste, aborrecida, desanimada, sem vontade nenhuma de trabalhar e zangando-se facilmente pelas cousas mais insignificantes.

Um martírio!

Para tratar êstes padecimentos, consequências do mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos, use **Regulador GESTEIRA**.

Regulador Gesteira é o tratamento indicado.

REGULADOR GESTEIRA é o Remédio de Confiança para tratar inflamação do Útero, o Catarro do Útero causado pela inflamação, Debilidade, Palidez e Perturbações nervosas provocadas pelo mau funcionamento dos órgãos Útero-ovarianos, a Pouca Menstruação, as Dôres e Cólicas do Útero e Ovários, as Menstruações exageradas e Muito Fortes ou Muito Demoradas, as Dôres da Menstruação e as irritações causadas pelo peso do Útero congestionado.

Comece hoje mesmo a usar **Regulador Gesteira**

Aconteceu há 30 anos

O Rio esperava a ponte de Brooklyn

Já nesse tempo se falava na célebre ponte Rio-Niterói. Os cariocas se entusiasmavam com a idéia, dispostos como estavam a dar cabo das antiquadas barcas da Cantareira.

E todos esperavam do gênio criador dos engenheiros patricios alguma coisa como a ponte de Brooklyn, que pudesse facultar o trânsito das pessoas residentes na capital fluminense que se destinassem ao Rio, ou vice-versa.

O Governo, por diversas vezes, prometeu satisfazer o desejo das populações das duas cidades vizinhas, mas tudo ficou apenas na promessa. Niterói continuou do outro lado da baía, distante como uma recordação.

Mas o Arsenal de Marinha, que naquele tempo ampliava as suas dependências, muitas das quais se localizavam na ilha das Cobras, exigia uma ligação entre aquele pedaço de terra e o continente. E assim foi que a REVISTA DA SEMANA de 8 de março de 1915 noticiou um ato de grande transcendência:

"Desde o dia 23 de fevereiro o Rio tem uma ponte. Não é ainda a ponte de Brooklyn, mas de vagar se vai ao longe. Desde que a ilha das Cobras se tornou como um prolongamento do Arsenal de Marinha, a criação de comunicações rápidas entre a ilha e o Continente apresentou-se como uma necessidade. Essa ponte é hoje uma realidade. E deve-se ao sr. almirante Alexandrino de Alencar a sua construção, pois foi ele que a incluiu no seu vasto plano de construções, incluído no extenso programa naval por ele traçado."

Assim a REVISTA DA SEMANA de há 30 anos dizia, decepcionada, que a ponte não era a de Brooklyn (Niterói), mas acrescentava que "devagar se podia ir longe".

Mas os passos dados para a solução do problema do tráfego entre a terra de Araribóia e a nossa capital foram "muito plano".

E assim continuamos devagar, sem entretanto ir ao longe. E as barcas da Cantareira continuam hoje a tráfegar, em marcha ainda mais lenta. E a ponte de Brooklyn continua a ser um sonho.

Um - calçado da moda
para o mundo elegante

Gambier

Rua Uruguaiana, 52
Fone 22-5587 — RIO



JOCKEY C L U B MUNDANO



Foi animadíssima a última tarde no Jockey Club Brasileiro. Todas as pessoas presentes àquela reunião social não puderam deixar de fazer a sua torcida, tal foi o entusiasmo observado no desenrolar dos páreos. Aliás, como sempre acontece, reuniram-se no Hipódromo da Gávea os elementos mais representativos de nossa sociedade para, num ambiente de grande elegância, se deliciarem com o desenrolar das corridas. E foi durante os intervalos, quando as graciosas senhoritas passeiam alegremente na "pelouse", que o nosso fotógrafo colheu as fotos que estampamos nesta página.



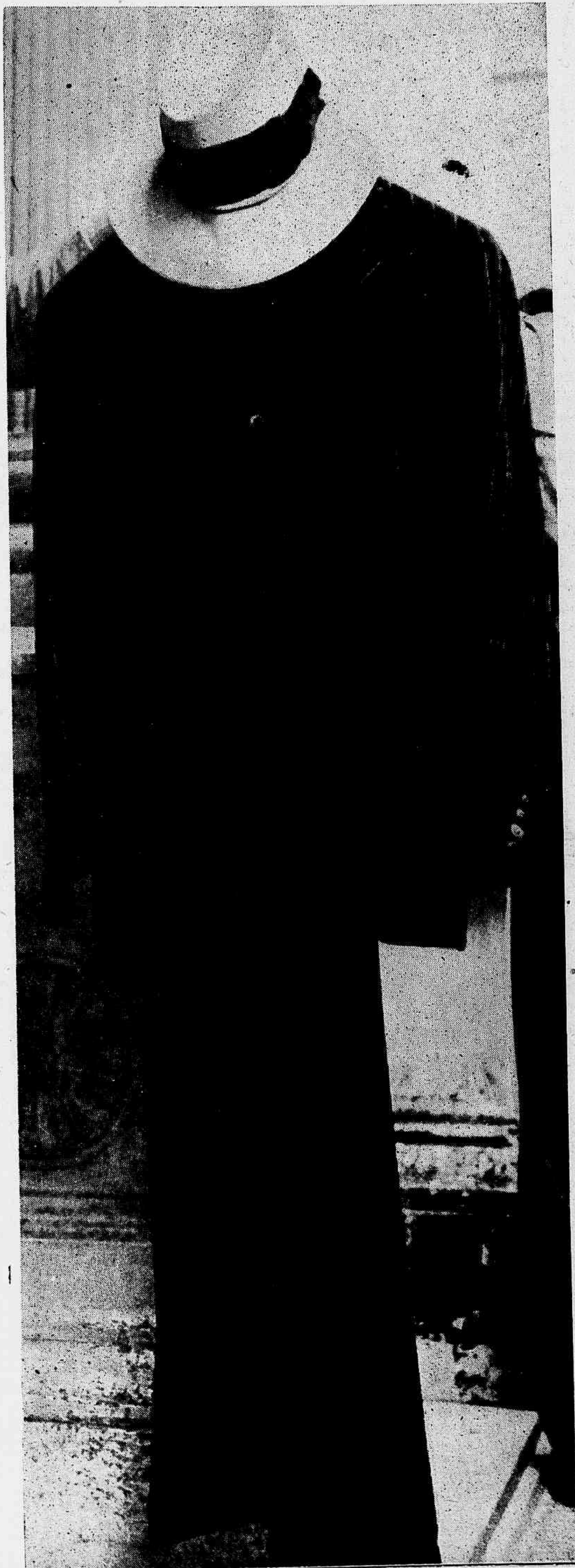
SANTOS DUMONT, O HOMEM QUE PREVIU O DRAMA

UMA VISITA A SALA DO PAI DA AVIAÇÃO NO MUSEU DO IPIRANGA — DECEPÇÕES AMARGAS E INVENTOS INACABADOS — RELÍQUIAS PRECIOSAS: O BREVIÁRIO DE MISSA, O HISTÓRICO PANAMÁ, O TERNO AZUL-MARINHO — EVOCANDO O TRISTE EPISÓDIO DA REVOLUÇÃO PAULISTA — OUTRAS NOTAS

por CELESTINO SILVEIRA

(Fotos de Arnaldo Vieira)

Foi durante a eclosão paulista de 1932 que se deu o passamento estranho e singular de Santos Dumont. Nós o sabíamos enfêrmo, física e moralmente, desde muito antes do 9 de julho, mas não se admitia que o desenlace pudesse dar-se tão precipitadamente. O Brasil conhecia dias angustiosos, e as contingências que provocavam a falta de comunicações diretas entre Rio e São Paulo faziam que os fatos mesmo de maior importância chegassem ao nosso conhecimento com enorme atraso. A vida de cada uma das grandes metrópoles estava, por assim dizer, atrofiada sem essa comunicação, e não eram apenas os negócios do país que se ressentiam, em mercê da revolução em Piratininga, mas também os espíritos ansiavam pelo desfêcho do drama fratricida. E o mês de julho ia transcorrendo dêsse modo, repleto de acontecimentos, dos quais tão poucos eram elucidados ao grande público, quando, alta noite, a triste nova nos foi dada a conhecer entre as transmissões revolucionárias da vizinha capital. O Rio se habituara a recolher-se tarde, muito tarde, só depois de captar a palavra dos locutores bandeirantes, onde pontificava a do nosso velho amigo Cesar Ladeira. Eram apenas comunicados de guerra, apelos e protestos, ou notícias de vitórias o que nos mandavam as ondas radiofônicas, até quando, daquela vez, o acontecimento fúnebre também foi irradiado: "Morreu Santos Dumont". Na manhã seguinte, alguns jornais ainda encontravam jeito de dar em página destacada, aos seus leitores, a notícia que a todos enlutava. E, se alguma vez sentíamos a tragédia que representava para o Brasil a interrupção de relações de qualquer espécie entre São Paulo e Rio, nunca ela foi tão angustiosa quanto essa, que nos impedia de conhecer sem demora, nos menores detalhes, como ocorrera o trespassse. Foi só quando o armistício se verificou, meses depois, que os primeiros reporters cariocas desembarcados em São Paulo obtinham essas revelações e as transmitiam, incontinenti, aos seus jornais daqui. Mas bem pouco se devia saber realmente, porque até hoje um tênue véu de mistério e uma incógnita maior perduram sobre tão infausto registro. Éramos nós dos que, à vanguarda dos jornalistas do Rio, pisavam terra bandeirante, e lembramo-nos de ter entrado no Edifício Martinelli, à busca de aposentos no hotel ali existente, sob o fragor das últimas rajadas de metralhadoras que ainda se faziam ouvir. De resto, foi essa uma das viagens



mais acidentadas a que nos impelia o dever profissional. A primeira tentativa, por estrada de rodagem, tão logo chegou ao Rio o informe do armistício, viu-se irremediavelmente frustrada em Cruzeiro, onde o Quartel General do general Góis Monteiro se encontrava, e onde também a nossa caravana de reporter teve interceptado o seu percurso para ser, na madrugada seguinte, recambiada ao Rio, como se devolve à procedência uma encomenda que não conseguiu encontrar destinatário. Mas ainda o dever de informar o público sem maior demora nos impelia a usar de outros recursos, e menos de vinte e quatro horas após desembarcávamos em Santos, via aérea, com passagem adquirida, não para o porto de Santos, mas para uma cidade do extremo litoral do Sul... Enfim, usando de um inocente "truc", estávamos em solo paulistano, e dali era mais fácil adquirir condução para a capital.

Mas, em que pesasse o estado de espírito atormentado da gente paulista, ainda assim íamos encontrá-la mal refeita com o triste fato que havia sido a morte do Pai da Aviação. Era êsse um dos motivos culminantes que nos levavam a S. Paulo, na ânsia de sermos também dos primeiros a transmitir ao Rio pormenores a respeito. Não era tão fácil de obtê-los quanto parecia à distância, pôsto que o desaparecimento de Santos Dumont, sentiam-no todos, ligava-se indiretamente ao período revolucionário que o país vinha de sofrer. Mesmo os parentes do grande morto, ao receberem a visita do reporter, escusavam-se a maiores detalhes. Desmentiam, sem reboços, que tivesse havido um gesto extremado, mas reconheciam a tortura nos derradeiros dias de existência por que passara o homem sábio que um dia, muitos anos antes, conseguira solucionar o problema do "mais pesado que o ar".

— Não foi com nenhum propósito destruidor, não foi para eliminar vidas, nem para destruir cidades que Santos Dumont mereceu a alcunha de Pai da Aviação — diziam-nos os mais íntimos. Ele dedicou o melhor de sua agitada mocidade à aviação, e queimou pestanas, e encaneceu, e ficou realmente calvo, nos estudos cem por cento eficientes que lhe deram a glória. Mas o aeroplano devia ser, apenas, um traço de união

O famoso panamá e o terno azul-marinho listrado, que integravam a personalidade de Santos Dumont por ocasião de suas arriscadas provas do princípio do século, em Paris, estão recolhidos ao museu, de par com outras peças da indumentária do Pai da Aviação. Maravilhosamente conservados, mais parecem continuar em pleno uso por parte do seu saudoso dono.

entre os povos. Ele sentia que o mundo teria encurtadas as distâncias de homens para homens, se porventura um veículo mais rápido os aproximasse. E deu a esse mundo o que lhe faltava. Mas depois sentiu o desvio no aproveitamento do seu invento. O que sonhara, um instrumento de paz e melhor compreensão entre o seu semelhante, foi deturpado vergonhosamente, até servir da mais destruidora arma

contra os seres humanos e a civilização que tantas gerações, paciente e exaustivamente, haviam construído por séculos e séculos...

Nossa correspondência era publicada num matutino do Rio, horas depois, transmitida pelo telefone. E de regresso sentíamos a reação que a mesma havia feito registrar em tôdas as camadas de público.

Desde então, sempre que as

contingências de serviço nos levavam a São Paulo, tentamos rebuscar o doloroso caso Santos Dumont. E surge, sempre, algum novo esclarecimento, dêsses que nem sempre convém divulgar antes do tempo. Há muito a escrever quanto ao drama íntimo de Santos Dumont, mas nem tudo está amadurecido para tal empreendimento. Continua o mundo às voltas com o drama e as torturas previstas pelo in-

ventor brasileiro. Ele sentiu, antes de nós todos, a catástrofe que se avizinhava e, seis anos antes do deflagrar da guerra que ainda aí está, ele distinguia o grau de aproveitamento bélico a ser dado à sexta arma. Dizia-nos alguém, que muito participou dos derradeiros dias de Santos Dumont, assistindo-lhe aos funerais aqui no Rio, meses depois:

— Já quando ele voltou ao Brasil estava decepcionado. E não se cansava de transmitir aos amigos e parentes, na intimidade, seus receios quanto ao mau aproveitamento do aeroplano. Por vontade própria — fôsse isso possível! — teria inutilizado toda a sua obra e, pudesse ele privar a Humanidade do seu maior invento, ele o teria feito...

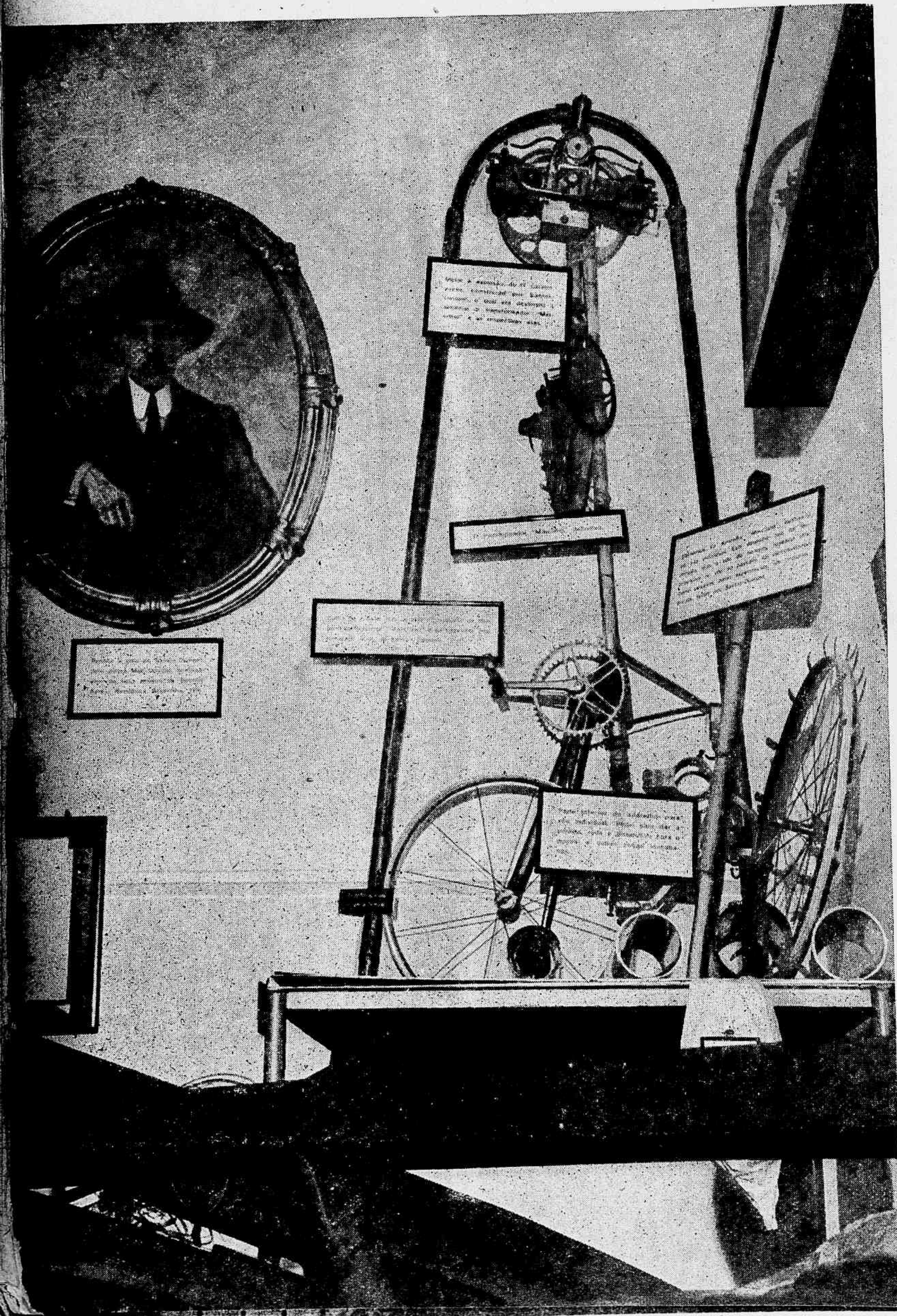
Mas não pôde. A melancolia com que Santos Dumont se recolheu a uma vida obscura, na cidade de Santos, já com o despontar da revolução de 32, era um índice expressivo do seu estado de alma. Retraía-se de todos e de tudo, não procurava notícias dos acontecimentos; antes, cismarento e quieto, mergulhava nos livros e não lia, imaginava outras viagens que não devia realizar e sofria o seu drama interior. O drama shakespeariano de quem, um dia, no viço da mocidade, sonhou ser útil às gerações vindouras para certificar-se de lhes deixar um triste legado.

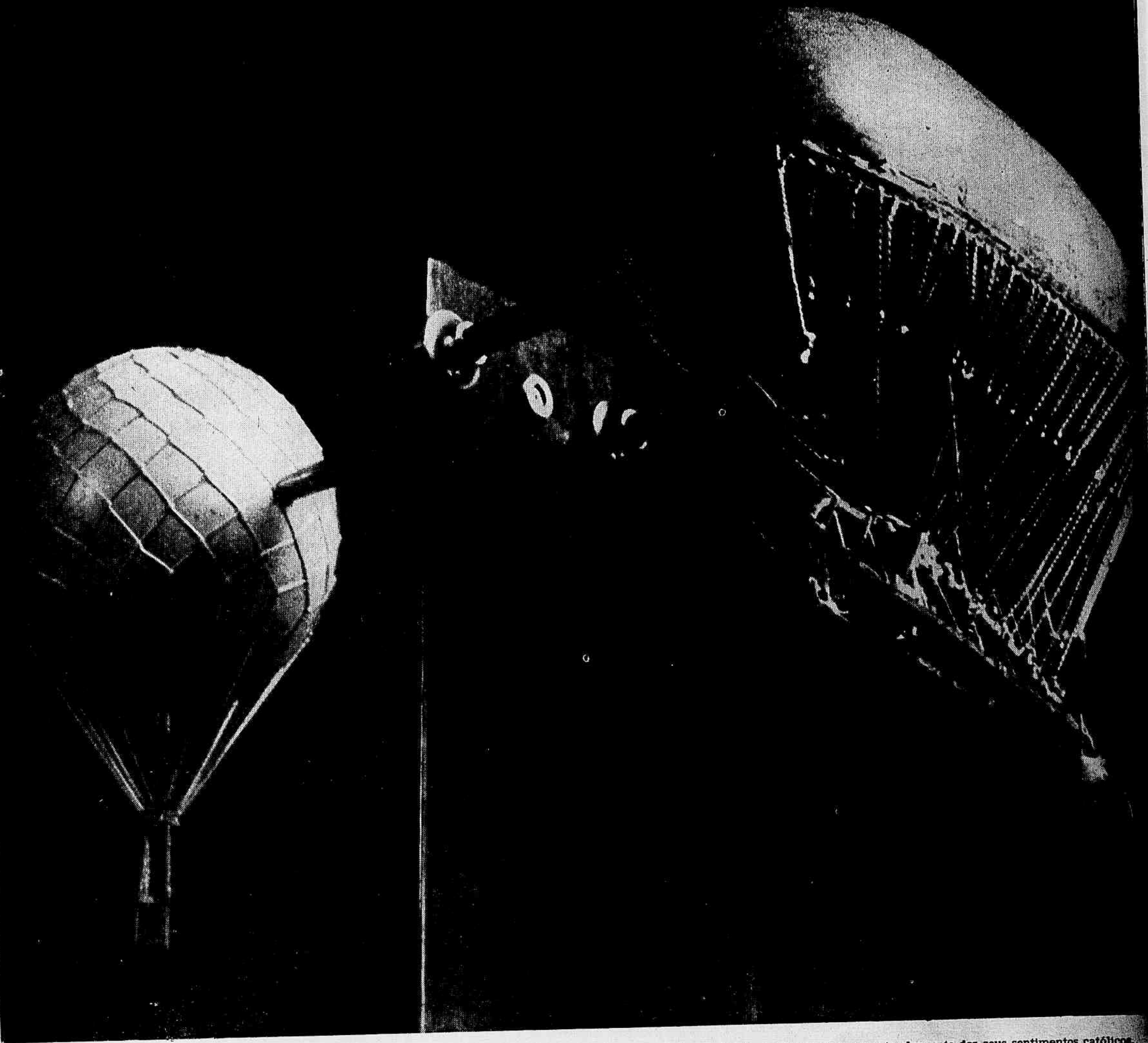
E quando, naquela tarde de um julho revolucionário, ele teve conhecimento do embate entre dois aparelhos brasileiros, nos quais houve perda de vidas, mais o seu acabrunhamento se pronunciou. Para um homem da sensibilidade de Santos Dumont o golpe seria por demais forte. Foi o espetáculo terrível de um duelo entre pilotos patrióticos, nos céus límpidos de sua pátria, que ele tanto havia amado, o que o levou a um desespero irreparável. E não há, portanto, o menor exagero acreditando-se ter sido Santos Dumont morto friamente pela certeza concebida de ser o responsável maior dessa catástrofe. Homem viajado, culto, observador atilado, ele previu a extensão do drama que na mesma década iria estender-se a todo o planeta e do qual participaria o Brasil também.

Era demasiado sofrimento. Seu coração, combalido pela soma de emoções, sublimes umas angustiosas outras, que ele havia vivido, não resistiu. Estorrou.

E no entanto, pudesse Santos Dumont resistir e viver mais, até nossos dias, ele acabaria — quem sabe? — reconciliado consigo mesmo. Se o seu invento contribuiu, de maneira implacável, para o advento da fase mártir do mundo, que se iniciou não em setembro de 1939, mas com os primeiros arreganhos do fascismo na Abissínia e na Espanha, por outro lado foi ele também o poderoso e varonil instrumento que agora está fazendo

Nos últimos anos de vida Santos Dumont dedicava-se por completo à invenção de aparelhos que de qualquer modo beneficiassem o homem. Canhões pacifistas para soltar petardos salvadores de naufragos ou de navios em perigo, o planador humano, aparelho-estudo para a consagração do "homem voador", e outros inventos que não chegaram a ser ultimados, lá se encontram, na sala Santos Dumont do museu. É sabido que o grande brasileiro morreu desiludido do mau aproveitamento de seu maior invento, o aeroplano, que ele não desejava fôsse utilizado com fins destruidores, como de fato aconteceu.



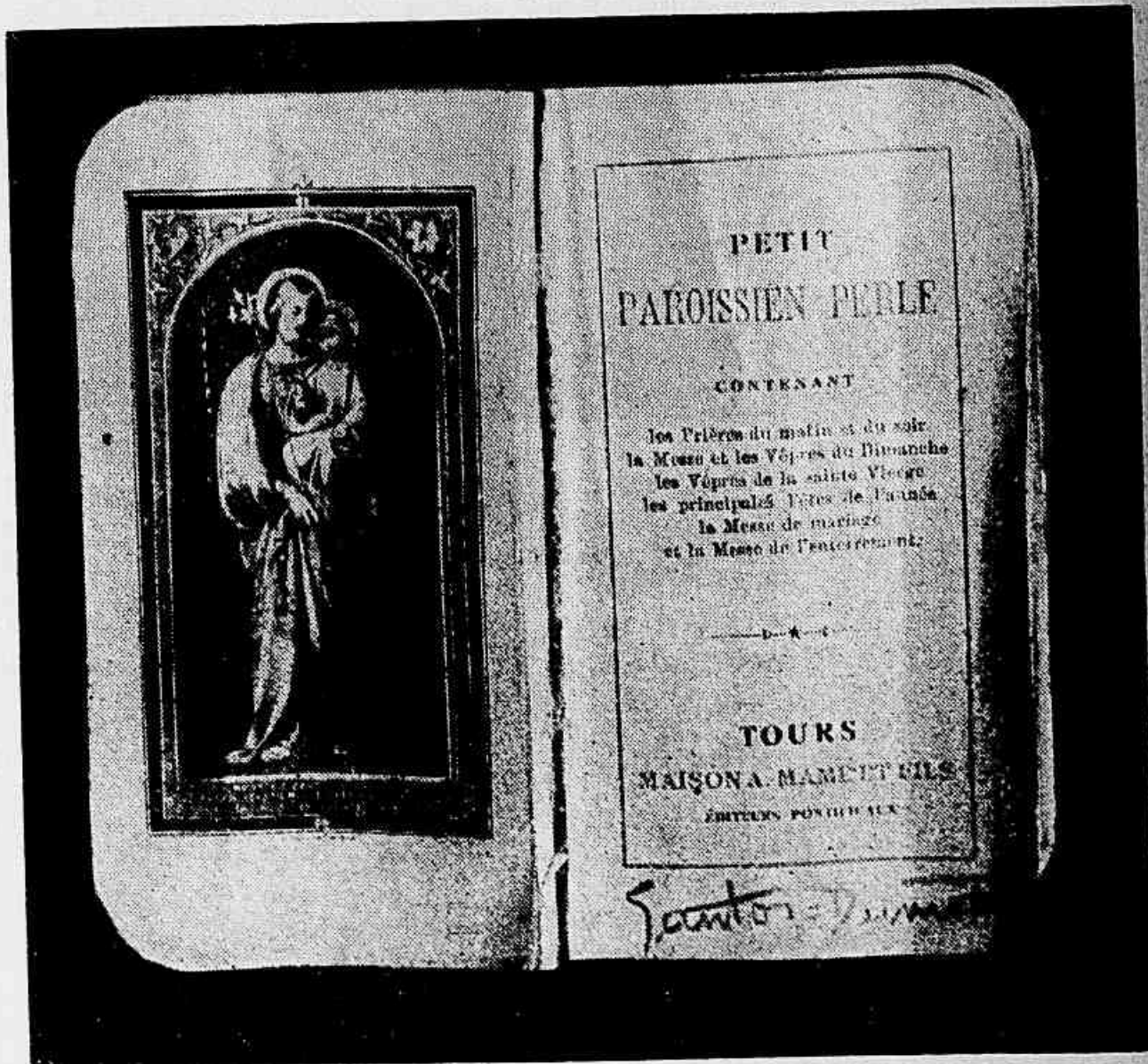


Em cima, reprodução das miniaturas, em metal e madeira, de um balão e um dirigível, ambos realizados por Santos Dumont e utilizados por ele mesmo para um peso de papéis. Essas miniaturas reproduzem fielmente, nos mínimos detalhes, os inventos de Santos Dumont, que se vê na gravura inferior em um retrato raríssimo, feito quando ainda na mocidade do aviador.

O livro de orações de Santos Dumont, documento eloquente dos seus sentimentos católicos. O pequeno volume, editado em francês, idioma com o qual tanto se familiarizou o nosso patrício, tem visíveis indícios de seu grande uso e está autografado no frontispício. Essa é outra preciosa relíquia agora recolhida à sala do Museu do Ipiranga, de homenagem a Santos Dumont.



cair o pedestal dos potentados dêste mundo tão cheio de provações. Os aparelhos de Hitler que primeiro bombardearam os povos da Europa desapareceram para ceder lugar aos aviões muito mais possantes e redentores das Nações Unidas. Pudessem o nosso infortunado patrício conhecê-los agora, sentir quantos aperfeiçoamentos lhes introduziu a geração mais moça, e talvez suas amarguras e apreensões se dissipassem. Asas libertadoras cobrem todos os países e voam de terra em terra, levando até onde é preciso seus suprimentos de guerra e de paz. Aviões transportam feridos e salvam-lhes as vidas que estariam irremediavelmente perdidas sem êsse recurso de condução. Tropas libertadoras podem ocupar mais depressa suas posições, mercê do invento de Santos Dumont. E os homens, que por viverem afastados milhares



o velho Taunay e para saber de alguma inovação no seu setor de trabalho. Nem sempre é fácil encontrar essa inovação, mas confessamos que desta vez Taunay tinha para o repórter a sua mais grata surpresa: a Sala Santos Dumont.

Antes de oferecer aos leitores destas reportagens os flagrantes apanhados em conjunto no histórico museu de São Paulo, vamos assim proporcionar-lhe estas relíquias de Santos Dumont. Não pensem que tudo venha a apreender-se das simples ilustrações resumidas nesta página, porque uma edição inteira não seria bastante. . E todavia o pequeno museu do Pai da Aviação, incluído no grande museu paulista, consiste em uma única dependência e um pequeno corredor. Mas não vale a quantidade, senão a qualidade dessa dependência, o carinho realmente emocionante com que ali se dispuseram todas as recordações do homem que um dia despertou a França para mostrar-lhe o seu mais arrojado feito, dando a volta, pelo ar, à Torre Eiffel. Porque, senhores, na Sala Santos Dumont parece estar condensado tudo quanto a este pertenceu, e dir-se-ia que só ele faltasse fisicamente. Em espírito, Santos Dumont está nas menores coisas ali dispostas com esmeros e requintes de grandes afeiçoados e que se espalham pelas vitrines, pelos armários envidraçados, pelas paredes e num canto da sala, onde se aglomeram, num desarranjo muito a caráter, inventos inacabados, apetrechos que o cérebro de Santos Dumont ideou para fazer bem à humanidade. Naquele ângulo estão os mais exóticos e incompreensíveis aparelhos, uns diminutos, podendo segurar-se entre os dedos, outros pesados e grandes, requisitando dois pulsos fortes para se arrastarem. O canhão sonhado pelo nosso patriota para despejar uma granada "pacifista" a grande distância,

Fita dupla, com as cores das bandeiras brasileira e francesa, tendo em uma das extremidades dois pequenos pesos de chumbo. Quando Santos Dumont empreendia seus primeiros vôos em Paris, costumava jogar ao povo essas significativas lembranças.



Onde se vê que até o cinema interessava a Santos Dumont. Em fins do século passado ele trabalhava no preparo de um aparelho denominado "Caleidoscópio", consistindo na sucessão de flagrantes fotográficos em número superior a mil. Eram tomadas pacientemente feitas, cada qual mostrando os personagens em rápidas mudanças de atitudes. Depois, percorrendo rapidamente as fotografias, elas davam a ilusão de movimento desses personagens. Sem dúvida, foi esse um dos pontos de referência para a descoberta do cinematógrafo.

de quilômetros entre si não lo-gravam entender-se, agora podem reunir-se nos mais remotos pontos da terra e conferenciar amistosamente, solucionando quisílias e traçando as diretrizes de um mundo melhor, expurgado da torpeza nazista. Tudo isso graças ao invento do nosso patriota. Sem ele Stettinius não poderia transportar-se

de Moscou ao Rio de Janeiro e do Rio de Janeiro ao México em menos de uma semana. E o que foram os benefícios prestados às Américas com esses saltos, todos o sabemos.

Esse comentário retrospectivo surge a propósito do encontro agradável que nos estava reser-

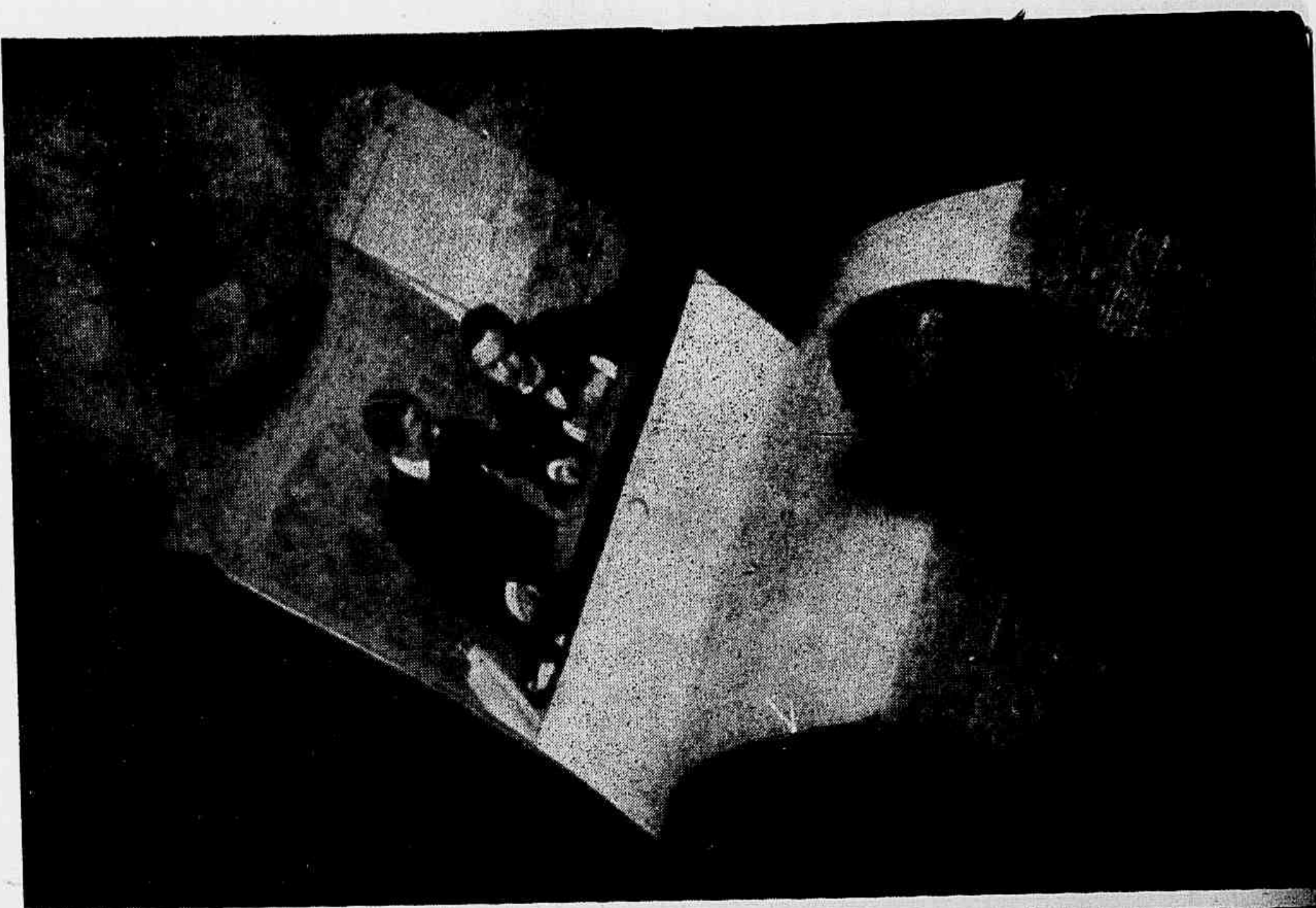
vado nesta mais recente visita a São Paulo e ao museu do professor Affonso Taunay. Não são apenas os turistas, em excursões de curiosidade e pesquisas excêntricas, que frequentam o Museu do Ipiranga. Nós ali costumamos entrar sempre que nos sobram algumas horas de folga em uma nova excursão à terra bandeirante, para conversar com

onde poderia ser alcançada pelo naufrago ou pelo navio correndo perigo de afundar; o complicado engenho que, uma vez disposto nas costas de qualquer homem, lhe facultaria o privilégio de levantar vôo, erguer-se às alturas, sem auxílio de possantes motores mas com o impulso suficiente para vencer uma razoável distância; os planadores, as asas soltas, tudo enfim que os próprios funcionários do museu não sabem definir rigorosamente, ali se encontra, dando a ilusão fagueira de aguardar a volta do inventor para o remate de sua obra. E as recordações dos memoráveis feitos aviatórios na França, inclusive o motor da primeira "Demoiselle", podem ser analisados pelo olhar do leigo, que o envolve em um mixto de admiração e respeito. Mas também os pertences particulares do aviador, seu guarda-roupa, o famoso terno listrado, azul-marinho, com que subiu aos ares em Paris, o seu pitoresco Panamá, que os caricaturistas da época tanto glosaram, o terno de rigor com a última casaca ainda talhada por um costureiro londrino, até os apetrechos de esporte praticado pelo glorioso morto, tudo enfim ali se encontra. Sem dúvida, faltam muitas outras coisas, que a seu tempo serão reunidas ao museu inaugurado em fins do ano último. Mas lá encontramos, por exemplo, os cadernos de apontamentos, nos quais Santos Dumont anotava seus compromissos mundanos — um jantar com o titular britânico, um almoço no Derby com importantes figurões europeus... As datas confundem-se e saltam dos últimos anos do século dezanove, quando Santos Dumont estava longe de alcançar a glória, até as vésperas de seu trágico desenlace. Mãos amigas tiveram o trabalho carinhoso de reunir, em um vistoso volume, todo o noticiário de jornais e revistas alusivo aos funerais do brasileiro cuja perda nunca será de mais chorar. E o breviário de orações, devidamente autografado, lá está também em lugar destacado.

Em dado momento nossa curiosidade é atraída para um objeto singular, em forma de cilindro. Aberto o mostruário dentro do qual esse objeto se encontra, nós o examinamos, e uma surpresa maior nos espera: é um ensaio cinematográfico que temos em mãos. Santos Dumont preocupava-se também com o invento de Lumière, por ocasião de suas primeiras viagens à França. E ali está o "Caleidoscópio", ponto de referência para a cinematografia de nossos dias. Centenas, se não milhares de pôses fotográficas foram batidas, com o aviador

●

Pelas gravuras ao lado pode o leitor aprender melhor os movimentos manuais do "Caleidoscópio" posado por Santos Dumont e talvez inventado por ele mesmo. O pioneiro da aviação, em companhia de um amigo, movimenta-se ligeiramente, ao manejar, em velocidade, esses retratos. E a totalidade dos retratos constituía um cilindro, que se devia adaptar a qualquer outro apetrecho não existente no museu. Notável o trabalho de paciência para posar tão grande número de atitudes...



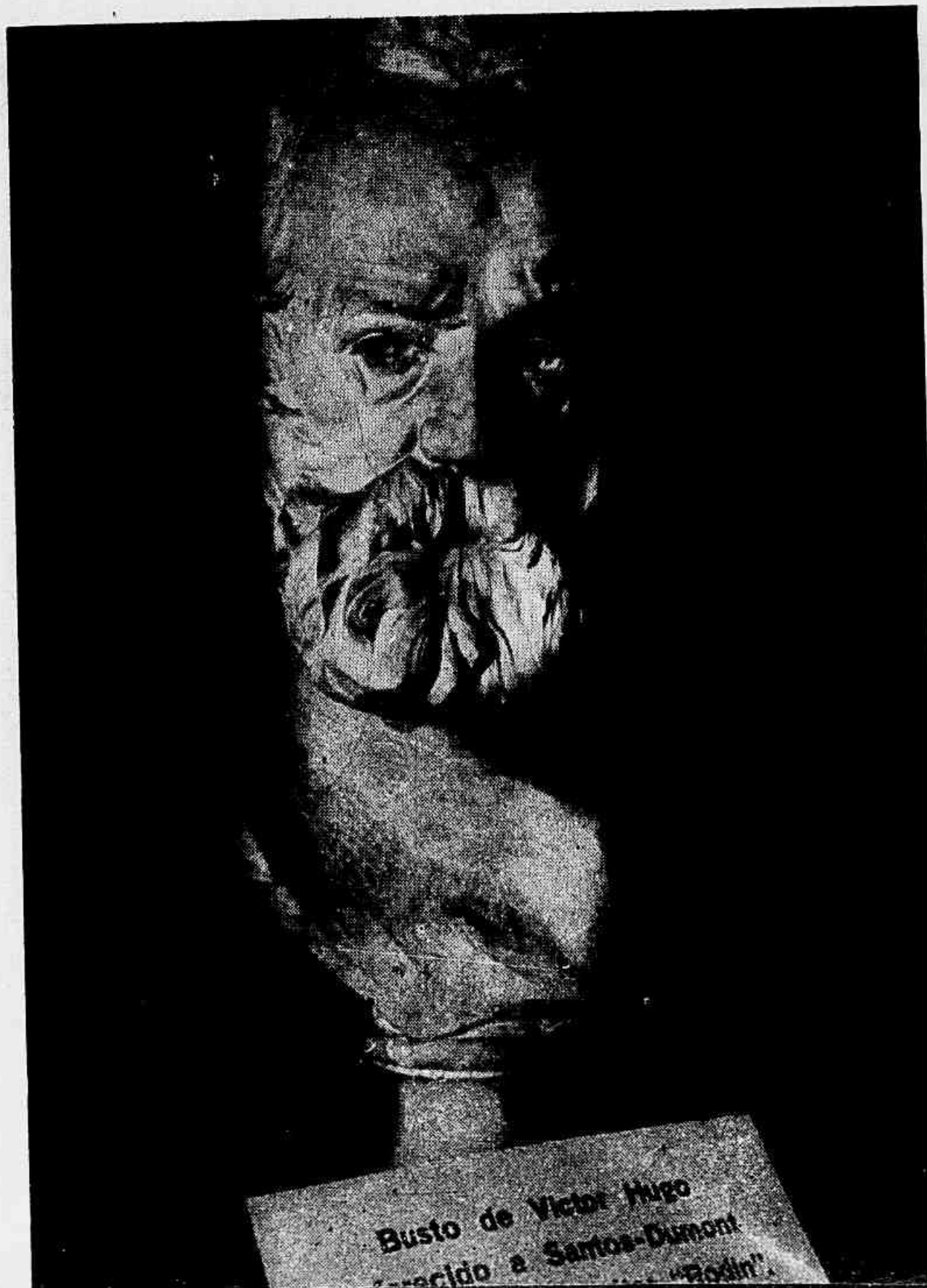


Não só a roupa azul-marinho listrada foi recolhida à Sala Santos Dumont do Museu Ipiranga, mas outras peças de seu guarda-roupa. O terno de casaca usado pelo aviador nas grandes cerimônias e por ele conservado até os últimos dias de vida, embora pouco o estivesse usando, também ali se encontra.

e um amigo, sentados a uma mesa. Cada pôse reproduz uma atitude, e perpassando-se os pequenos quadrados das fotografias com certa velocidade, como se percorrêssemos um baralho de cartas, temos a ilusão de se movimentarem as duas figuras. Santos Dumont debruça-se na mesa, abre um volume, aponta para um objeto na parede, volta-se, caminha, empunha uma bengala e a manieja, à guisa de florete. O amigo permanece sentado, apreciando-lhe os movimentos. E' como se assistíssemos a uma projeção em câmara lenta, com o simples recurso manual, folheando as fotografias em posições sucessivas.

Infelizmente ninguém sabe explicar a origem desse invento, nem consta, do pequeno museu Santos Dumont, qualquer esclarecimento alusivo. Mas compreende-se que a fotografia anima-

Outra preciosidade de valor inestimável: o busto de Victor Hugo, oferecido ao nosso pátrio pelo escultor Rodin. E' uma peça de sessenta centímetros de alto, em gesso, simbolicamente reunindo três homens de gênio: o romancista, o escultor e o pioneiro da aviação.



da, em suas origens, também interessou ao homem de gênio, curioso e irrequieto, com uma centelha de espírito atilado, voltando-se para todos os atestados humanos de evolução e progresso.

Mas não há tempo a perder. O horário da visita ao museu, por demais exíguo, intima o reporter a passar adiante, porque ali, dentro daquela dependência do Ipiranga, tudo é assim curioso, interessante e histórico. Acresce que Santos Dumont foi sempre um indivíduo metódico e pontual. Seus biógrafos, em analisando meticulosamente esse museu, ali terão encontrado substancioso material elucidativo, que não cabe nas dimensões de uma simples reportagem. Valham êstes apontamentos, todavia, para alertar a quantos, algum dia, quiserem escrever, sentidamente, com conhecimento de causa, sobre a personalidade do "homem que previu o drama" e não lhe quis assistir ao "climax".

Em palestra com o professor Affonso Taunay, ele nos diz da melancolia e das apreensões do grande morto quando o visitou pela última vez, ali mesmo, no Ipiranga. Pouco tempo antes Santos Dumont fôra eleito membro da Academia Brasileira de Letras. E foi, então, acompanhado de um jovem parente, apresentar seus agradecimentos a Taunay, pelo voto que lhe havia dado no cenáculo do Petit-Trianon. Mas — observa o diretor do Museu — era de real abatimento e de glacial indiferença a sua atitude. A visita restringiu-se a poucos minutos de conversa, durante a qual Santos Dumont falou muito pouco ou mesmo nada. Chegou, agradeceu, percorreu algumas salas, examinou objetos, quadros, documentação histórica e retirou-se. Estava apático, alheio a tudo que o rodeava. Em seus olhos uma sombra de tristeza, em seus gestos uma indolência maior.

Na tarde seguinte recebia o diretor do Museu outra visita. Era o sobrinho de Santos Dumont, que se apressava em desculpar o tio, pela maneira por demais discreta que se mantivera naquela desobrigação de um simples compromisso social...

E nunca mais Affonso Taunay falou com Santos Dumont. Quando lhe chegou a triste nova do falecimento, não se surpreendeu.

Deparamos, agora, com a reprodução da ata assinada aos 12 de novembro de 1906, no Aero Clube de França, em pleno Campo de Bagatelle, onde o seu presidente, Mr. Archdeacon, proclamava:

"Nós, abaixo assinados, representantes do Aero Clube de França, encarregados de controlar "de visu" a experiência do aeroplano "14 Bis", construído pelo senhor Alberto Santos Dumont, de nacionalidade brasileira, formulamos a seguinte ata: isto é o processo verbal do que vimos. Depois

Santos Dumont ao lado de sua sobrinha, esta ostentando um pequeno aparelho volante que o inventor não chegou a ultimar. Algumas experiências nesse sentido fizeram-se aqui mesmo, no Rio, pouco antes de 1932, quando se deu o doloroso desaparecimento do Pai da Aviação. Também esse aparelho foi recolhido ao museu, conforme descrição nesta reportagem.

de uma primeira experiência, às 8 horas e 40 minutos da manhã, uma segunda experiência foi executada no sentido contrário da primeira. Nesta tentativa, depois de um percurso de duzentos metros, correndo sobre o solo, o aparelho tripulado por Santos Dumont se levantou muito nitidamente. As três rodas do aparelho deixaram de estar em contacto com o solo. O aparelho subiu a uma altura que os abaixo-assinados avaliaram em oitenta a noventa centímetros, e isto em um percurso de duzentos e setenta metros, com uma velocidade de translação avaliada em sessenta e cinco quilômetros por hora."

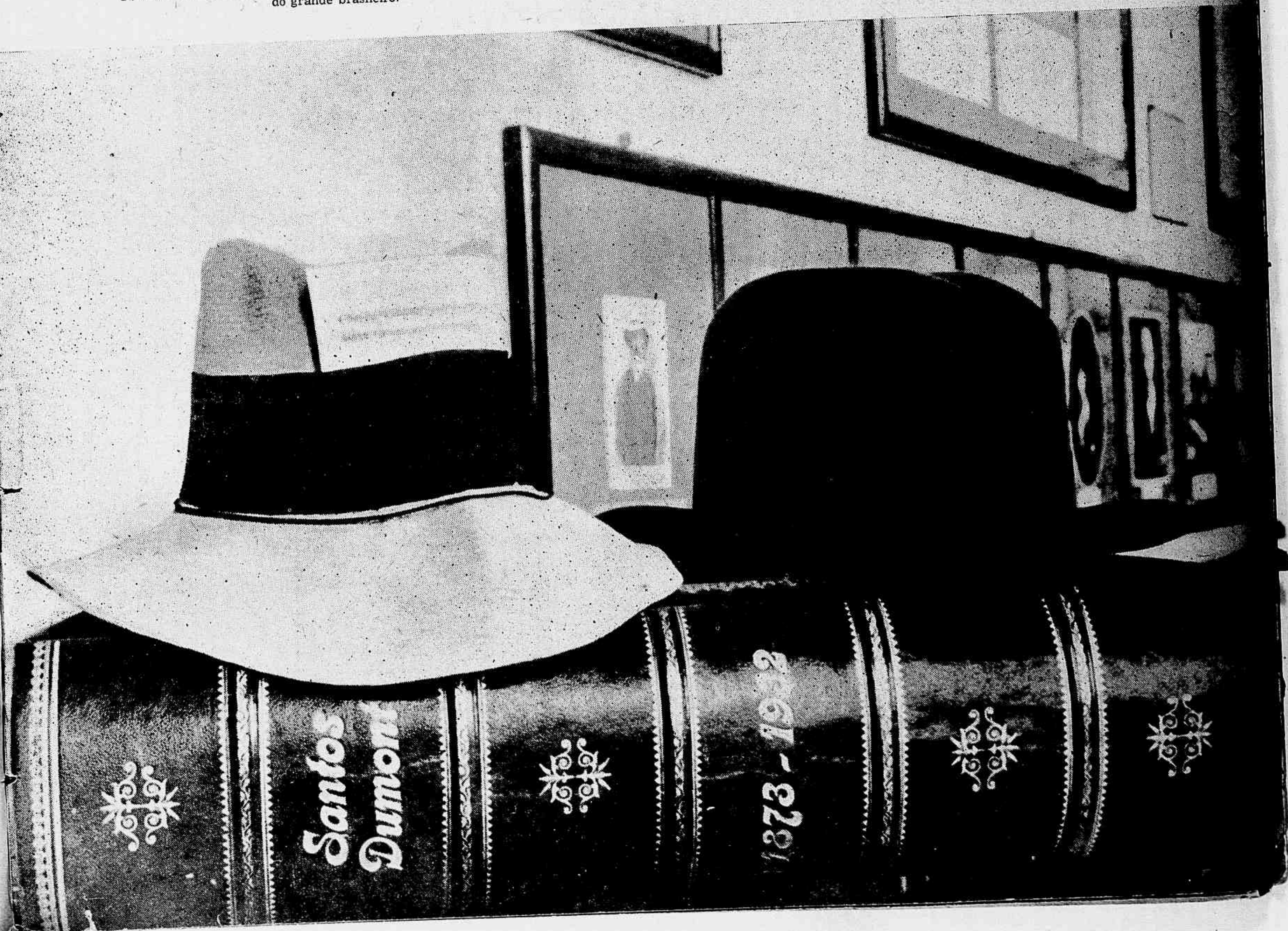
Percorremos, agora, outros apontamentos, estes de caráter biográfico. Muita gente ainda ignora que Santos Dumont não era paulista, como tantos acreditam. Nasceu no município de Santa Luzia do Rio das Velhas, em Minas, a 20 de julho de 1873. Mas foi viver em São Paulo e ali, ainda em criança, lhe surgiu a idéia da conquista do ar. Em São Paulo estudou e de São Paulo partiu para a França, afim de controlar um balão munido de um motor e de um propulsor. São Paulo foi "o seu casulo sedoso, o berço da ninfa". Paris, "o seu estado de crisálida, o surto

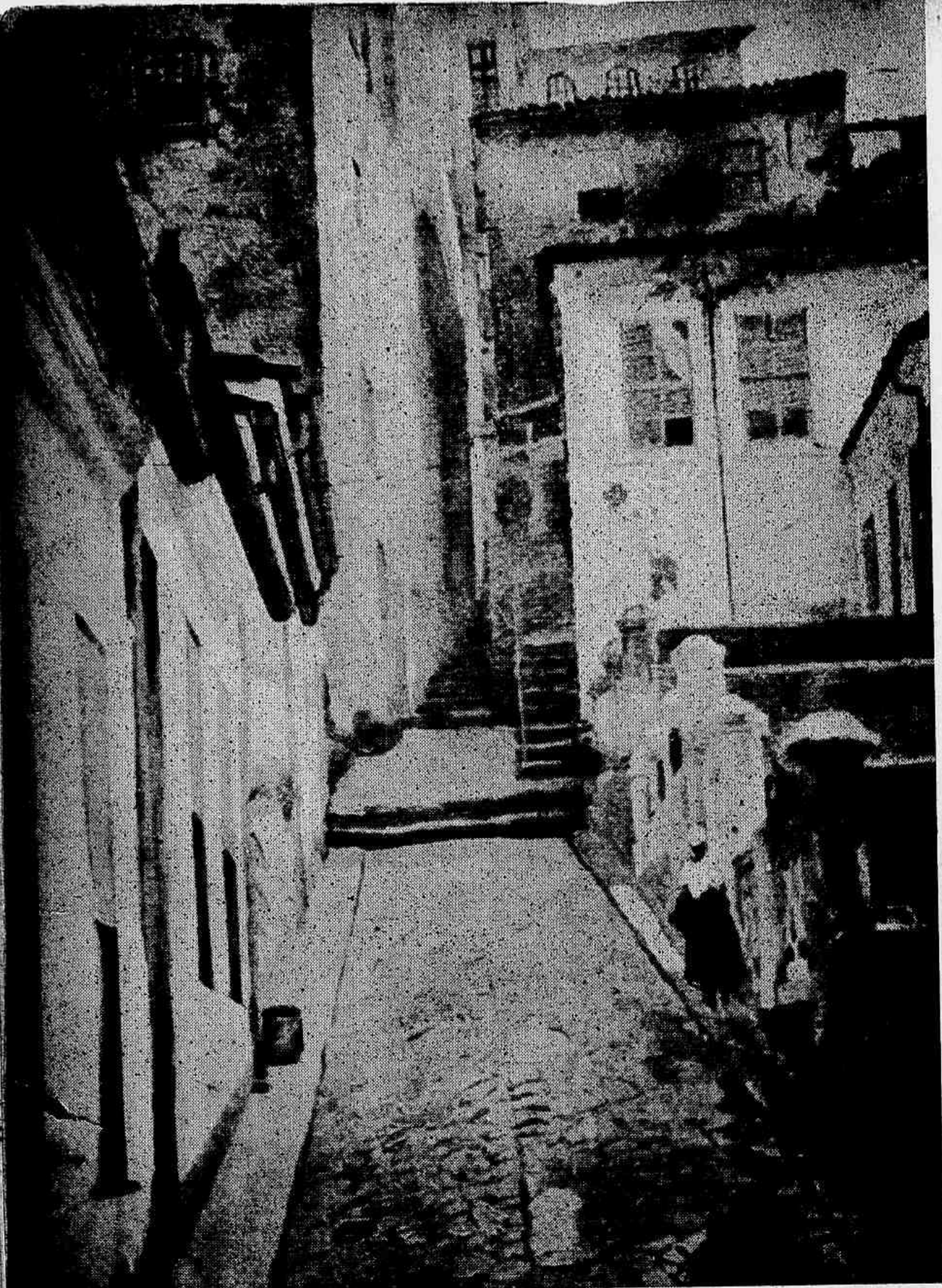
do lepidóptero". Mas não esqueceu nunca nem São Paulo, nem o Brasil. Quando empreendia seus vôos por sobre a Cidade-Luz, ou quando tomou o aparelho partindo de Paris para alcançar Reims em 17 minutos, jogava do alto, para as multidões que o aplaudiam de chapéus de palha pendurados na ponta das bengalas de junco, fitas com as cores das bandeiras brasileira e francesa, trazendo em uma das extremidades pequenos pesos de chumbo.

Damos por encerrada a nossa visita à Sala Santos Dumont no Museu Ipiranga. E voltamos para a cidade onde os pregões de jornais bradam as últimas vitórias da aviação.

Que lástima não estarem abertos os olhos penetrantes desse pequenino-homem-grande, para assistir, mais tarde, ao aproveitamento integral do seu invento, como veículo de paz, de aproximação dos homens entre si e de salvação da Humanidade!

Finalmente, os dois chapéus inseparáveis e característicos de Santos Dumont: seu histórico panamá e o chapéu de feltro, este último mais usado na última fase de vida. Ambos estão colocados sobre um livro de recortes de tudo que a imprensa publicou por ocasião da morte de Santos Dumont, no transcurso da revolução paulista de 1932. Observe-se a data do livro: 1873-1932, anos de nascimento e da morte do grande brasileiro.





Rua Rodrigo Silva (Bahia)
Beco Balano



ARTES PLASTICAS

Armando Pacheco, Prêmio de Viagem ao Brasil e renomado artista patricio, cujo conceito mais se vem firmando à medida que suas novas mostras de arte se apresentam, está em ordem do dia. Ele inaugurou ontem, no Palace Hotel, sua VIII Exposição de Pintura, reunindo no salão elegante daquele estabelecimento algumas dezenas de óleos e aquarelas, na maioria fixando aspectos e figuras da Bahia, de Sabará, de Angra dos Reis e de Campos. Damos nesta página, de par com um autorretrato, a reprodução de três daqueles trabalhos recém-expostos, mas quem percorrer o local onde Armando Pacheco reuniu suas telas há de encontrar muitos outros motivos interessantes e realmente magníficos. Destacaremos, ao acaso, "Feira de Santana", "Velha Ponte de Arcozelo", "Rua do Teatro de Sabará" e "Rio das Velhas". A exposição do festejado artista, como de praxe, prolongar-se-á até o dia 31 do corrente, e tudo faz crer que venha a registrar outro auspicioso acontecimento na carreira de Armando Pacheco.

Coqueiral em Praia Grande (Bahia)



O melhor meio de roubar um quadro é colocá-lo debaixo do braço e sair com ele à vista de todos...

O alemão jogou as tochas acesas de encontro às cortinas, e as labaredas em breve consumiram o tecido fino e alastraram-se engulindo a casa toda, na sua fúria destruidora. A um canto uma velha criada chorava, torcendo as mãos.

— Onde está seu patrão? Vamos! Responda!

— Já lhe disse que não sei, meu senhor.

— Quando foi que o viu pela última vez?

— Ontem, antes de chegar a notícia que as tropas alemãs haviam invadido a cidade.

Verificando que não obteria mais informações dela, o soldado afastou-se. Ia de certo modo desapontado, pois não tivera o prazer de assassinar, ele mesmo, o conhecido inimigo dos nazistas, o milionário holandês Mynheer van Schouven. Em troca, porém, aleara fogo à sua casa e trazia debaixo do braço um tesouro precioso, um quadro que no mercado internacional valeria milhões de libras.

Fritz apressou o passo, satisfeito.

— Johann van Schouven... Sim... Fugiu com a esposa e a filha antes de chegarmos, mas consegui o quadro — o que já é alguma coisa... Sim, mandá-lo-ei imediatamente para Berlim... Para onde? Ótimo! País neutro, hein? Isso vai me render uma condecoração, não há dúvida, talvez a cruz de ferro...

Dois dias mais tarde chegava em Berlim um pacote procedente da Holanda ocupada. Trazia, na parte de fora, um letrinho bem visível: "Cuidado, frágil". E vinha por portador especial, que deu um suspiro de alívio ao entregar a carga preciosa e tão recomendada. Está acabada sua missão.

O chefe da Gestapo abriu o pacote e ficou parado admirando a obra-prima. Era a "Velhinha de Harlem", de Rembrandt, e viera especialmente da Holanda para ajudar uma transação importante. Era, na verdade, a propósito daquilo que conversara daquela tarde com o fuehrer. E Hitler expressara a sua admiração pelo serviço da Gestapo. Herr Schultz não cabia em si de satisfação. Tinha, à sua frente, um auxílio para a Alemanha. Talvez, mesmo, aquele carregamento que haveria de trazer consigo a vitória...

Dois cavalheiros vestidos de preto entraram no escritório do chefe da Gestapo e foram recebidos com toda a gentileza. Quando saíram, duas horas mais tarde, estava combinado o plano. Um dos senhores era um milionário e o outro um ministro. O resultado, segundo se podia verificar pela expressão fisionômica de Schultz, tinha sido eminentemente satisfatório.

Era um homem de aspecto simples, pobre, como se via nas suas roupas gastas e velhas, mas escrupulosamente limpas. Entretanto, tinha uma certa dignidade no porte, que dava a entender que já vivera melhores dias. Na realidade fora uma pessoa muito importante. Ao seu lado, estava uma moça, loura e linda, e um rapaz muito simpático, vestido com extrema elegância, roupas evidentemente caríssimas.

Harper encarou o estranho e incongruente terceiro e perguntou:

— Em que posso servi-los?

Os três começaram a falar ao mesmo tempo, rápida e animadamente.

— Meus senhores, por favor! Um de cada vez!

A moça e o rapaz bem vestido, imediatamente pararam e pediram desculpas. O velho, então, tomou a palavra e começou a explicar.

— Trata-se do seguinte, meu senhor. Ouvi falar neste departamento, cuja existência eu ainda não conhecia. Em vista disso, e a instâncias de minha filha e seu noivo, resolvi dirigir-me ao senhor. Mas deixe-me apresentá-los. O sr. Harrison Sweeny III, minha filha Carlota.

Harper mal pôde conter um assobio. A fisionomia do rapaz tinha-lhe parecido familiar. Puderam! Multimilionário, acabava de herdar a fortuna incalculável da família Sweeney.

— E sua graça, por favor?

— Johann van Schouven...

Se Harper não estivesse sentado, com certeza cairia nessa posição.

O velho, porém, inconsciente da sensação que causara, seguiu explicando:

— Como o senhor sabe, possuía um quadro famoso no mundo inteiro: "A velhinha de Harlem", de Rembrandt. Na ocasião da invasão alemã tive que fugir e não pude levá-lo. Soube mais tarde que a Alemanha tinha formado um plano. O quadro, que vale milhões de libras, seria adquirido por um particular, um milionário de uma nação neutra. Esse senhor, todavia, seria usado meramente para dar à transação uma aparência de legalidade, porque na realidade o governo alemão estaria negociando com esse país neutro, recebendo armamentos em troca de alguns preciosos tesouros para adornar os museus pobres do país...

— Compreendo.

— O sr. Sweeney é noivo de minha filha. Já várias vezes quis ajudar-me financeiramente, em vista das condições em que abandonei meu país, porém recusei. Quando ele e Carlota se casarem, ele a sustentará: isso é direito. Mas não quero vê-lo sustentando um velho como eu...

— Ora, Van Schouven, você sabe que...

Porém o ex-milionário não deixou o rapaz acabar:

— Essa é minha decisão. Portanto, se obtivesse a devolução do quadro seria para mim uma grande coisa.

Harper assentiu:

— Compreendo. Mas não podemos fazer nada por enquanto. Como o senhor sabe, o nosso departamento presentemente está somente tomando nomes e propriedades roubadas pelos nazistas afim de serem restituídas a seus donos no fim da guerra. Sendo assim, infelizmente...

— Mas, Harrison...

— Escute, van Schouven, você pode ser teimoso. Eu também sou. Não adianta tentar dissuadir-me.

— Mas, Harrison...

— Será possível que a única frase que lhe ocorre seja essa? Você já repetiu "mas Harrison" uma dúzia de vezes...

— Quando vai partir?

— Imediatamente, já tenho passagem reservada no avião.

Carlota olhou para o noivo.

— Boa sorte, meu amor.

— Vou precisar dela.

Beijando a noiva e depois de apertar a mão do pai da moça, partiu.

Harrison parou à porta do palácio em que morava o milionário X..., no país neutro, e lembrou-se, subitamente, que não

tinha nenhum plano formulado. Como haveria de conseguir a devolução do quadro?

Ostensivamente, sua visita prendia-se a negócios com sua casa comercial naquela capital. Visitara as instalações, pela manhã, e ficara satisfeito. Mas todo o tempo ele ia pensando no milionário que se apossara do quadro, na transação entre os dois governos... No meio de apoderar-se do quadro.

— Sr. Harrison Sweeny.

O mordomo com voz trovejante anunciou o rapaz e ele entrou no salão, onde já estava reunido um grupo de pessoas convidadas para admirar a nova aquisição do milionário X... Este estava de pé, perto do quadro ainda coberto, conversando com

o ministro das Relações Exteriores do seu país. Eram, justamente, os dois cavalheiros que, ainda recentemente, haviam visitado Herr Schultz, para a maior satisfação do Reich.

— Vamos admirar agora o magnífico quadro do sr. X...

Todos os presentes voltaram-se para o lado do quadro e aguardaram, ansiosos.

X... adiantou-se e começou a falar:

— Meus senhores:

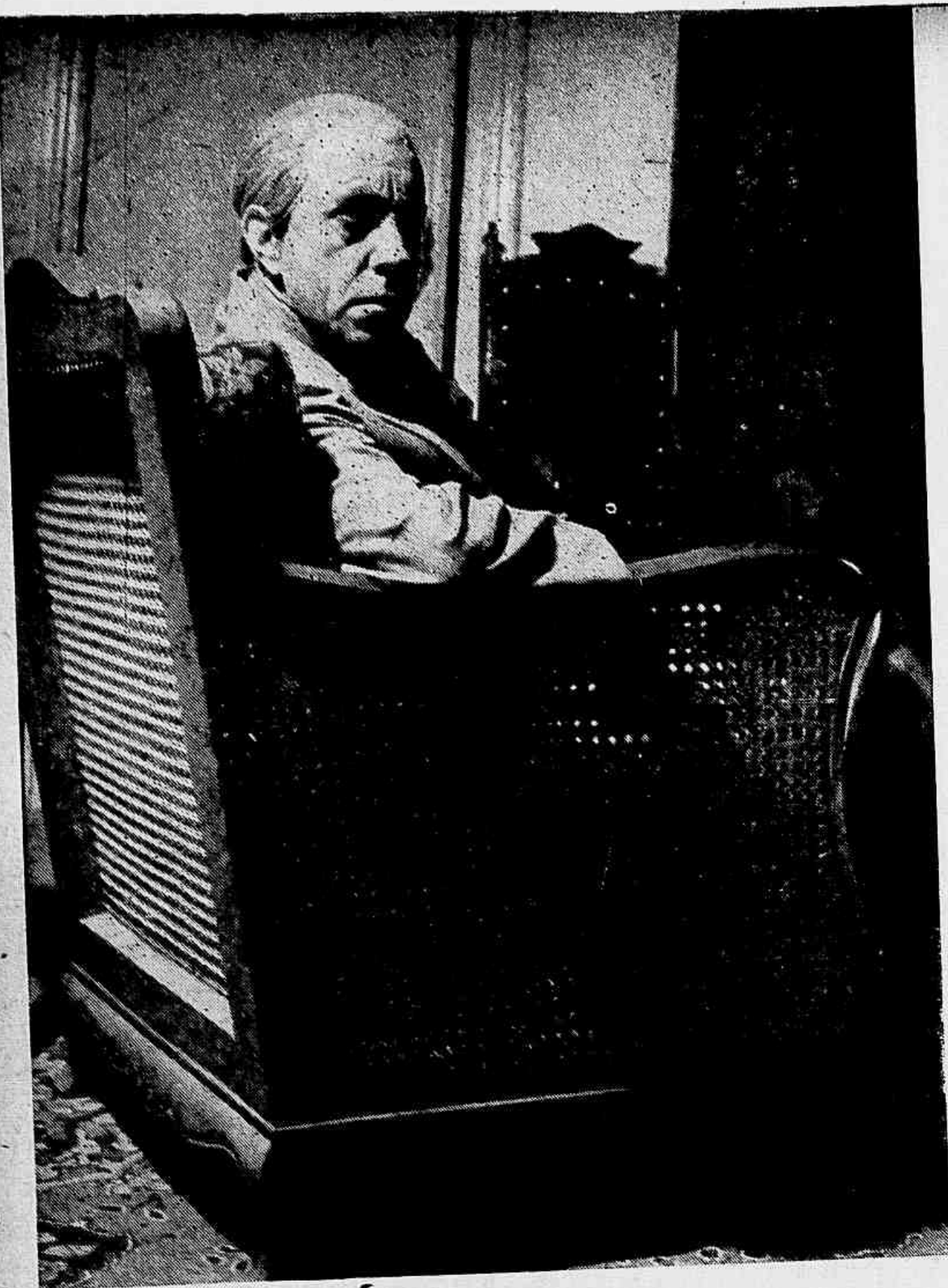
Pedi a um famoso crítico de arte americano que comparecesse a esta reunião com o fito de identificar o quadro. O sr. Brandon é profundo conhecedor da arte de Rembrandt e dir-lhes-á se o tesouro que vos apresento é ou não autêntico.

(CONTINUA NA PAGINA 40)



ROUBO SEM LADRÃO

Adaptação de uma novela
de PAUL GALLICO

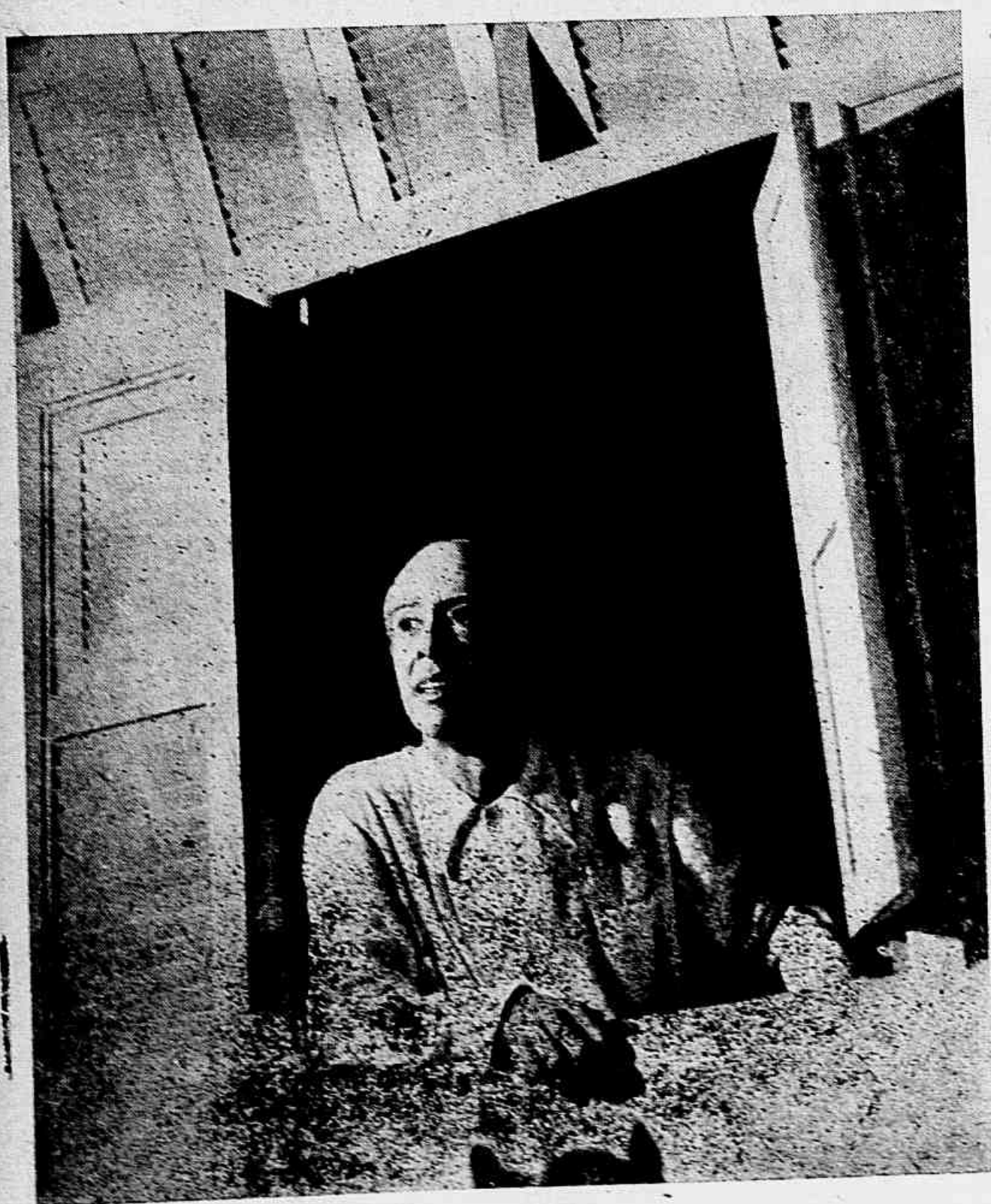


1 Casemiro está triste e pensativo, vendo se resolve o problema criado pelo seu "donjuanismo". Após o pileque tomado num banquete, deixou no bolso do seu genro Amancio uma foto de mulher com uma dedicatória comprometedora. Alina, sua filha, resolveu separar-se de Amancio, levando consigo o corpo de delito. Ao mesmo tempo chega à casa do genro a mulher de seu amigo Adolfo, molhada da chuva.



2 A convite de Amancio, Mercedes, esposa de seu amigo Adolfo, entra no quarto de sua esposa Alina e veste-se com um quimono desta, esperando que sequem as peças de seu vestuário. E enquanto ela se encontra nos aposentos de Alina, chegam de viagem Mamede, pai do dono da casa, e Rosinha, sua filha. Ali eles encontram o velho Casemiro.

A MULHER DO "SEU" ADOLFO



3 Mamede está confuso. Para justificar a permanência de Mercedes em sua casa, nos trajes em que é encontrada por seu pai, Amancio faz-la passar por sua esposa, de acordo com Adolfo. Mas Alina reaparece para reclamar os seus pertences, e o tabaréu encontra o filho abraçado com a esposa legítima, na sala. Pensando que Alina



4 As coisas estão cada vez mais confusas. Mercedes permanece calma, entretanto, e representa bem o seu papel de esposa de Amancio. O velho Mamede passa um "sabão" no filho, por ter encontrado em seu quarto um retrato de Alina com uma dedicatória melosa. Amancio confirma que Alina é esposa de Casemiro. E a situação piora. Ninguém pode prever as novas complicações que irão surgir no desenrolar da peça.



5 Amancio pensa numa solução para o seu caso. Alina abandonou-o novamente e foi residir com os seus pais. Enquanto isso Mercedes continua a se fazer passar por sua esposa. Alina faz agora o papel de esposa de seu próprio pai, sem que saiba disso entretanto. E o sogro, Mamede, vendo as suas intimidades com o filho, resolve também tirar uma "casquinha". Quando a moça aparece, avança para ela como um Romeu enfurecido, fazendo-lhe uma declaração em pura linguagem de Itioca.



6 "Pai, vamo simhora dessa casa". — Rosinha está scandalizada. Acaba de perceber o irmão beljando a lourinha, que ela julga ser a esposa de Casemiro. Mas agora quem não quer ir é o velho Mamede, que permanece firme na intenção de concorrer com o filho na conquista de Alina. E os dois matutos continuam a procurar entender aquela gente, que empresta as esposas aos outros e passam por maridos de suas próprias filhas.

7 "Não te disse que elas não acreditariam?". — Num golpe patético Casemiro declara à sua esposa Quiteria, a de "pince-nez", e a Alina que o retrato encontrado no bolso de Amancio pertence a ele próprio, Casemiro, e que a dedicatória se refere à sua pessoa. Quiteria ri da história e se indigna contra o genro, que não se peja de aceitar o "heroísmo" de seu esposo. E o pobre Amancio se vê, assim, cada vez mais envolvido nessa trama emaranhada que o destino lhe reservara. E ele, além de sofrer com a separação da esposa, ainda é obrigado a ouvir os desaforos da sogra, que não perde vasa de falar de seu procedimento infame. Nesta cena, enquanto Casemiro se desculpa com o genro, a sogra induz a filha a requerer o desquite. E Alina, apesar de ainda amar o marido, parece que está disposta a seguir os conselhos maternos...





8 "Precisamos acabar com esta farça de uma vez por todas". — Amancio está angustiado com a situação embaraçosa criada pela sua mentira inicial, que gerou uma série de outras mentiras. As coisas chegaram a um ponto que nem ele mais compreende o que se passa em sua casa. Alina agora, para o pai, é a mulher de Casemiro. E o velho Mamede continua a arrastar a asa à esposa do filho, tentando uma aproximação com a mesma por intermédio de Casemiro, a quem ele tenta agradar sempre com promessas de presentes, etc. Enquanto isso acontece, o pobre rapaz estuda um plano que dê fim ao tremendo "qui-pro-quo". Na cena acima ele está tentando fazer compreender a Casemiro a mulher de "seu" Adolfo que o caso deve ser esclarecido. Mas Mercedes tem interesse em que tudo permaneça "como está", afim de ficar de posse do cheque de Cr\$ 20.000,00, presente de Rosinha à "esposa" de seu irmão.

9 Parece que tudo vai ser definitivamente esclarecido. Mamede está procurando compreender a situação. Quando Adolfo se abraça à esposa e esta explica a sua verdadeira identidade, o queixo do tabaréu cai. Ele e Rosinha já haviam se despedido, mas resolvem prolongar a sua estadia até que tudo se esclareça. O espírito bronco do velho não se convence com facilidade. E ele indaga repetidamente se Mercedes é, de fato, a mulher de "seu" Adolfo. Rosinha está boquiaberta e compreende cada vez menos o que se passa em torno dela. E insiste com o pai para que regressem à fazenda antes que a "pouca vergonha" daquela casa os contamine. Mas Mamede propôs a si mesmo solver todo o mistério e pôr cada coisa em seu lugar. E' esta decisão que ele explica ao casal Adolfo, dizendo que ninguém sai dali antes que tudo se esclareça.



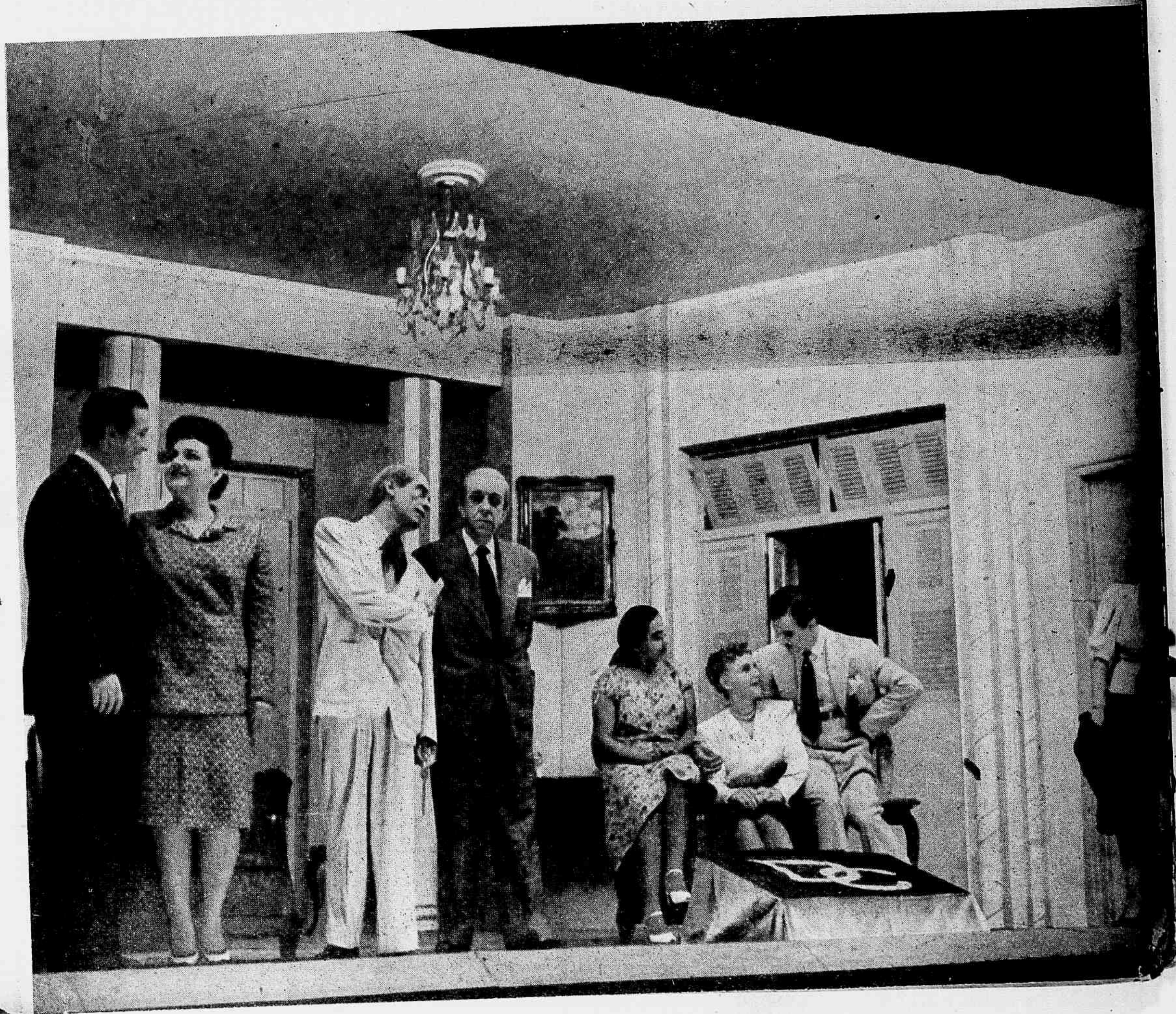
10 Apesar de esclarecida em parte a situação, Mamede continua a fazer mau juízo de Casemiro e de sua suposta esposa, Alina. E, com uma intenção diabólica, oferece "gentilmente" uma gravata ao parceiro. E Mercedes, muito interessada em que tudo fique claro, tenta fazê-lo compreender que Alina é sua nora e não a mulher do próprio pai. Mas o velhote da roça ainda não perdeu a esperança de tirar sua "casquinha" com o "sabonetão".

Continuando a série de divulgação das peças encenadas nos teatros cariocas, damos hoje outra reportagem fotográfica em torno de uma comédia de sucesso.

Desta vez reproduzimos passagens da peça em três atos, de Oliveira Lima, "A Mulher do Seu Adolfo", apresentada pela Cia. Déa-Cazarre, com o seguinte elenco, por ordem de entradas em cena:

Alina	Lydia Vani
Amancio	Francisco Dantas
Adolfo	Vicente Gil
Mercedes	Itala Ferreira
Casemiro	Cazarre
Quiteria	Pepa Ruiz
Mamede	Palmerim Silva
Rosinha	Carmem Gonzalez

11 Agora sim, está tudo explicado! Alina é a esposa de Amancio, Rosinha é filha de Mamede, Mercedes é casada com Adolfo. E Casemiro declara ao tabaréu que sua mulher é a velhota Quiteria, a última à direita. Mamede cai das nuvens. E, enquanto os idílios se espalham em redor dêle, o pobre matuto indignado grita para Casemiro: "Com aquela centenária ali, você não leva a gravata, não!"





As paredes que nos cercam acham-se quase que totalmente cobertas de quadros, mapas e fotografias em tamanho fora do comum. No cliché vêem-se, de pé, discutindo objetivos da mais recente missão, o tenente-aviador José Carlos de Miranda Correia e outros oficiais do 1.º Grupo de caça. (Foto do autor deste artigo especial para a REVISTA DA SEMANA).

O AZAR DA GUERRA

Itália, Fevereiro de 1945 (Com o 1.º Grupo de Caça numa base avançada no "front") — Estamos numa sala de tamanho médio, aquecidos por um fogão todo original, que é alimentado por gasolina. As paredes que nos cercam se acham quase que totalmente cobertas de quadros, mapas e fotografias de tamanho fora do comum. Perto dum rádio, num canto à direita de onde observamos, dois ou três pilotos ouvem músicas que são transmitidas da pátria longínqua. Eles estão quietos, mergulhados na melodiosa "Tão longe de mim distante" de Carlos Gomes. As cordas da saudade vibram nos seus corações. Eles não dizem nada mas nós observamos e sentimos com eles essa saudade louca das coisas que são nossas, da nossa terra, dos nossos lares, do nosso sol sempre ouro e do nosso céu sempre azul.

Sobre a mesa, debruçados, outros rapazes pesquisam, nas cartas fotogeográficas e nos mapas, os objetivos de sua próxima missão. Dentro em pouco estarão voando sobre o território inimigo, bombardeando ou metralhando alvos escolhidos. Eles, por sua vez, serão, também, alvos da certa bateria anti-aérea dos nazistas que já abateu vidas de nossos bravos aviadores. Noutro canto, bem perto de nós, ouvimos, num alarido, colegas que contam vantagens. Diz um: "Metralhei um trem de munições e tal foi a explosão que por minutos a fumaceira encobriu completamente o alvo". Outro, brincalhão e jovial, querendo "belir" com seu colega, pergunta com ar de môia: "Foi a fumaça causada pelos teus projéteis ou a da chaminé da locomotiva do trem que cobriu completamente o alvo?"

Todos riem enquanto os outros — ouvindo rádio — permanecem silenciosos, alheios ao que se passava em redor. Os que voarão logo continuam a examinar mapas. "Numa guerra tudo acontece", diz-nos um piloto. "Há dias, quando realizava uma

sortida sobre uma ponte, para destruí-la, por mais que tentasse largar a bomba, esta não caiu, para, pouco depois, explodir bem em cima da casa dum pobre campônio que nada tinha a ver com o negócio! Fiquei "chateado", mas, como pudemos ver, a culpa não foi minha. Nunca bombardeamos aqueles que nada têm com a guerra e continuam, apesar do perigo, a trabalhar honestamente".

Concordamos com o piloto. Tinha razão. Mas ele vive ainda calculando o que teria pensado de si o pobre campônio, ao longe, com sua carroça, vendo seu lar em chamas. Naturalmente, falou-nos depois o mesmo oficial, há de pensar que eu fiz de propósito, por maldade! A guerra tem dessas coisas que são inevitáveis.

Outro aviador vira-se para o companheiro queixoso e diz, concordando: "Tens razão. A população civil tem confiança em nós. Quando aparecemos no ar, todos correm à rua para observar nossos movimentos e talvez para mostrarem que são civis e nada têm com o "abacaxi" que Mussolini lhes impôs. Mas, às vezes, é o "azar da guerra". "Azar da guerra" é uma gíria muito usada aqui entre o pessoal do Grupo de Caça. Quando acontece algo de bom ou de mau, é costume geral ouvir-se dizer: "Azar da guerra!" Mas isso tudo não importa. Apesar da saudade, da falta dos companheiros que ficaram em solo inimigo e apesar de todos os "azares da guerra", esse bloco de rapazes, alguns bem jovens e outros mais amadurecidos, continuam a lutar, dia por dia, faça chuva ou sol, caia neve ou não, pela Liberdade e Justiça num mundo melhor. Num mundo que deverá surgir depois da guerra — desta guerra cruel e monstruosa!

Prossegue a destruição dos exércitos nazistas, que em todos os setores batem em retirada vertiginosa, sob a pressão das forças da liberdade, que investem na última arremetida contra os baluartes derradeiros do despotismo nipo-nazi-fascista.

Na Alemanha as tropas de Hitler se veem envolvidas pela tenaz formada pelas pontas de lança das violentas ofensivas de leste e oeste, que cada dia mais se apertam em torno de Berlim, que vive agora os seus últimos dias de capital do III Reich.

No "front" oriental prosseguem as operações de avanço dos exércitos soviéticos, que se lançam hoje em seguidas e fulminantes ofensivas, ora num setor ora noutro, desviando assim a atenção do Alto Comando Germânico, que se vê assim desorientado, sem saber se envia o reforço de tropas volantes para a frente de Berlim, ou se emprega o grosso de suas forças defensivas nas margens do Báltico, para onde converge, protegida por grandes formações blindadas, a infantaria de Rokossovsky.

E, já atingidas as margens do Báltico, Berlim se vê diretamente ameaçada pela fulminante ofensiva, que ninguém sabe de onde

A GUERRA EM MARCHA

virá. Desta maneira o marechal Stalin se prepara para o golpe de misericórdia contra a capital alemã.

No setor da Renânia, a situação piorou sensivelmente nestes últimos dias. Investindo pela bacia do Reno, os Aliados estão na iminência de dominarem completamente as margens ocidentais do grande rio, o que obrigou os alemães a minarem todas as pontes de acesso à parte leste da região do Reno.

Mas, com esta ofensiva, os exércitos aliados lograram anular a produção das indús-

trias bélicas do Rhur, no que consiste naturalmente a sua maior vitória.

No Pacífico a guerra toma também outro rumo. As últimas operações de desembarque fazem prever a derrota dos nipônicos muito antes do que se julgava possível.

Mc Arthur se entrega hoje a novos desembarques, embora em pequena escala, e a operações de limpeza na zona de Manilla e ao norte de Luzon. E aceleradamente se aperta o cinturão de ferro em torno de Tóquio, que vem sendo reiteradamente visitada pela aviação americana.

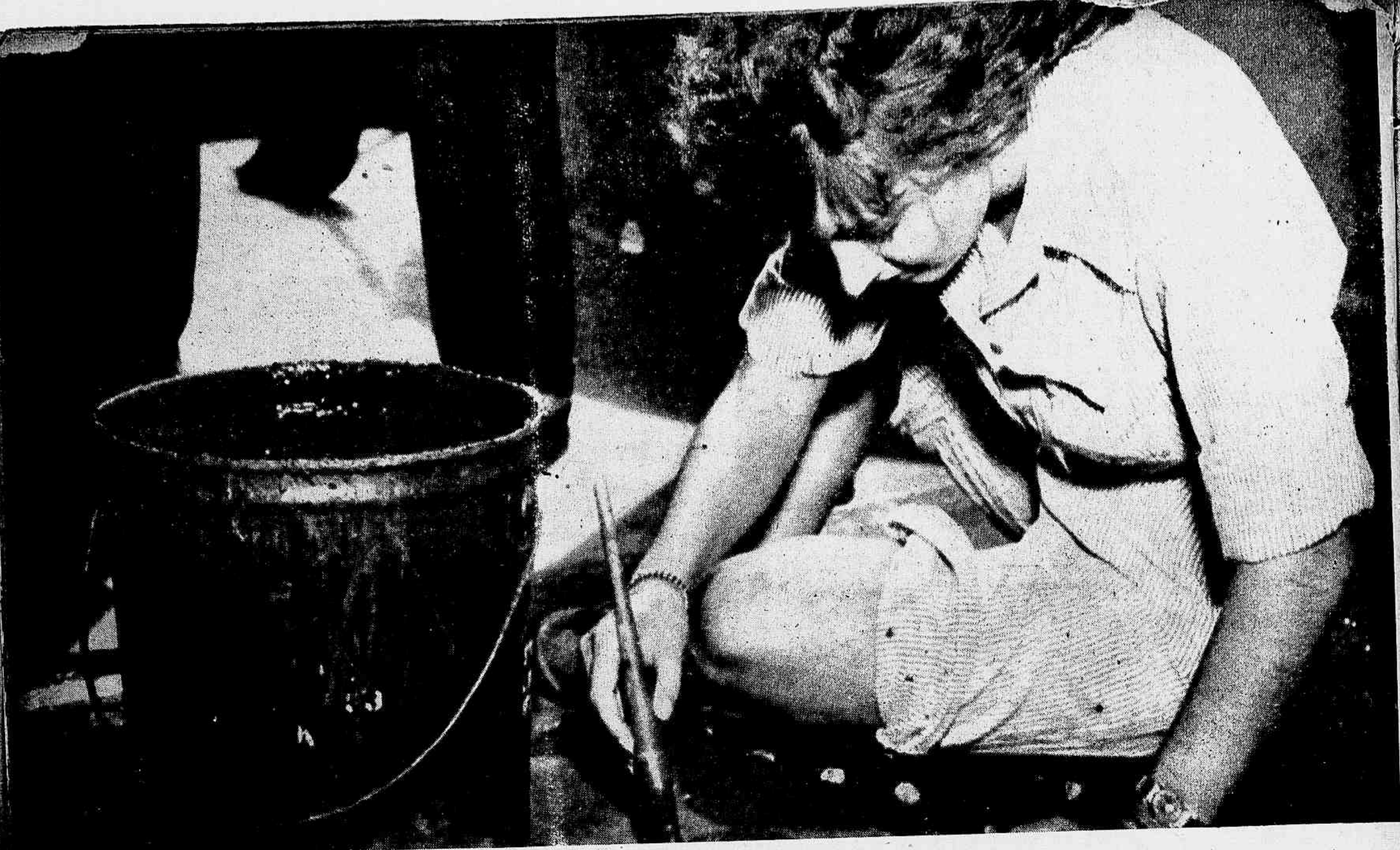
Na Itália, apesar de ainda não haver principiado o degêlo, avançam os Aliados, em arremetidas que nos revelam páginas de heroísmo e bravura poucas vezes iguais.

A epopéia de Monte Castelo seguiram-se outras vitórias das armas brasileiras.

Os últimos despachos nos dão notícias da conquista da última linha de defesa do rio Marano, pelas forças da F. E. B. e do Quinto Exército Americano.

A CONFERENCIA DE YALTA — O primeiro ministro Winston Churchill, o presidente Franklin Delano Roosevelt e o marechal Joseph Stalin, fotografados num intervalo da conferência dos "Três Grandes", no pátio do palácio, em Yalta. De pé, no segundo plano (da esquerda para a direita), almirante Sir Andrew Cunningham, almirante Ernest King, marechal do ar Portal, almirante William D. Leahy e outros oficiais superiores aliados. Foi nessa memorável conferência que se tomaram deliberações importantíssimas, ora refletindo em nosso continente.





DANDO TODO O AUXÍLIO NECESSÁRIO. — Ajudando a tripulação, uma segundo-tenente enfermeira norte-americana pinta o convés de um navio que transportava todos os apetrechos de um hospital para qualquer ponto do teatro da guerra na Índia. Trabalho que em tempo de paz dificilmente seria executado por uma filha de Eva, ela o desempenha agora, satisfeitíssima.

JOVENS DA CRUZ VERMELHA NORTE-AMERICANA. — Elas estão chegando a um ponto da Austrália. Dois soldados nacionais assistem ao desembarque de seis enfermeiras da Cruz Vermelha "yankee", destacadas para trabalhos na área do Pacífico. E só voltarão à pátria quando o conflito estiver definitivamente terminado.



ENFERMEIRAS CIVIS COMBATEM DOENÇAS NAS ILHAS MARSHALL. — Enfermeiras civis que estão tratando a população no dispensário naval de Majuro, nas ilhas Marshall, são felicitadas pelo capitão Harold B. Grow, comandante da ilha. São moças atrativas, cujo adexramento para tão delicada tarefa veio a fazer-se, com surpresa geral, em pouco tempo.



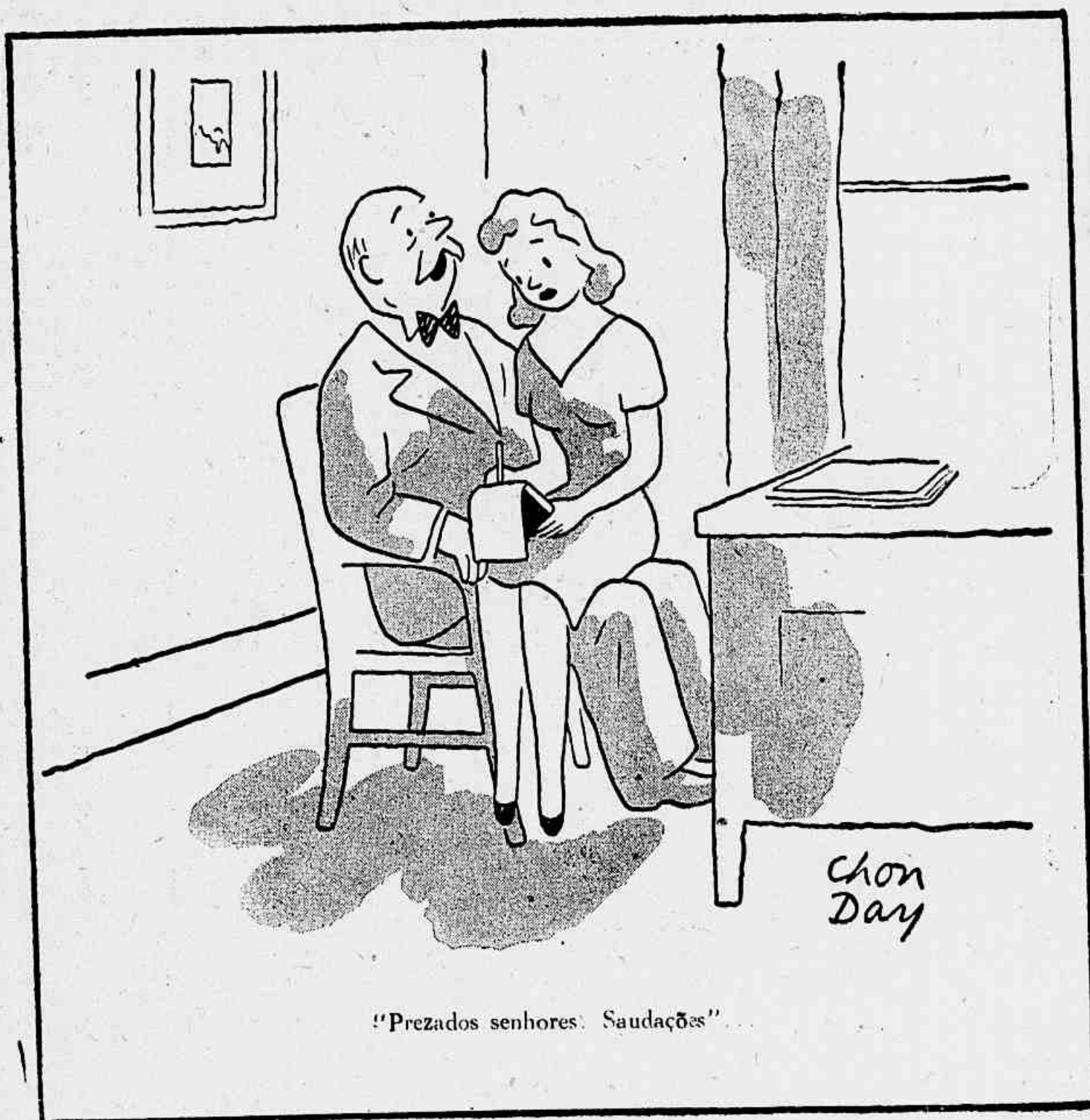
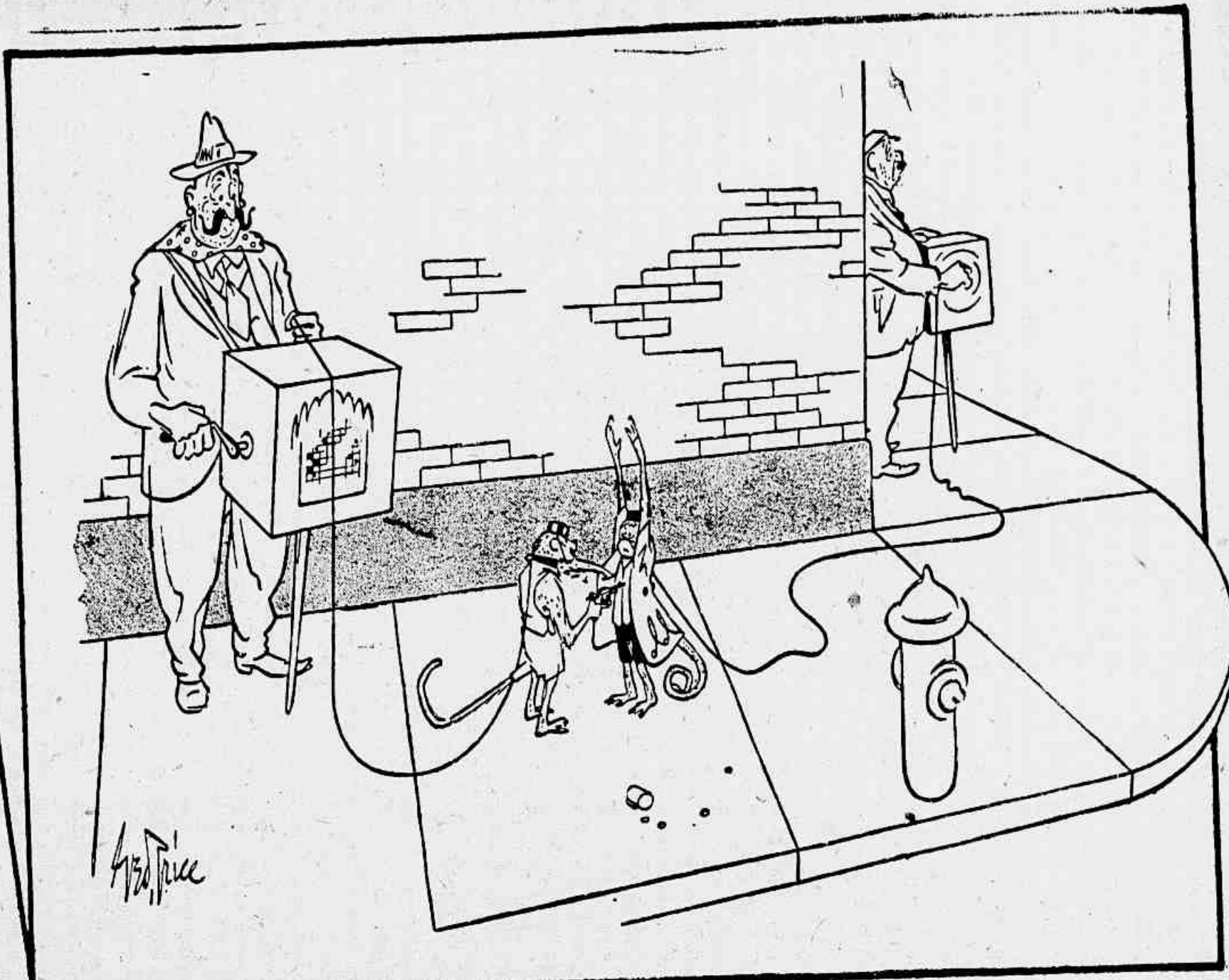
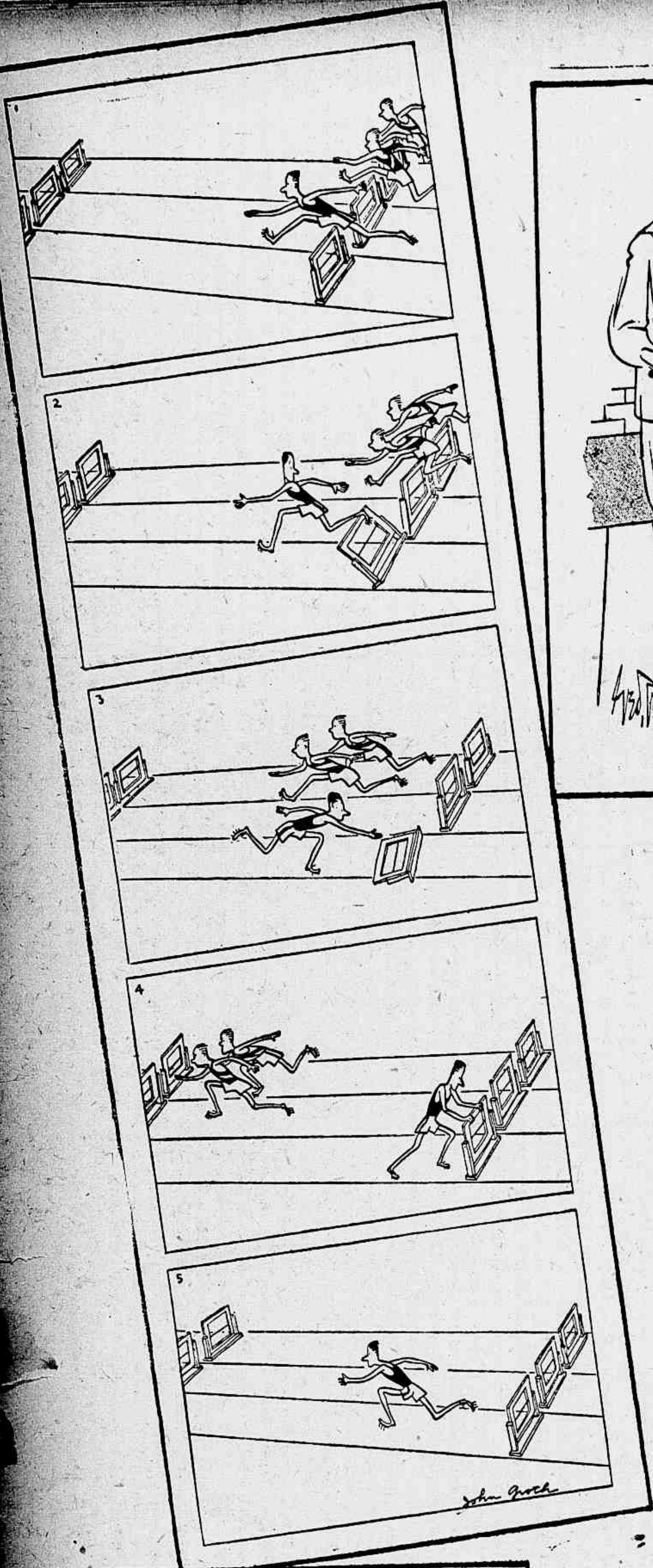


MEMBROS DA F. A. B. NOS ESTADOS UNIDOS. — Eles foram estudar de perto os problemas de apoio aéreo recentemente submetidos pela Escola do Corpo de Fuzileiros Navais da Infantaria da Aeronáutica, em Quantico, Virgínia. São eles: coroneis Francisco C. Melo, Reynaldo Carvalho, Antonio Castro Lima e tenentes-coroneis José Kahl e Teófilo Mendonça. Essa escola ensina, a aviadores do corpo de fuzileiros navais, tática de terra.

Fotos do
Serviço de Informações do Hemisfério

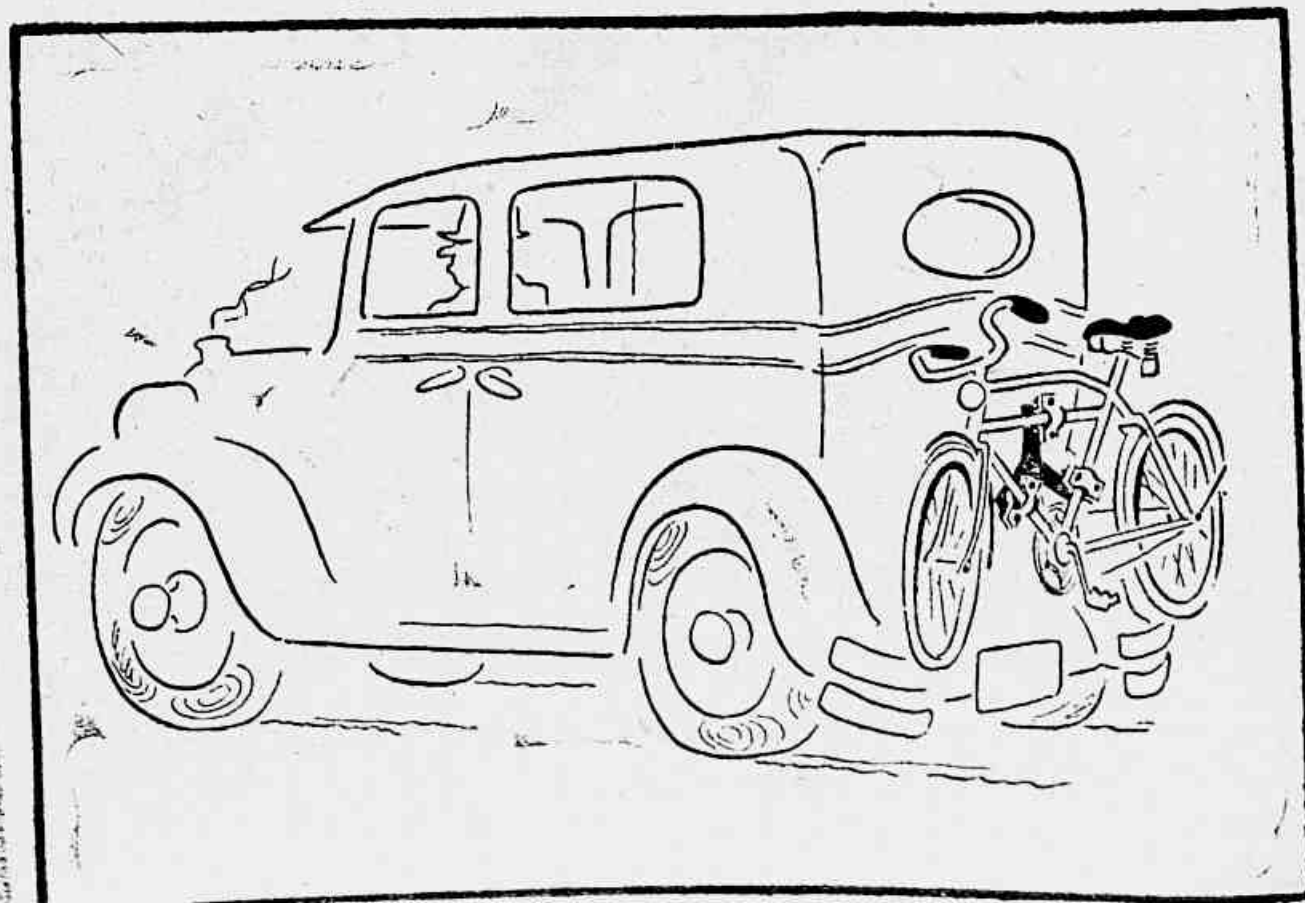
SERVIÇO FEMININO DA MARINHA. — Mulheres do Serviço Feminino da Marinha batem fotografias aéreas na estação da aviação naval de Cherry Point, North Caroline. O serviço feminino da Marinha consegue assim substituir muitos homens, para que possam assumir postos de combate. E o material fotográfico obtido por esses novos elementos femininos nada fica devendo ao anterior. São os homens aproveitados para o campo em luta aberta. Elas dão conta de serviços assim importantes.

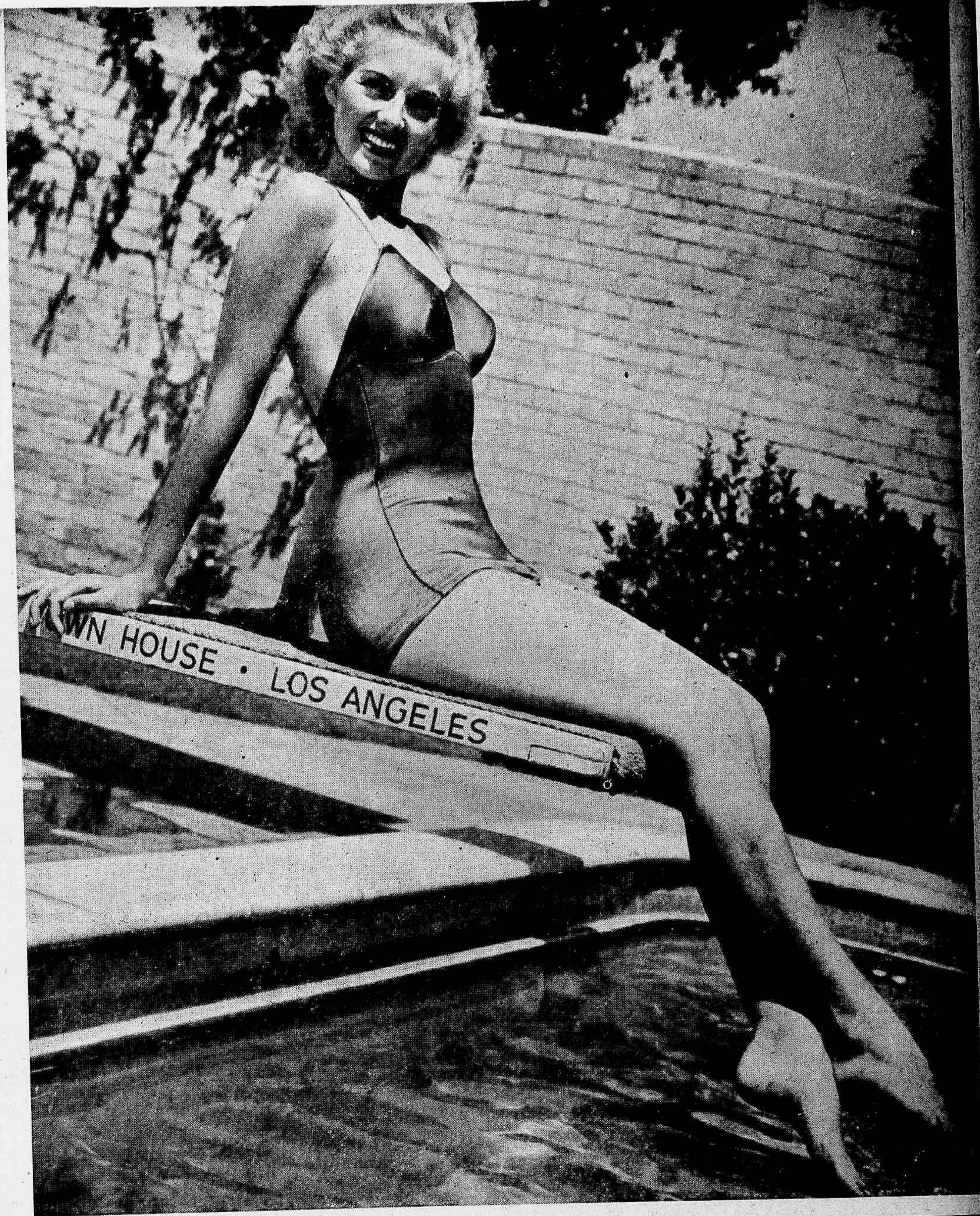




DE BOM HUMOR

"É um buraco, seu guarda, o sujeito sofrer de sonambulismo"





EVELYN KEYES (Columbia).

NOS BASTIDORES FEMININOS

Existem mulheres famosas, como certas "estrelas" cinematográficas, cuja vida privada poderia ser tomada como exemplo pelas mulheres de todo o mundo. São criaturas que vivem na tela figuras extravagantes de mulheres levianas e alouçadas, que falam, pulam, correm a ponto de deixar as pessoas serenas um tanto abaladas. No entanto, quanta diferença na vida real! Aí são mulheres calmas, sensatas, que sabem encarar a vida com inteligência e ponderação, duas qualidades um tanto raras na maioria das mulheres.

Quanta infelicidade poderia ser evitada, se quiséssemos ser um pouco menos exagerados nos nossos sentimentos e na "expansão" desses sentimentos! Refiro-me principalmente às jovens que já possuem um lar e um marido...

Mulheres que durante o noivado julgavam ter encontrado o "homem mais adorável do mundo" e que agora, depois de passados os primeiros entusiasmos, outra coisa não fazem senão apontar os seus defeitos. E quando encontram "amigas" na mesma situação... pobre dos maridos! Se são ciumentos são uns "Otelo" impossíveis, que não as deixam

nem ao menos visitar as amigas para poder falar da vida alheia; se são indiferentes são uns pobres "trouxas", que não sabem ainda "do que eu sou capaz"...

Obrigam o marido a ouvir suas lamúrias sobre criadas, filas e outros problemas domésticos, e ficam irritadas quando percebem que ele está distante, pensando talvez num modo de fazer calar aquela "matraca".

Creio que seria interessante criar um curso de "felicidade conjugal", donde sairiam mulheres capazes de fazer a felicidade de um lar... Mulheres que falassem menos, que não dessem aos maridos conselhos sobre negócios (salvo quando ele, reconhecendo nela uma mulher inteligente, lho pedisse), que não recordassem a todo o momento as gentilezas do tempo de noivado, que não lhe apontassem os seus defeitos, e que na presença de estranhos não fizessem comentários um tanto íntimos sobre a sua pessoa.

Estas pequenas qualidades bastariam para aumentar o número de casamentos e povoar este imenso Brasil.

Ao alto:

Short de rayon vermelho com "pois" branco. "Ruche" de organdi branco no decote.

Em baixo:

Em azul forte é feito este gracioso short. A blusa é do mesmo tom, com "pois" branco, drapeada na frente e arrematada por um laço.

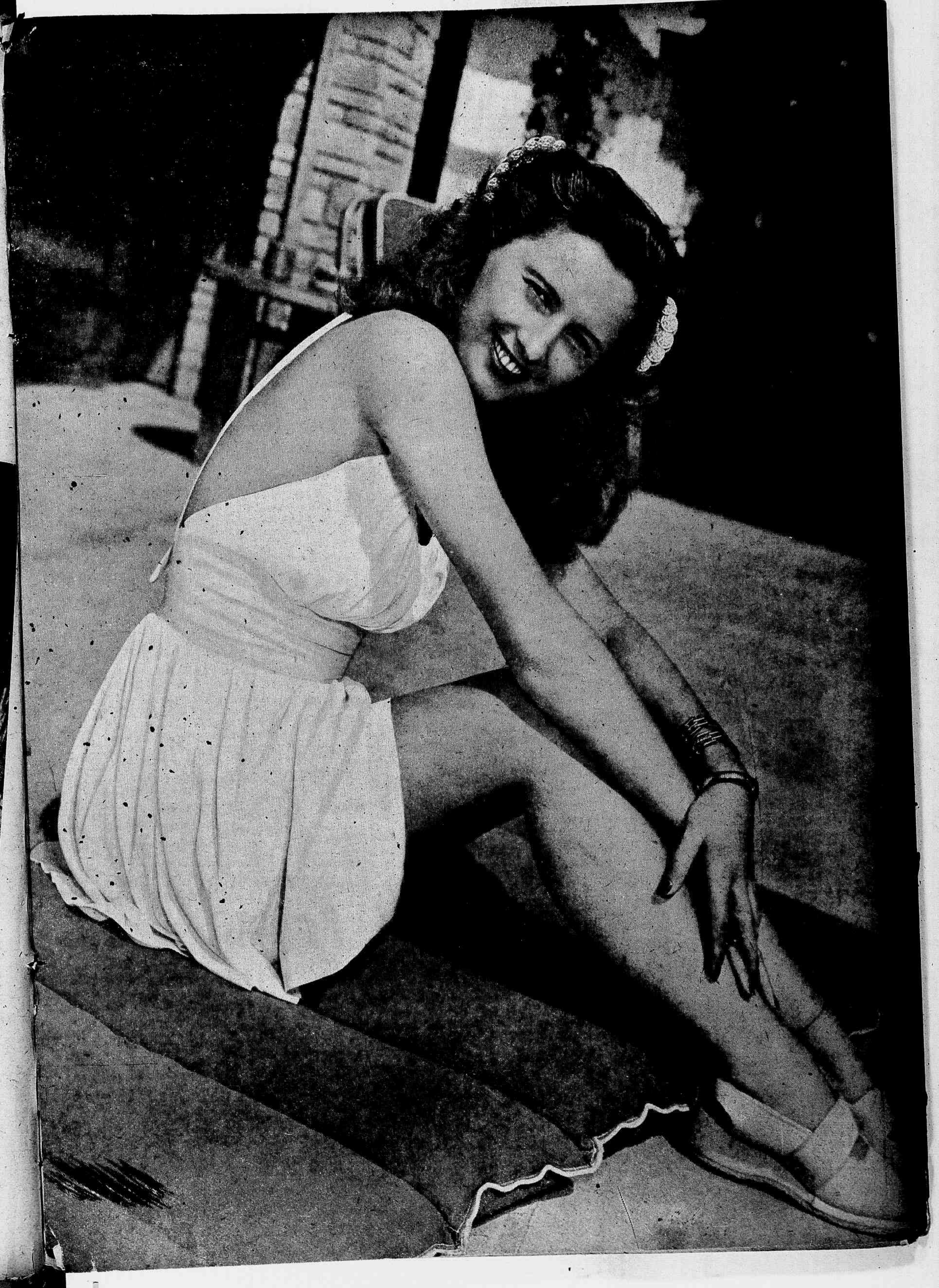
Na pág. em frente:

Original, sem dúvida, é esse short feito em pesada seda branca. O saíote é bem franzido e ligado à blusa por uma pala justa. Um cordão é enfiado no decote, acentuando ainda mais o franzido da blusa.

(Fotos Warner Bros.)



Pratia



P ã O E

conto de

AUGUST STRINDBERG

Quando o jovem Gustaf Falk, conselheiro-assistente, fez o pedido formal da mão de Louise ao pai desta, a primeira pergunta do velho foi:

— Quanto você está ganhando?

— Não mais de cem coroas por mês. Mas Louise...

— Não importa o resto — interrompeu o futuro sogro de Falk. — Você não ganha bastante para casar.

— Oh, mas eu e Louise nos amamos tanto! Somos tão amigos um do outro!

— E' possível. Entretanto, deixe-me perguntar-lhe isto. O total dos seus recursos é 1200 coroas por ano?

— Nós nos conhecemos em Lidingo.

— Faz mais alguma coisa além dos ordenados do governo? — insistiu o pai de Louise.

— Sim, acho que teremos o suficiente. E, depois, a nossa afeição mútua...

— Sim, exatamente. Mas vamos discutir algumas cifras.

— Oh! — disse o namorado entusiasta. — Posso ganhar bastante fazendo trabalhos extraordinários!

— Que espécie de trabalho? E, quanto?

— Posso dar lições de francês, traduzir. E arranjar trabalho como revisor de provas.

— Tradução... Quanto? — perguntou o velho, de lapis em punho.

— Não posso dizer exatamente, mas agora estou traduzindo um livro francês na média de 10 coroas por página tipográfica.

— Quantas páginas tipográficas há, ao todo?

— Talvez umas duas dúzias...

— Bem. Digamos 250 coroas. E que mais?

— Oh, não sei. E' um tanto incerto.

— Então! Não tem certeza e quer casar?

Você tem idéias interessantes sobre o casamento, rapaz! Não se lembra de que vocês terão filhos e de que será necessário alimentá-los e vesti-los e dar-lhes educação?

— Mas os filhos talvez não venham tão cedo — objetou Falk. — E nós nos amamos tanto que...

— ... que a vinda dos filhos pode ser profetizada com segurança.

Depois, em voz pausada, o pai de Louise continuou:

— Eu calculo que vocês estão decididos a casar e que se amam realmente. De modo que me parece que devo dar o meu consentimento, afinal de contas. Somente, procure aproveitar o tempo de noivado com Louise para tentar um aumento dos seus recursos.

O jovem Falk enrubescceu de alegria com esta sanção e, para demonstrá-lo, beijou a mão do velho. Céus, como estava feliz — e a sua Louise também! Como se sentiam orgulhosos a primeira vez em que saíram a passeio de braço dado — e como todo mundo notava a radiante felicidade dos noivos!

A noite ele ia vê-la, levando consigo a prova que devia corrigir. Isto produzia grande impressão no velho e lhe valia um beijo da amada. Mas certa noite foram ao teatro para variar e voltaram para casa num "cab". O custo dos prazeres dessa noite se elevou a 10 coroas. Depois, em algumas outras noites, em vez de dar lições, ia à casa da jovem para levá-la a passeio.

A medida que o dia marcado para o casamento se aproximava, tiveram de pensar em fazer as compras necessárias para mobiliar o seu apartamento. Compraram duas belas camas de nogueira, com vastos e fofos colchões. Louise devia ter uma almofada azul, já que o seu cabelo era louro. Naturalmente, visitaram também as casas de objetos de uso doméstico, onde escolheram uma lâmpada com "abat-jour" cor de rosa, uma linda estatueta de Vênus em porcelana e um serviço completo de mesa, garfos, facas, copos finos. Ao escolher os utensílios de cozinha, tiveram o conselho e o auxílio da mamãe. Foi um momento atarefado para o conselheiro assistente — procurando casa, procurando trabalhadores,

escolhendo móveis, assinando cheques, não sei quê mais.

Entrementes, era perfeitamente natural que Gustaf nada pudesse ganhar de extraordinário. Mas, quando estivessem casados, ele com facilidade recuperaria o perdido. Pretendiam ser muito econômicos — somente uns dois quartos para começar. De qualquer modo, pode-se mobiliar melhor um pequeno apartamento do que um grande. Assim, tomaram um apartamento num primeiro andar, por 600 coroas, com dois quartos, cozinha e despensa. A princípio Louise disse que preferiria três quartos no último andar. Mas que importava isso, afinal de contas, contanto que se amassem sinceramente?

Afinal, os quartos foram mobilados. O quarto de dormir era como um pequeno santuário, as camas ficavam lado a lado como carruagem a partir para a jornada da vida. As almofadas azuis, os lençóis cor de neve e as fronhas bordadas com as iniciais dos jovens amorosamente entrelaçadas, tudo tinha uma límpida e alegre aparência. Havia um alto e elegante biombo para uso de Louise, cujo piano — custara 1200 coroas — ficava no outro cômodo, que servia como sala de estar, sala de jantar e sala de leitura ao mesmo tempo. Aqui, também, havia uma grande mesa de nogueira, ao mesmo tempo secretária e mesa de jantar, com cadeiras da mesma madeira, um grande espelho, um sofá e uma prateleira de livros que aumentava a sensação de conforto do aposento.

A cerimônia do casamento teve lugar numa noite de sábado e muito tarde, na manhã de domingo, o jovem e feliz casal ainda estava dormindo. Gustaf se levantou primeiro. Embora a clara luz do dia penetrasse no quarto através das janelas fechadas, não as abriu, mas acendeu a lâmpada de "abat-jour" cor de rosa, que lançou um misterioso e róseo clarão sobre a Vênus de porcelana. A jovem e bela esposa já estava, lânguida e contente, a dormir; dormia bem e — como era domingo — não fôra despertada cedo pelos carros a caminho do mercado. Agora os sinos da igreja estavam bimbando festivamente, como para celebrar a criação do homem e da mulher.

Louise se voltou na cama, enquanto Gustaf passava para trás do biombo para se vestir. Ele seguiu para a cozinha para preparar o almôço. Com que fulgor brilhavam e reluziam os novos utensílios de cobre e de estanho! E tudo aquilo era seu — seu e dela. Ele disse à cozinheira que fôsse ao restaurante vizinho e mandasse subir o almôço. O dono do restaurante já estava avisado; tinha recebido instruções na véspera. Tudo o que precisava agora era de um lembrete.

O noivo então voltou ao quarto de dormir e bateu suavemente à porta:

— Posso entrar?

Um gritinho e depois:

— Não, querido. Espera um minutinho.

Gustaf pôs a mesa. Quando o almôço chegou do restaurante os pratos novos, os talheres e copos já estavam colocados sobre a alva toalha da mesa. O ramallete da noiva estava ao lado do lugar de Louise. Quando ela entrou na sala, no seu vestido bordado da manhã, os raios de sol a saudaram. Ela ainda se sentia um tanto cansada, de modo que ele a fez tomar uma cadeira de braços e a empurrou para a mesa. Uma ou duas gotas de licor lhe deram ânimo; um bocado de caviar estimulou o seu apetite. Imaginem o que mamãe não diria se visse a sua filha bebendo álcool! Mas esta



A M O R

Ilustração de
JOSE' ANTONIO

é a vantagem do casamento: a gente faz o que quer.

O jovem marido esperava, atenciosamente, pela sua bela mulher. Que prazer, também! Naturalmente teve bons almoços antes, nos seus dias de solteiro; mas que conforto, que satisfação tirou deles? Nenhum. Assim refletia ele enquanto consumia um prato de ostras e um copo de cerveja. Que idiotas que são esses solteirões, por não se casarem! E como são egoístas! Ora, devia haver um imposto para eles, como há para os cães. Louise não era tão severa assim, dizendo com dureza que talvez os pobres diabos que preferem a vida de solteiro sejam dignos de piedade. Sem dúvida, se pudessem se casar, casar-se-iam — achava ela. Gustaf sentiu ligeira dor no coração. Certamente a felicidade não se deve medir pelo dinheiro. Não, não; mas... Bem, não importa, em breve haveria muito trabalho e então tudo iria bem. Por enquanto, havia a considerar esta deliciosa perdiz ao molho e o vinho da Borgonha. Estes luxos, juntamente com algumas belas alcachofras, produziram na jovem um momento de alarme e ela timidamente perguntou a Gustaf se podiam viver desta maneira. Mas Gustaf pôs mais vinho no copo da sua pequena Louise, tranquilizando-a e destruindo os seus receios sem fundamento.

— Um dia não é todo dia — disse ele — e devemos gozar a vida quando possível. Ah, como a vida é bela!

As seis da tarde uma carruagem puxada por dois cavalos parou à porta e o novo casal saiu a dar um passeio. Louise ficou encantada, enquanto rolavam através do parque, reclinando-se confortavelmente sobre as almofadas, por ver que os conhecidos que encontravam a pé os cumprimentavam surpresos e invejosos. O conselheiro-assistente deve ter feito um bom casamento — pensariam eles, — a moça deve ter dinheiro. E eles, pobres diabos, tinham de passear a pé. Que agradável passear de carro, sem esforço, inclinados sobre os macios coxins! Era um símbolo da boa vida de casados.

O primeiro mês foi uma incessante diversão — bailes, festas, jantares, ceias, teatros. Entretanto, o tempo que passavam em casa era realmente o melhor de todos! Era uma sensação deliciosa trazer Louise de casa, arrancá-la dos pais, à noite, para fazer o que bem quisessem sob o seu próprio teto. Chegando ao apartamento, faziam uma pequena ceia e depois se sentavam confortavelmente, conversando até tarde. Gustaf era todo pela economia — pela teoria da economia, quero dizer. Um dia a jovem esposa e o marido tentaram salmão defumado com batatas. Como Louise o saboreou! Mas Gustaf opôs objeções e, quando o dia do salmão defumado chegou, ele surgiu com um casal de perdizes. Tinha-as comprado no mercado por uma coroa, exultante com a compra, que Louise não aprovou. Tinha certa vez comprado duas perdizes por menos. Além disso, era extravagante comer caça. Entretanto, não valia a pena discordar do marido numa coisa tão insignificante.

Depois de uns dois meses, Louise Falk se sentiu estranhamente indisposta. Ter-se-ia resfriado? Ou teria porventura se envenenado com os utensílios de metal da cozinha? O médico, chamado, apenas riu e disse que não era nada — um esquisito diagnóstico certamente, pois a moça estava seriamente doente. Talvez houvesse arsênico no papel de parede. Falk levou um bocado de papel a um químico e lhe pediu fazer uma análise cuidadosa. O

relatório do químico dizia que o papel de parede não tinha qualquer substância prejudicial.

Não melhorando a doença da mulher, Gustaf começou a investigar por sua própria conta — e dos seus estudos num livro de medicina resultou a certeza da doença de Louise. Ela tomou muitos banhos quentes e, depois de um mês, o seu estado de saúde era declarado inteiramente promissor. Vinha subitamente — mais cedo do que esperavam; mas como era bom ser papai e mamãe! Naturalmente a criança seria um menino — não havia dúvida sobre isso; deviam pensar no nome que lhe poriam. Entrementes, Louise chamou o marido de lado e lhe lembrou que, desde o casamento, nada tinha ganho para aumentar o seu ordenado, que se tinha revelado abaixo do suficiente. Bem, era verdade que tinham vivido bem, mas agora deviam mudar de rumo — e tudo correria satisfatoriamente!

No dia seguinte o conselheiro assistente foi visitar o seu bom amigo o advogado, pedindo-lhe para endossar uma nota promissória. Isto lhe permitiria tomar emprestado o dinheiro necessário para enfrentar certas despesas inevitáveis — como Falk esclareceu para o amigo.

— Sim — concordou o homem da lei. — Casar e constituir família exige dinheiro. Eu nunca pude fazê-lo.

Falk se sentiu muito escabreado para insistir no pedido, e quando voltou à casa, de mãos vazias, foi saudado com a notícia de que dois estranhos tinham ido procurá-lo. Deviam ser tenentes do exército, pensou Gustaf, amigos da guarnição do Forte Vaxholm. Não, disse-lhe a criada, não eram tenentes; eram homens na aparência muito mais velhos. Ah, então eram dois amigos que conhecia em Upsala, mas de Estocolmo, e usavam bengala. Muito misterioso; mas sem dúvida voltariam.

Depois o jovem marido saiu para o mer-

cado novamente e comprou morangos — uma pechincha, naturalmente.

— Imagina só — exclamou ele, triunfantemente, para a mulher. — Um pint destes grandes morangos por uma coroa e meia, neste período do ano!

— Oh, Gustaf, querido! Não podemos gastar dinheiro assim!

— Não te incomodes, querida. Arranjei alguns trabalhos extraordinários.

— E as nossas dívidas?

— Dívidas? Ora, vou fazer um grande empréstimo e pagar todas as dívidas de uma vez.

— Ah! — objetou Louise. — Mas isto não significará apenas uma nova dívida?

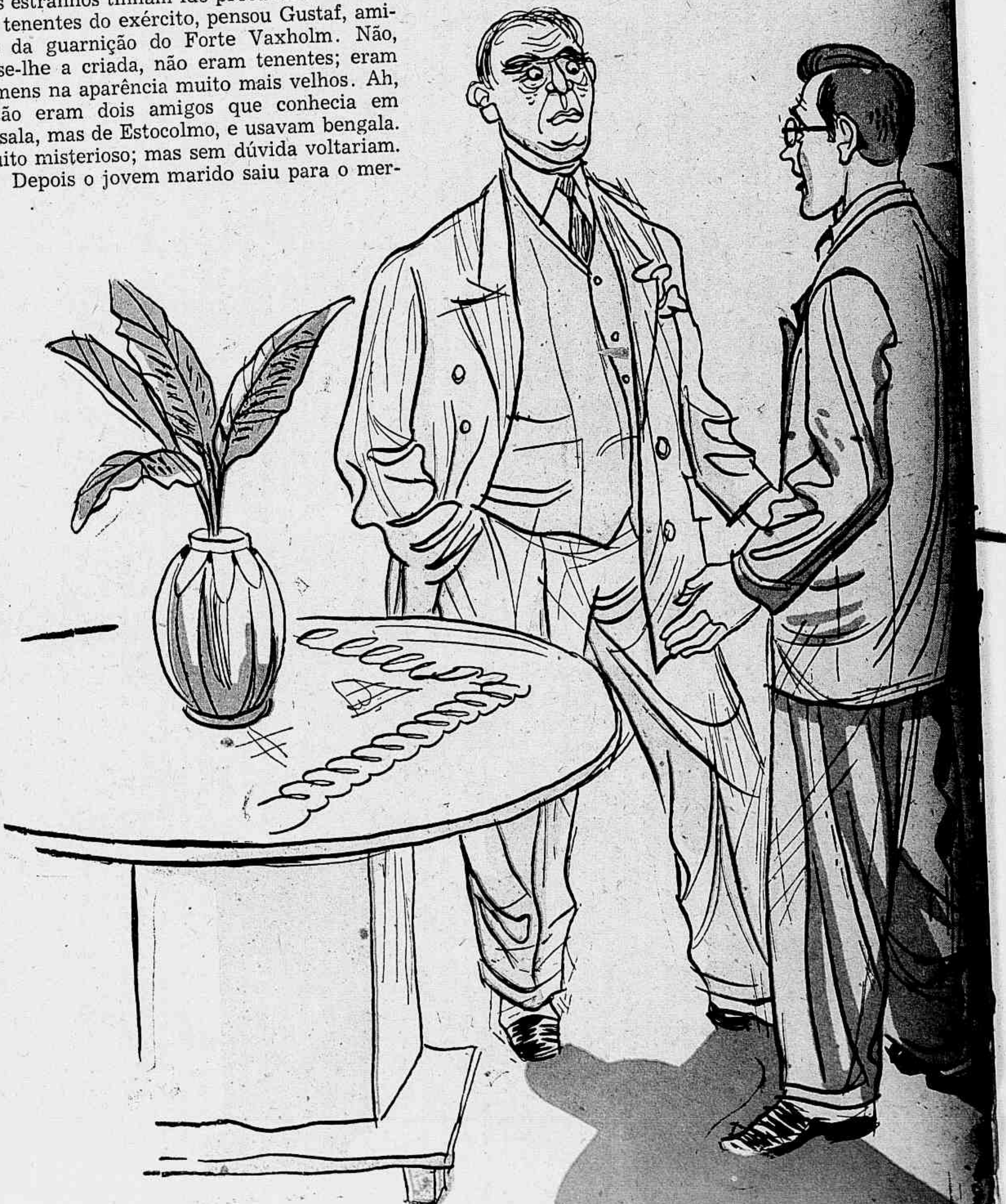
— Não importa. Será uma trégua, pelo menos. Mas para que discutir coisas desagradáveis? Que beleza de morangos, hein, querida? Não achas que um copo de "sherry" seria uma beleza depois destes morangos?

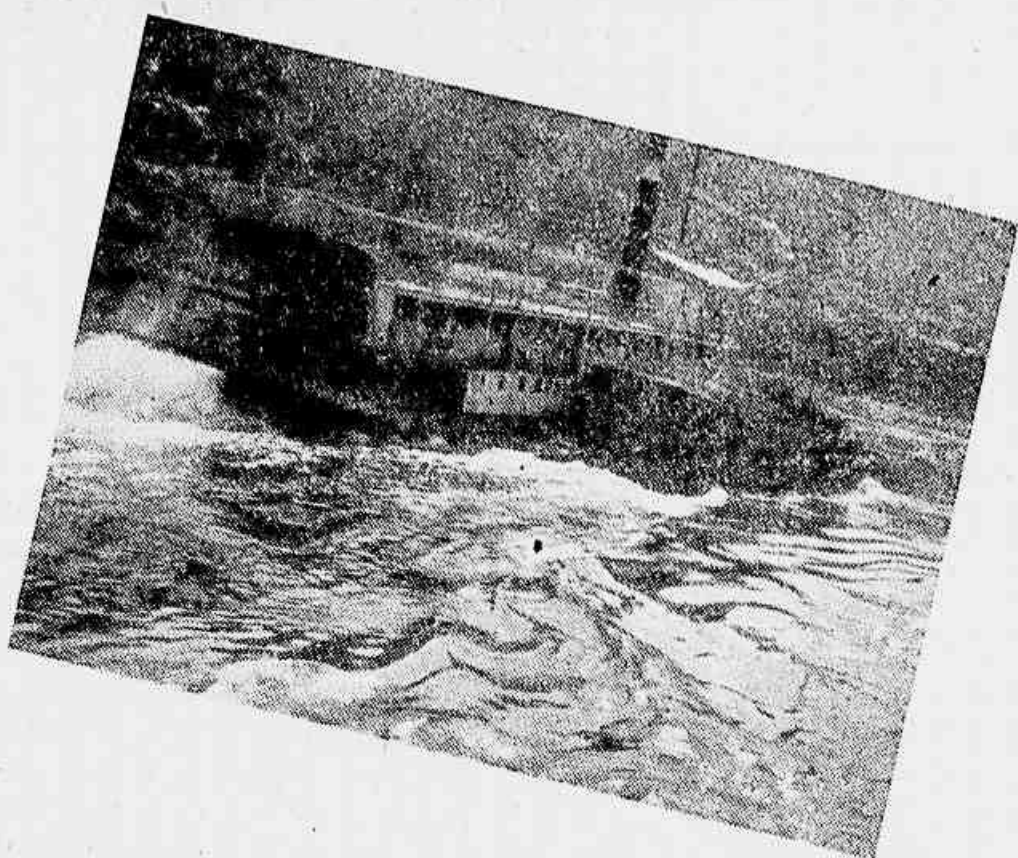
A criada saiu para buscar uma garrafa de "sherry" — do melhor, naturalmente.

Quando a esposa de Falk despertou da sesta no sofá, nesse dia, voltou, desculpando-se, a discutir as dívidas. Esperava que ele não se zangasse com o que ela ia dizer. Zangar-se? Não, naturalmente que não. Que era? Queria algum dinheiro para a casa? Louise explicou:

— O merceiro não foi pago, o açougueiro nos ameaçou de suspender o fornecimento, e o homem da cocheira também insiste em receber a sua conta.

(Continua na página 44)





COISAS DO BRASIL

"Sub tegmine faqi"... Sob a copa das árvores acolhedoras, um bucolismo embriagador nos invade a alma e convida ao descanso. E longe, como um canto de glória da natureza em festa, o fragor das cataratas, que se desprendem dos abismos, eternas e imutáveis, na renovação contínua de cada gota d'água, que fertiliza depois as sementes das árvores e há de mitigar adiante a sede dos pássaros.

De longe o murmúrio solene das águas encapeladas, que tombam de láge em láge, estrepitosas e brancas, comove a sensibilidade e embala a alma como uma "berceuse" delicada. À medida que nos aproximamos porém das cataratas gigantes o ruído, num crescendo estupendo e fragoroso, vai nos chegando aos ouvidos cada vez mais aterrorizante, cada hora mais sinistro.

As quedas de Iguassu têm algo de sinistro e terrífico. Elas nos fazem lembrar, diante da água que tomba dos despenhadeiros gigantes capaz de iluminar um país e de destruir uma geração, a pequenez do homem comparado à natureza criadora desta força prodigiosa, a única que ele não conseguiu dominar e que dormirá, no seio das florestas escuras, longe de suas ambições e de sua tutela, como uma barreira intransponível posta no caminho de suas conquistas.

E de longe, das ruas movimentadas das cidades cosmopolitas, os turistas chegam em magotes para admitir por curto espaço os saltos prodigiosos do Paraná.

Mas os homens daqueles págos, para os quais a natureza nada mais é que uma irmã que ao seu lado está sempre presente, num convívio diário, não têm olhares de êxtase para as cataratas gigantes. Elas lhes são familiares, como para nós são o telefone e o automóvel.

Nesta página três aspectos característicos do Paraná, na altura dos Sete Saltos. Um "gaiola" navegando ao lado de uma chata, gaúchos saboreando o chimarrão na cobertura de um pequeno barco fluvial, e as quedas do Iguassu, que dominam toda a região com o seu estrépito solene.



O Teatro Universitário apresentou no Ginástico, nos dias 3 e 4 do corrente, dando início à sua temporada deste ano, "O Fantasma de Canterville", decalcado do conto de Wilde, em teatralização de Ceferico Tubau, tradução de Alice Lima e Leonidas de Carvalho Sobrinho. O elenco apresentou Wanda Lacerda, Zezé Pimentel, Jerusa Camões, Wandinha Dias, Rosa Finkelstein, Edmundo Lopes, Paulo Moreno, Mauro Fiusa, Paulo Fortes, Leandro Tocantins, Aurelio Castelo Branco e Ribamar Machado, os quais desempenharam-se bem de seus papéis, apresentando um "Fantasma de Canterville" que bem pode consagrar a experiência do teatro estudantil entre nós.

Sob a direção de Mario Brasini, e subordinada à orientação direta da sra. Ester Leão, a peça alcançou o esperado êxito. Outra tentativa mais arrojada do Teatro Universitário será entretanto a encenação de "Romeu e Julieta", anunciada para breve.

A montagem e os "trucs" teatrais de que se valeram os estudantes em "O Fantasma de Canterville" não comprometeram em nada a ação da peça, sendo porém de se salientar a aparição do fantasma no fim do primeiro ato, que foi algo digno de ser imitado pelos próprios profissionais.

A atuação de Edmundo Lopes e Wanda Lacerda esteve magnífica, o que, não fôsse a comicidade das atitudes e dos diálogos, teria sido o ponto alto da representação.

O solilóquio de Simão de Canterville foi representado com verdadeira mestria.

A peça em si peca por haver explorado em excesso o antagonismo espiritual das tradições inglesas e o gênio prático americano, relegando a segundo plano a delicadeza da história de amor do fantasma, fugindo assim ligeiramente da idéia original do conto em que foi baseada.

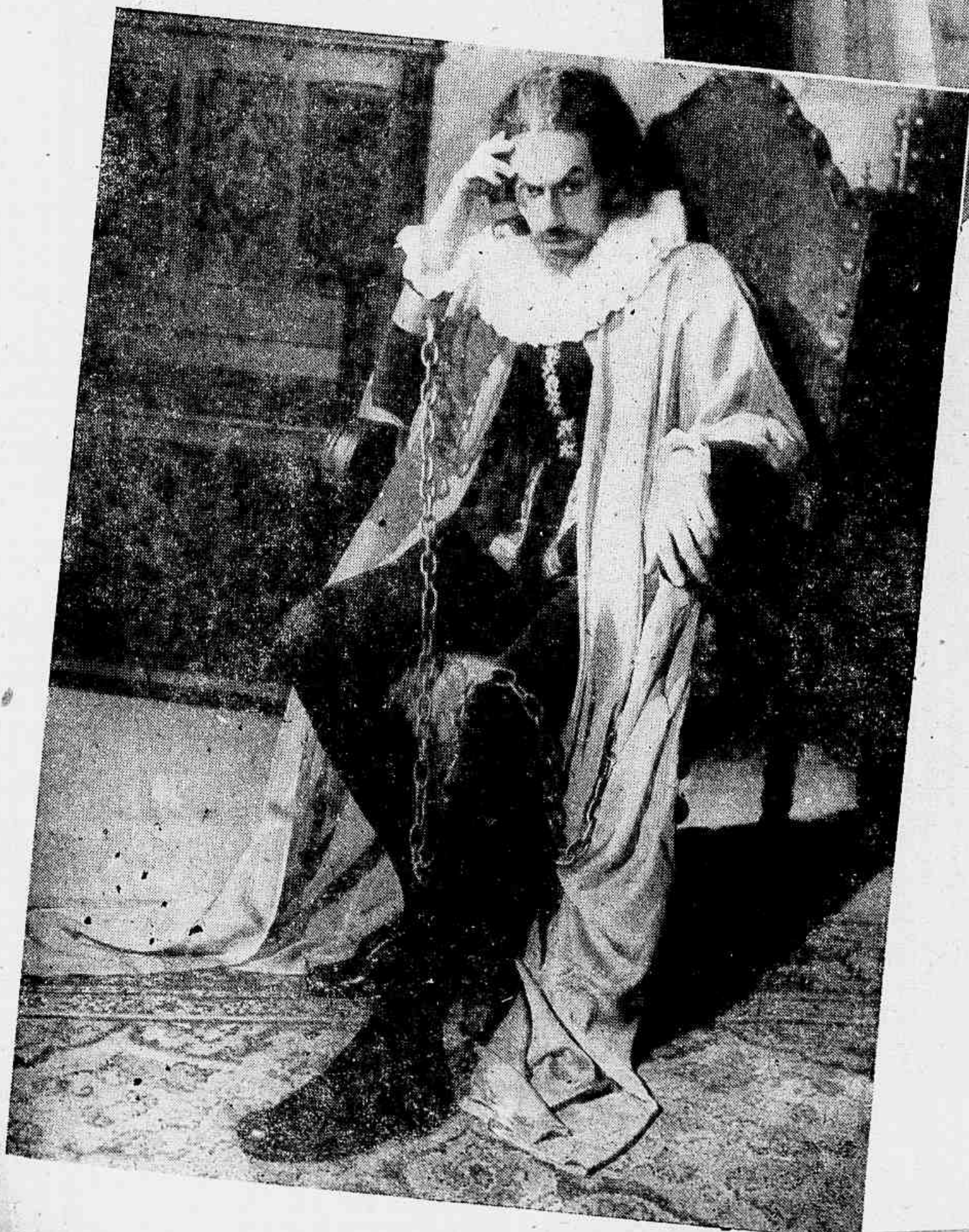
Os efeitos cômicos da luta em que se empenhou o fantasma contra os garotos irreverentes são notáveis. E a cena final convenceu a platéia de que o Teatro Universitário havia mesmo conseguido os seus fins.

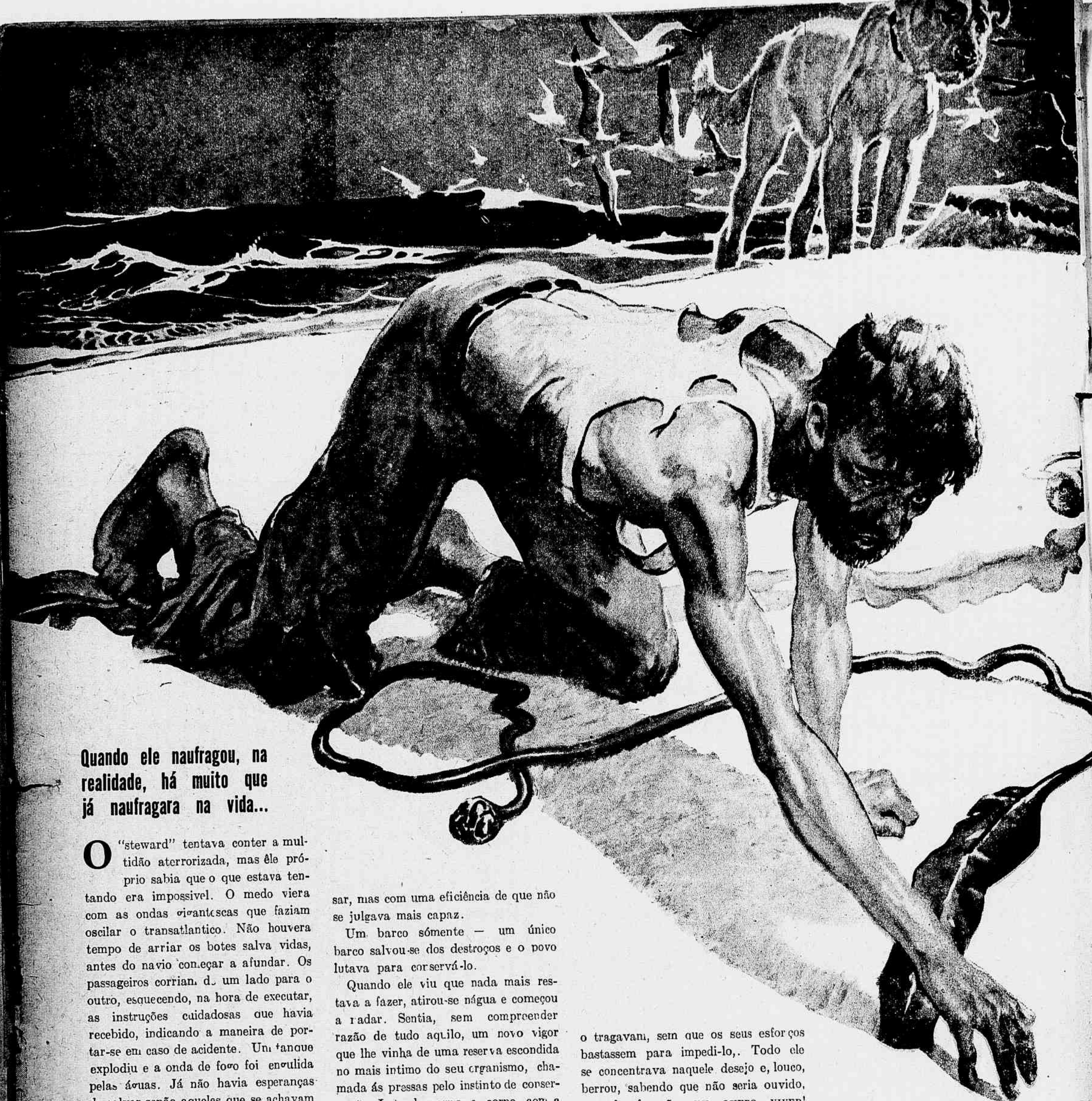
Esperemos pois pela apresentação de "Romeu e Julieta". O sucesso de "O Fantasma de Canterville" será mais um motivo para que os estudantes se encorajem e nos mostrem Shakespeare.

Ao alto, uma foto sugestiva de "O Fantasma de Canterville". Em baixo, à esquerda, solilóquio do fantasma; à direita, cena em que aparece a quase totalidade do elenco.



TEATRO UNIVERSITÁRIO





Quando ele naufragou, na realidade, há muito que já naufragara na vida...

O "steward" tentava conter a multidão aterrorizada, mas ele próprio sabia que o que estava tentando era impossível. O medo viera com as ondas gigantescas que faziam oscilar o transatlântico. Não houvera tempo de arriar os botes salva vidas, antes do navio começar a afundar. Os passageiros corriam de um lado para o outro, esquecendo, na hora de executar, as instruções cuidadosas que havia recebido, indicando a maneira de portar-se em caso de acidente. Um tanque explodiu e a onda de fogo foi engulida pelas águas. Já não havia esperanças de salvar senão aqueles que se achavam no tombadilho. Uma mulher gemia com o filho morto nos braços. Sangue, água e fogo.

Ele sentiu aquele tumulto levantar-se como uma daquelas ondas que, intermitente, cobriam o navio completamente. O choque tornou-se quase insensível, mas ele compreendia que estava fazendo alguma coisa, e, enquanto os seus dedos, os seus braços voltavam a uma atividade a que, havia muito tempo, eles não estavam afeitos, ele não tinha consciência de seu corpo. A cabeça era um vazio. Agia automaticamente, sem pen-

sar, mas com uma eficiência de que não se julgava mais capaz.

Um barco sómente — um único barco salvou-se dos destroços e o povo lutava para conservá-lo.

Quando ele viu que nada mais restava a fazer, atirou-se à água e começou a nadar. Sentia, sem compreender razão de tudo aquilo, um novo vigor que lhe vinha de uma reserva escondida no mais íntimo do seu organismo, chamada às pressas pelo instinto de conservação. Lutando corpo a corpo com a morte, ele verificava, de repente, que ainda lhe restavam forças. Cada braçada que dava parecia esforço inútil, e, afinal, não sabia em que direção nadava. Para onde? No meio do oceano, sem porto próximo, que oportunidade tinha de salvar-se? Naquele momento supremo, toda a lucidez de um cérebro que antes tinha raciocinado com precisão para tornar-se um dia uma pobre cabeça de bêbado voltava e ele sentia-se capaz. De todo o seu corpo só saía um desejo: salvar-se. Lutara contra a vida com o mesmo vigor com que abraçava as ondas, numa angústia louca, num ímpeto louco de salvamento.

Sim, era precisamente angústia que sentia. Mas, no primeiro combate, o naufrágio moral, esmorecera e, agora que sentia muito mais séria a luta, mantinha o aprumo e não desesperava. A água se forjava-se para dentro de sua boca, como querendo inundar-lhe também as entranhas, as ondas o levavam, ora ao seu topo, jogando-o longe, ora

o tragavam, sem que os seus esforços bastassem para impedi-lo. Todo ele se concentrava naquele desejo e, louco, berrou, sabendo que não seria ouvido, naquele furacão: EU QUERO VIVER!

Foi, primeiramente, uma sensação de paz, calma profunda. Abriu os olhos e nada viu. Branco. Grandes discos brancos, enormes discos em frente aos seus olhos ofuscados. Mas paz. Um cheiro de água do mar, penetrante e, ao mesmo tempo, debaixo de seu corpo, a fixidez de terra firme, a maciez de areia. Calor. Os lábios tremiam de febre e tinha uma sede enorme. Mas não era, de certo modo, torturante. Ele sentia que não tinha forças para mover-se, e deixava-se ficar caído pesadamente o seu corpo macerado, gozando aquela sensação de tranquilidade. Dera todo o vigor que ainda restava à luta e caía agora na completa exaustão. Impossibilidade de movimento.

Frescura de fonte, água pura, cristalina, leves cócegas de líquido na sua garganta e mais tranquilidade. Depois uma mão na sua testa. Uma mão fria. Descatso.

Ele deixou-se ficar, abandonou-se, inteiramente. Seria a morte, a paz, enfim, que tanto desejara? Como saber? Forças não tinha, rem para reabrir os olhos. Sentia uma doçura nunca experimentada. Euforia.

De repente, o cérebro começou a trabalhar. Passivo, suportou a cavalcada violenta das recordações que lhe deram uma sensação de tontura, tal a velocidade com que as imagens rodopiavam à sua frente.

Ela, primeiro. Como não havia de preceder tudo? Ela, que fora o princípio e o fim de tudo, o problema e a solução. Ela. Beleza. Cabelos louros. Alva, rósea, linda. Cruel.

Duas mãos delicadas que haviam rasgado o seu coração e atirado no lixo as tiras de carne palpitante.

Subitamente, aquela sensação de conforto começou a recordar-lhe coisas brancas. Por que tanta brancura? Pa-

(CONTINUA NA PÁG. 51.)

NÁUFRAGO

Conto de
ALAN POWERS



STA. NEIDE DE CAMOCIM LEITE BARBOSA-1.º TENENTE DR. ELEAZAR DE AGUIAR CAMPOS. — Realizou-se no dia 20 de janeiro último, em Fortaleza, no Ceará, o enlace matrimonial da sta. Neide de Camocim Leite Barbosa, filha do sr. Maximiliano Leite Barbosa Filho e da sra. Cecy de Camocim Leite Barbosa, com o 1.º Tenente Médico dr. Eleazar de Aguiar Campos, filho do desembargador Eleazar Soares Campos e da sra. Maria Rita de Aguiar Campos. Na gravura, um flagrante batido por ocasião da cerimônia.



Dois flagrantes do comício realizado na tarde de 7 do corrente, na escadaria do Teatro Municipal, promovido pelos estudantes desta capital. Ao alto, um aspecto quando o sr. Mauricio de Lacerda dirigia a palavra ao povo, e, em baixo, outro do auditório.

FIGURAS E FATOS



REMINISCÊNCIA DO CARNAVAL DE 45. — A pequenina Magaly, filha do capitão Batista Neiva e de dona Manon Menezes Neiva, tal como compareceu às festividades infantis do último Carnaval, trajando uma bonita balana com todos os característicos da popular indumentária. Magaly, que é também a netinha querida do sr. Mario Aché Cordeiro, pelos seus predicados de vivacidade e beleza, fez grande sucesso nos bailes aos quais compareceu.



Lindbergh, Regina Coeli e Roberto, três interessantes filhinhos do casal Francisco Cupello, sócio da firma F. Cupello & Cia. Ltda., controladora de um grande circuito de cinemas nos Estados do Rio e Minas Gerais.

tivos e orgulhosos, partimos do lorrão natal, onde ficaram nossas mãezinhas, irmãs, esposas, filhos e noivas a chorar tão tristemente com os longínquos acenos de saudades.

Fizemos a inolvidável e temerosa travessia do Atlântico e aqui chegamos.

Nossa missão é lutar pela liberdade final dos povos oprimidos pela tirania nazista; é preservar a segurança da geração futura, a tranquilidade dos que lá estão, confiantes no nosso triunfo; é, enfim, mostrar ao mundo a dignidade altaneira da nossa gente.

E ela está sendo galhardamente cumprida.

Entretanto os dias passam lentos e melancólicos, sob a visão tão bela e saudosa do que atrás ficou passado.

Para revivê-lo basta sentirmos os efeitos tão benéficos das cartas.

São elas que ditam a felicidade nos angustiosos momentos, que põem a espiritual trégua de paz aos desejos de combate; que nos conduzem, tranquilos e sorridentes, ao altar da Felicidade, abstendo-nos de pensamentos amargos, sem a violência e sem o ódio. Suavizam a tristeza dos que vivem carpiando o tormento da separação, e fortificam os nossos profundos sentimentos íntimos, deleitando-nos com a beleza espiritual de um desejo realizado. As cartas desabrocham felicidades em cada soldado, confraternizando num único sentimento psicológico as suas funções e atividades heterogêneas.

Quando as recebemos freem os corações, porque elas ferem a alma; despertam-nos da sônolência nostálgica e nos enlevam ao passado, relembando aventuras, prodigiosas ou não, que tivemos ou desejamos ter.

PANORAMA GERAL DO "FRONT" INIMIGO. — Demos em edição anterior um aspecto parcial do "front" onde nossos soldados estão empenhados em vigorosa luta. Na gravura superior, entretanto, o panorama é ampliado na totalidade das montanhas e alpes, cobertos de neve, onde os "pracinhas" brasileiros têm de enfrentar a adversidade do tempo reinante. Mas o inverno está em vésperas de se despedir da Europa, e depois tudo será mais fácil. Relativamente fácil, aliás, porque a luta é dura de qualquer maneira e com qualquer temperatura!

N. da R. — Este artigo, intitulado "E as cartas chegaram!", foi escrito no dia 28 de dezembro último, "em qualquer ponto da Itália", pelo expedicionário Jorge Mattar.

Felicidades aos meus camaradas, pugadores expedicionários no "front" italiano!

Ao iniciar esta despretenciosa crônica, feita sob os auspícios de brasilidade e

civismo, que algo lhes havia de desejar?

Nós, vivendo o real drama da saudade, em meio adverso, em desolada e estrangeira terra, somos os escravos arfantes da expectativa postal. Somos aqueles que, al-

ONDE A COBRA ESTÁ FUMANDO

TRENÓS SOBRE O GELO. — Sargento Osmar Gomes de Oliveira (Minas Gerais), Manoel Gomes Filho (Mato Grosso) e sargento Otavio Monteiro dos Santos (Minas Gerais), quando transportam material de guerra, em trenó a tração animal, nas montanhas dos Alpes. São rapazes criados em regiões quentes, mas que depressa se adaptaram ao inverno europeu.

DESEMBARCANDO NA ITALIA. — Ele acaba de chegar, transportado no terceiro escalão. Aqui o vemos conduzindo a bagagem, o 1.º tenente Asdrubal Esteves, de Juiz de Fora, Minas. Está feliz porque a travessia correu normalmente, e vai agora dar auxílio aos patrícios que foram primeiro. Amanhã será outro veterano da guerra. E voltará triunfador!





TROPA DE ARTILHARIA BRASILEIRA. — Nem sempre é possível reunirem-se para conversar das coisas e pessoas que aqui ficaram, matar saudades, ouvir um pouco de música na vitrola portátil e fumar um cigarro que os parentes mandaram. A agradável tertúlia pode ser interrompida, de um instante para outro, pelo chamado urgente dos superiores. Mas quando conversam, sempre um dos "pracinhas" tem à mão a máquina fotográfica para bater o instantâneo que será, mais tarde, uma honrosa evocação no álbum de família — quando a Paz voltar!

Quando o bendito arauto proclama a sua chegada nós, os soldados, acolhemolas como dádivas do céu.

Então é comum ver-se o entrelaçamento recíproco de várias tendências, a comunhão de anseios, a mútua confissão das alegrias e dores que na viração da saudade voltam ao palco dos dias passados, arquitetado sob o céu azul, bem azul, do Brasil.

Fazem-nos esquecer um inesperado sofrimento ou mesmo um dissabor imprevisto, e à sua precipitada leitura gargalhamos, por vezes, como se desejássemos sepultar as agruras do presente nas ruínas do pretérito.

• Umhas cartas são lamentos de dor da mãe que viu, amargurada, seu filho querido partir, partir para bem longe, afim de cumprir o sacro ideal; outras são trivialidades que, mesmo formando em seu todo insignificantes notícias, constituem, no momento, um mundo de satisfações.

As cartas são, sem dúvida, o bálsamo espiritual que faz olvidar as duras e rudes concepções vividas neste teatro de operações do Mediterrâneo.

Quem não tem em sua vida um segredo que o deleita à doce leitura de uma carta?

Por quantas e quantas vezes não cho-

ramos, em surdina, ao delinear das palavras que são um rosário de emoções?

Após a leitura de uma carta o soldado sente o término de inquietantes dúvidas e uma íntima alegria suplanta os naturais sofrimentos calcados no cumprimento do dever. Do início ao fim a alma sofre incomensuráveis mutações espirituais. A ânsia de assimilar as palavras forma o espelho fisionômico da saudade!

Geralmente as cartas vêm em estilo proclamacial, plenas de fé e civismo, carinho e coragem com que os nossos nos cumulam.

Receber uma carta de um ser querido é expressar a existência de alguém a esperá-lo, pelo seu breve retorno, alguém que vela por si, alguém que reza por noites e noites...

E, assim, mesmo distante pela separação dos mares, a alma fica protegida. O soldado prossegue a rude jornada, renunciando a si próprio e às coisas deste desvairado mundo. O dever alicerçado pelo conforto dos que lhe são caros anima-o e fala mais alto do que a matéria, do que os prazeres terrenos. Até mesmo a grata possibilidade de rever um grande amor semi-submerso no pântano da saudade, desaparece ante o lenitivo do bem servir à Pátria amada.

Se, porém, as cartas tardam ou não chegam, o combatente torna-se prêso à taciturna melancolia dos infelizes. O retardamento de uma carta produz na

alma do combatente um efeito fantásticamente psicológico.

Enfim, a maior alegria dos soldados são as cartas!



MÉDICOS NUM HOSPITAL DE SANGUE. — O dr. Lutero Vargas (à direita) e o professor Alfredo Monteiro, ambos servindo num hospital de sangue das Forças Expedicionárias Brasileiras. Quando suas presenças são reclamadas num posto distante, arriscam-se, como qualquer outro, deslizando pela neve, para levar socorro urgente ao ferido em pleno campo de batalha.



DESEMBARQUE DO TERCEIRO ESCALÃO. — Mais alguns milhares de soldados brasileiros pisam território italiano, fazendo-o com a melhor disposição de espírito para a luta. Aqui estão, na hora do rancho, fazendo o V da Vitória, que traduz a primeira mensagem de saudades e esperanças para os amigos e parentes aqui deixados. Você conhece algum, leitor amigo?



Frank Walters, eletricitista-chefe dos estúdios de Denham, dirige os trabalhos de iluminação, em seu uniforme de soldado da Defesa Passiva, para uma filmagem de "Cesar e Cleópatra". A qualquer momento as atividades podem ser interrompidas pelo sinal de alarme. Algumas vezes essa interrupção faz prejudicar um dia inteiro de trabalho.

Como se obtém um ângulo especial. A câmara vai fotografar aqui do alto um efeito de conjunto. O autor deste artigo declara existirem hoje grandes dificuldades em obter "extras" jovens. A comparsaria da peça de Bernard Shaw terá de ser constituída de velhos e mulheres que não estão mais em idade de prestar serviços de guerra.



Esperando o momento de entrar em cena os artistas descansam, tiram uma soneca ou decoram o papel. O "set" está em condições de iniciar a filmagem a qualquer momento, mas os operadores e demais técnicos sempre consomem algumas horas escolhendo ângulos para tomadas de maior efeito. E os personagens de mestre Shaw cansam de esperar!

"Cesar e Cleópatra", de George Bernard Shaw, foi adaptado à tela por Gabriel Pascal, e está sendo rodado em Denham, na Inglaterra, com Vivien Leigh e Claude Rains nos protagonistas que nós vimos aqui desempenhados por Dulcina e Odilon. Aqui estão algumas fotos alusivas.

Oliver Messel, oficial-técnico em "camouflage" do Exército Britânico, obteve licença especial para trabalhar na filmagem de "Cesar e Cleópatra". São de sua autoria os "croquis" que a gravura nos mostra, alguns dos quais reproduzindo exatamente cenários por nós vistos no Municipal, quando Dulcina-Odilon apresentaram a mesma peça.



CAESAR & CLEOPATRA



Na gravura superior: Vivien Leigh, que fez Scarlett O'Hara em "...e o vento levou", interpreta de Cleópatra, e Claude Rains, no papel de Nero. São eles os protagonistas do filme "Cesar e Cleópatra", em technicolor, rodado sob todas as dificuldades de guerra, em Londres. A direção é de Gabriel Pascal, que já realizou outros filmes de George Bernard Shaw.

Berrie Hamilton, especialista em maquiagem, retoca o rosto de Antony Harvey, o pequeno ator de 13 anos que desempenha o papel de Rei Ptolomeu. Na versão teatral brasileira esse personagem foi desempenhado por uma jovem, sobrinha da atriz Dulcina e por ela ensaiada.





No Rio de Janeiro os aniversários natalícios de D. Maria I davam ensejo a cerimônias oficiais ou demonstrações de ordem popular.

(CONTINUA NO PROXIMO NUMERO)



Alma Flora já foi uma figura popular de rádio. Ela, Salú de Carvalho e Manuel Durães formaram, por muito tempo, o famoso trio Manezinho, Quintanilha e Felicidade. Mas a "estrêla" do Glória não pensa em voltar ao microfone. E faz bem...

ORESTES, NOEL E OUTRAS COISAS

Faz pouco tempo, festejei nesta página uma entrevista concedida por Orestes Barbosa à "Fôlha Carioca". Então, comentando suas declarações, felicitei-me por coincidirem sobre a questão da música popular os pontos de vista do cronista irreverente e ranzinza e os do autor de tantas composições de êxito singular. Pois, tenho agora, aqui, uma carta de Orestes agradecendo os elogios que eu tinha obrigação de fazer. E, como é do seu feitio dar sempre muito mais do que julga que deve, enviou-me também a felicíssima notícia de sua volta às atividades da poesia musicada e do rádio. Note, porém, que por qualquer eventualidade a missiva chega às minhas mãos com um mês de atraso! Ora, como até este momento Orestes não cumpriu o prometido, fico pensando que tenha desistido, talvez sem coragem de enfrentar de novo um ambiente onde medra a burrice e a desonestidade artística é o ganha-pão de quase todos.

Sem possuir em sua obra aquele conteúdo sociológico que tornou Noel Rosa um ídolo do povo, Orestes reuniu atributos de labor poético a uma compreensão muito justa dos sentimentos da grande massa. Dentro do mesmo gênero, sob a aparência de fácil conformismo, o infortunado seresteiro de Vila Isabel crivou de ironias a sociedade imbecil que o cerca; fez panfleto contra os imperativos da miséria a que estão sujeitas as classes governadas; e, cantando embora, soube ferretar como poucos a besta dos falsos preconceitos e da hipocrisia de sua época; enquanto o outro, mais castigado no culto das formas poéticas cingese ao retrato musical dos dramas puramente sentimentais. Explico-me de modo mais claro dizendo que Noel foi proletário, Orestes é pequeno-burguez. Mas de uma pequena burguezia de nossa época, já desiludida da fortuna e do

poder, já saturada de sofrimentos e de humilhações; que não passa fome mas alimenta-se mal; que não dorme em cama de jornais velhos, porém a custo satisfaz à ganância do senhorio; que necessita fazer fila à porta da Comissão Executiva afim de adquirir um triste litrinho de leite destinado aos filhos, sabendo que os magnatas do Jockey Club diariamente recebem dezenas de baldes do precioso líquido para cevar os seus cavalos!...

Por isto, as "letras" de Orestes, nas quais um sagaz psicanalista-sociólogo encontraria abundante material de estudo das condições de vida de nossa classe média, são tão interessantes como a sua própria palestra, viva, crepitante de observações originais, impulsionada, invariavelmente, no sentido de encontrar a verdade das coisas dentro das possibilidades de beleza da vida. Sua volta à música popular, que eu acredito tenha sido apenas ligeiramente protelada e não cancelada, marcará um novo surto de bom gosto na simplicidade. Uma festa do bom senso, escarolado da imundície sambiquara, mercenária, vasia de intuítos elevados, mentirosa de conceitos e via de regra incuravelmente analfabeta.

Alô... Alô...

Foi anunciada, esta semana, a retirada de Berliet Junior do "cast" da Mayrink, transferindo-se para a Nacional, com o salário de dez mil cruzeiros. A Mayrink teria chegado a oferecer sete mil.

— Em compensação, foi também divulgado que Teófilo de Barros Filho vai confeccionar um programa para a

PRA-9. Teófilo foi, por longo tempo, diretor da Tupi, no Rio, e de uma emissora associada em São Paulo.

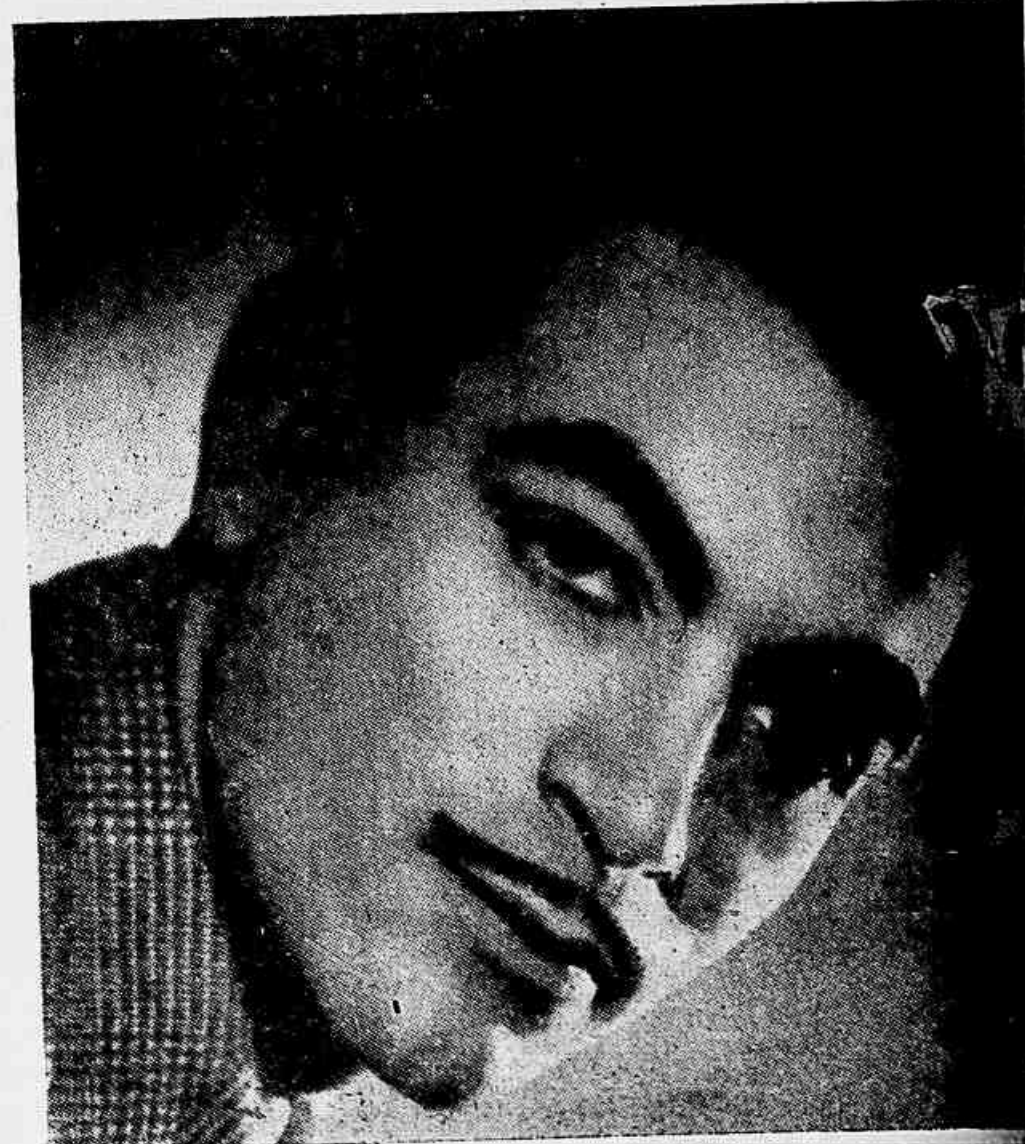
— O programa de Henrique Batista "Samba e outras coisas", agora apresentado na Rádio Clube do Brasil, vai comemorar seu 10.º aniversário em abril.

— Sagramor Scuvero embarcou para os Estados Unidos, em companhia de Lidia de Alencar, onde vão atuar em programas radiofônicos.

— Também se informa que Celso Guimarães irá para os Estados Unidos, enquanto outros elementos seguirão para Londres. Por êsse andar vão surgir excelentes vagas no "broadcasting" carioca.

Fernando Barreto, um dos cantores sérios do rádio brasileiro, dos que se podem ouvir sem perigo de sofrer dos nervos...

41



DE RADIO

por

DJALMA
MACIEL

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

**O verdadeiro Elixir
da longa vida...
dos Cabellos**

**REVIGORA
PERFUMA
HIGIENISA**



**INFALIVEL NA CÁSPA,
QUEDA DOS CABELOS
e demais Afecções do Couro Cabeludo**

Petrolina

**antisséptico
adstringente
bactericida**

**O produto preferido pelas
senhoras modernas para a
sua HIGIENE INTIMA.**

Livros

SENHORA DE ENGENHO, romance de Mário Sette, 6.^a edição, com ilustrações de Percy Lau — Edições Melhoramentos. — São Paulo, 1944.



O Sr. Mário Sette terminou em 1925 este romance que lhe levava dois anos a escrever. É uma criação da mocidade, talvez até pudéssemos dizer: da primeira mocidade. Há nestas páginas muita sinceridade, muita sensibilidade, muito amor à terra pernambucana, de que o romancista, ao contrário deste seu personagem principal, nunca se quiz, por mais dalguma viagem de férias, afastar. O Sr. Mário Sette vive em Olinda, cujo ambiente de tradição, emotividade e arte lhe é absolutamente indispensável. Lá o fomos encontrar um dia, no velho templo que constitui, para a gente de Recife, tanto um motivo de orgulho quanto um objecto de devoção. O amigo que nos acompanhava apontou-nos Mário Sette, num movimento que nos convidava a aproximar-nos. Pedimos-lhe que detivesse, por alguns momentos, a apresentação. E ficámos, tanto quanto possível discretamente mas com intensa curiosidade, a observar o escritor, o artista, distraído por completo, alheio de tudo e mais, respirando a plenos pulmões e pleno coração a atmosfera que entre aquelas paredes lhe falava do passado, preces e amores de outrora, prantos e consolações, desalentos e novas esperanças — e lhe dava porventura o motivo e toda a inspiração da próxima novela. Assim imaginávamos á distância aquilo de que, graças à apresentação, tivemos certeza.

Como Eça de Queiroz leva o português expatriado Jacinto para a sua montanha de Tormes, assim o autor de *Senhora de Engenho* reconduz o seu protagonista da agitação e das ambições do Rio de Janeiro à faina remota e obscura do engenho paterno de Aguas Claras, perto de Tracunhém. Dizendo nós, porém, ser aquele o protagonista, como atrás dissemos ser o personagem principal, não importa isso em proclamarmos a sua superioridade, como caráter ou feito moral, como tipo, em relação a outras figuras do romance. Em verdade, a imagem que predomina na obra e que mais límpida e sugestiva se nos transmite é a de Maria de Betânia. É a moça singela, toda sentimento, que, namorada desde criança do belo Nestor, o vê agora voltar do Rio, casado, como que esquecido dela — e de tudo. E como, para maior infelicidade, a esposa de Nestor se vai progressivamente possuindo de ciúmes daquela a quem suspeita de sua rival, Maria de Betânia parte de Aguas Claras, onde sempre viveu, vai-se embora, em silêncio, recalando as lágrimas e o seu segredo, numa renúncia simples a que não falta sublimidade.

A linguagem do romance é clara e fácil — às vezes um pouco fácil de mais — e bem se vê que o escritor lhe não quiz tocar, mais tarde, preferindo conservar-lhe algum defeito, respeitando-lhe, acima de tudo, a espontaneidade. Depois, muito mais do que os senões se nos evidenciam e nos impressionam as virtudes do livro. Graças a estas, já *Senhora de Engenho* está na sexta edição. E certamente não será a última.

BOTANICA PITORESCA, de Meira Penna — Rio de Janeiro, 1945.



O Sr. Meira Penna é o que se pode chamar um apaixonado da botânica. Da botânica científica, da botânica literária. Garcia Redondo deixou-nos a *Botânica Amorosa*, série de episódios, meio idílicos meio didáticos, através dos quais um jovem professor vai iniciando a discípula, naturalmente um pouco mais nova, nos mistérios da especialidade sapiente que levou Linneu à imortalidade e a eles os deverá levar, pelo menos, ao casamento. O autor do presente volume não recorreu à forma de comédia entre pedante e sentimental, para nos ensinar o que aprendeu sobre árvores, plantas, frutas e flores. Repetiu o processo já empregado no seu *Dicionário de plantas medicinais*, compondo, porém, desta vez um vasto, profuso léxico que vai a quatrocentas e trinta páginas. E, conciliando os dois amores: o do mestre e o do artista, cativadamente o seu trabalho varia e se harmoniza.

A obra desenvolve-se alternada ou paralelamente dentro da botânica propriamente dita e nos domínios da cultura geral. O Sr. Meira Penna é homem de boas e úteis leituras, quer dizer: não frequenta os livros somente para lhes gozar a beleza mas também para lhes apreender e fixar os ensinamentos. Toma as suas notas, deve ter o seu fichário. Assim é que, tão frequentemente, a propósito dum verbete, lhe acodem citações de história, poesia, viagem, aventura ou lenda, as quais, por entre os conhecimentos ministrados, vão regalando o espírito do leitor. Assim a definição de "folha" o leva a falar de numerosas aplicações desse termo, chegando às folhas dos livros e passando então a alinhar por algumas páginas o que do livro disseram homens célebres, desde Plínio e Séneca, passando por Santo Agostinho, Montaigne e Auguste Comte, até ao Sr. Júlio Dantas. O vocábulo "flor" dá-lhe ensejo a outro belo estendal de erudição. E todo o livro mantém um prestígio atraente, ora pelo doutrinamento clássico ora pelas digressões da fantasia e do gosto e ainda, em parte considerável, pelas observações a que o autor, aproveitando uma viagem pelo Oriente, procedeu em terras da Índia, China, Japão, Malaca e Tibeth.

ELES NÃO DORMIRÃO, reportagem de Leland Stowe, tradução de João Távora — Epasa, editora — Rio de Janeiro, 1944.



A empresa editora Epasa, obedecendo à corrente atual que dá toda a possível preferência às obras da literatura estrangeira — ainda quando, a rigor, não pertençam à literatura nem sequer cheguem a ser obras — não se arreceou das dimensões nem do "momentismo" dos artigos de reportagem de Leland Stowe para um grande diário de Chicago. São nada menos de seiscentas e quinze as páginas que compõem este volume formidável. E, curiosíssimas de certo, não raro altamente reveladoras quando enviadas ao jornal, bem pouco nos podem agora dizer de novo, recompensando-nos do trabalho, da verdadeira labuta da leitura. Como facilmente se compreende, muitas coisas que até então — o prefácio do livro está datado de Outubro de 1943 — se apresentavam, de natureza ou de aspecto surpreendente, depois se esclareceram de maneira a não deixar, quanto à sua razão de ser e aos seus efeitos, a dúvida mais ligeira. Mistérios que desafiavam o brio dos repórteres; problemas que se impunham a observadores e comentaristas, com o tempo se tornaram, para os que acompanham os comunicados de guerra e as declarações dos governos, perfeitamente sabidas e familiares. E assim, qualquer leitor assíduo de

Nova

telegramas conhece hoje, acerca de certos assuntos, causas, feições, reflexos, pormenores que o jornalista naquele tempo naturalmente ignorava.

O representante do *Chicago Daily News*, justiça se lhe faça, desempenhou a sua missão com uma solicitude e uma energia extremamente louváveis. Embora avançado em idade, realizou todas as proezas que o mister, aplicado à guerra, não dispensa. Realizou viagens exaustivas; conseguiu efectuar visitas e excursões que a outro homem, sem a fibra e a alma de repórter, se afigurariam impossíveis; esteve nos lugares mais perigosos; teve que empregar verdadeiros *lours de force* para redigir a tempo e fazer chegar ao destino as suas correspondências... Finalmente, e o que ainda mais importa, todo o seu trabalho, como serviço de informação e como juízo apreciativo, merece a qualificação de excelente.



A BAIXADA DE SEPETIBA, exposição histórica e geográfica e demonstrações técnicas e administrativas, por Hildebrando de Araujo Góes — Rio de Janeiro, 1942.



Nas suas amplas dimensões, com a sua riqueza de mapas e plantas, tabelas de estatística e gráficos demonstrativos, além de profusa documentação fotográfica, este livro constitui um exemplo, dos mais poderosamente sugestivos, de quanto valem o esforço, o entusiasmo, a perseverança, quer dizer: a verdadeira intuição realizadora.

O volume traz como epigrafe as palavras do presidente Getúlio Vargas: "O saneamento da Baixada Fluminense é, no gênero, uma obra monumental". E toda a gente deverá ter a noção do vulto formidável daquele empreendimento. Os simples passageiros de trem ou de automóvel apanham, de relance, a magnitude da tarefa que por ali se cumpriu, canalizando e disciplinando águas esparsas e perdidas; ressecando e tornando cultiváveis as extensões alagadas; exterminando os focos do impaludismo; abrindo passagem e oferecendo campo aos transportes e às culturas; tornando possível a volta da vida a lugares donde ela, por assim dizer, desaparecera. Toda a gente, com efeito, podia fazer vagamente idéia do estado a que tudo aquilo chegara e do que começa agora a ser para um futuro de salubridade perfeita, animadora de iniciativas, criadora de riquezas. Mas a clara visão, a justa proporção e a compreensão verdadeira das obras da baixada fluminense só realmente se adquirem mediante a lição dos profissionais e sobre a eloquência dos algarismos. O Sr. Hildebrando de Araujo Góes compôs para esse fim um livro modelar, do qual, concluído embora em 1942, só agora nos é dado tratar. Nada mais claro, mais instrutivo e mais acessível aos profanos mesmos do que esta obra enriquecida por toda sorte de documentos. Há no preâmbulo do livro algumas linhas da mais preciosa feição prática:

"Devido ao alto rendimento da aparelhagem aplicada, acham-se concluídos, após vários anos de intenso labor, 270 quilômetros de canais, 620 quilômetros de valetas, 50 quilômetros de diques, tendo sido movimentados para mais de onze milhões e quinhentos mil metros cúbicos de terra. Mil e quatrocentos quilômetros de cursos de água já se acham completamente desobstruídos; 15 pontes de cimento armado, 90 pontes de madeira, somando perto de 2.000 metros de vão, completam o enorme balanço das obras realizadas".

Esses poucos períodos dizem mais, realmente, que todos os comentários e quaisquer louvores.



O CENTENÁRIO DO MARECHAL BORMANN — Edição da Biblioteca Militar — Rio de Janeiro, 1944.



A Biblioteca Militar rende nestas páginas que, com profusa matéria de documentação, não vão além de cento e quinze, um preito de veras eloquente, elevado, à memória dum grande soldado que, fóra das fileiras, não deixou de ser um vulto de primeira grandeza. Os serviços que ele prestou ao Brasil dividiram-se por situações e categorias diversas, acusando sempre a vasta inteligência a que correspondia um coração dos mais nobres e generosos. Num aviso modelar de setembro do ano passado, salienta o Ministro da Guerra, general Eurico Dutra, na individualidade de José Bernardino Bormann, aquilo a que chama o título humanitário: "Na guerra do Paraguai, para onde fôra juntamente com outros jovens ardorosos que haviam assentado praça com destino à Escola Militar, teve, pela sua caridade, o esplendor da pureza dos santos. Foi enfermeiro dos coléricos em Tuiuti; alimentava-os com carinho, tratava-os desveladamente e com eles vivia e dormia, sem medo do contágio da doença, sem desfalecimento, contente por poder executar fielmente o segundo mandamento da lei de Deus".

A esse antelóquio se segue um estudo biográfico do coronel Lima Figueiredo, que assim termina: "São estas as linhas gerais da vida do marechal José Bernardino Bormann, o homem que foi bravo no Paraguai, santo ao tratar os coléricos em Tuiuti, leal no Paraná e firme, decidido, estoico e inteligente no desempenho de todos os cargos; civis e militares que exerceu. Hoje Bormann é um exemplo, é uma lição. Os que quiserem vencer na carreira, que o sigam; terão como ele pungentes ensinamentos; mas, quando soffremos e nos amarguramos por culpa alheia e não nossa, os soffrimentos e as amarguras não doem tanto; e sempre foi melhor ser injustiçado e martir do que fracassado".

Vem depois a fé de ofício do ilustre militar por tantos títulos ilustre; ainda outros artigos assinados e notas da imprensa a propósito da data gloriosa do seu nascimento.



A CAIXA ECONOMICA DO RIO DE JANEIRO EM 1942 — Carlos Coimbra da Luz — Rio de Janeiro.

Em edição impressa pelo Serviço Gráfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, acaba de vir a público este livro, que, num relatório explícito e lucido, nos informa de toda a atividade da Caixa Econômica Federal do Rio de Janeiro durante o ano de 1942.

O Dr. Carlos Coimbra da Luz, presidente do Conselho Administrativo daquele estabelecimento de crédito popular, através das 360 páginas deste volume, dá conta de todo o trabalho desenvolvido pela Caixa Econômica em prol do incremento da economia, entre as classes laboriosas, bem como das grandes iniciativas realizadas por aquele Instituto no período de que trata o relatório.

Neste trabalho, discrimina ainda o autor, em separado, as atividades de cada uma das carteiras de crédito da Caixa e o andamento de seus trabalhos administrativos.



ESTE É O CHARUTO VITORIOSO



A RESPONSÁVEL

por petiscos saborosos e saudáveis /

• Sopas, pudins e demais pratos ficam saborosos e nutritivos si preparados com Maizena Duryea — alimento ideal para todas as idades.



MAIZENA DURYEA

À MAIZENA DURYEA 61
Caixa Postal, 6-B - São Paulo 37
Peço enviar-me, GRATIS, o livro "Receitas com Maizena Duryea"

NOME _____
RUA _____
CIDADE _____ ESTADO _____

UM LIVRO ÚTIL
POR
DEZ CRUZEIROS

A CONVERSACÃO INGLÊSA
POR
CH. W. ARMSTRONG
CONTENDO AS CEM PALAVRAS MAIS USADAS DA LINGUA INGLÊSA. FRASES A DECORAR (COM PRONÚNCIA FIGURADA) FRASES PARA EXEMPLIFICAR AS REGRAS GRAMATICAIS.
DICIONÁRIO



PEDIDOS À LIVRARIA EDITORA ZELIO VALVERDE
TRAVESSA DO OUVIDOR, 27 - CAIXA POSTAL 2936
RIO DE JANEIRO

AOS CLIENTES DO INTERIOR: SI NÃO ENCONTRAR NO SEU LIVREIRO, PEÇA PELO NOSSO SERVIÇO DE REEMBOLSO POSTAL

Srs. comerciantes, industriais e banqueiros, utilizai um dos mais eficientes veículos de publicidade da Capital da República, anunciando nos:

— **Altófalantes localizados na Estação D. Pedro II, por onde passam, diariamente, 360.000 pessoas, e na Estação do Meier, e Restaurantes dos Servidores da Estrada de Ferro Central do Brasil (7.º andar da Estação D. Pedro II, Francisco Bicalho e Oficinas do Engenho de Dentro em irradiação feita simultaneamente.**

Informações: — Serviço de Turismo e Publicidade da Estrada de Ferro Central do Brasil — 7.º andar do Edifício da Estação D. Pedro II, salas 700 a 710 — Fones 43-9331 e 43-9562.



A mulher de Paris e Londres

Paris (H. P.) — A mulher moderna de Paris e de Londres sabe despertar, adquirir e conservar a sua Feminilidade, Juventude, Saúde, Atração e Beleza, tão desejadas e necessárias em todos os períodos de sua vida. A sua arma é o famoso tratamento OKASA, à base de Hormônios frescos e vivos (extraídos das glândulas endócrinas e de Vitaminas essenciais) — (fonte de Vitalidade). OKASA, de alta reputação mundial, é fabricado há mais de 25 anos pelos conhecidos Laboratórios Hormo-Pharma de Londres e Paris; é importado agora diretamente de Londres. O tratamento OKASA é uma medicação de escolha, ultra-razional e científica; conhecida pela sua eficácia terapêutica clinicamente comprovada, oferece o máximo de

sucesso em todos os casos ligados à deficiência do sistema glandular, do aparelho genital e do teor vitamínico, como frigidez, insuficiência ovariana, regras anormais, perturbações da idade crítica (menopausa), obesidade ou magreza excessivas, flacidez da pele e rugosidade da cutis, queda ou falta de turgência dos seios, etc., todas essas deficiências de origem glandular na mulher.

Experimente OKASA e se convencerá! Peça a fórmula drágeas "ouro" em todas as boas Drogarias e Farmácias, só em embalagem original de Londres. Informações e pedidos ao Distribuidor: Produtos ARNA — Av. Rio Branco, 109 — Rio — Tel. 43-3378.

COMO TODO BOM WHISKY ESCOCÊS...



Johnnie Walker

sufre certa escassez, hoje em dia. Contudo, mantemos escrupulosamente sua excelente qualidade, sem qualquer alteração e continuamos a fornecê-lo com a maior equidade.

John Walker & Sons Ltd.,
Scotch Whisky Distillers,
Kilmarnock, Scotland.

Nasceu em 1820 —
mas continua na moda.

Pão e amor

(Continuação da página 31)

— E' tudo? — replicou o conselheiro-assistente. — Pagarei tudo de uma vez... amanhã... até o último vintem. Mas pensemos em outra coisa. Gostarias de sair para um pequeno passeio pelo parque? Que tal se fôssemos de carro? Está bem, tomaremos o bonde. Vamos passear no parque.

Foram passear no parque e jantaram num apartamento privado do restaurante Alhambra. Foi muito engraçado, porque os fregueses do salão pensaram que eram um casal de jovens amantes. Esta idéia divertiu Gustaf, embora Louise parecesse um tanto deprimida, especialmente quando viu a conta. Poderiam muita coisa em casa por essa quantia.

Os meses passaram e chegou a hora dos preparativos — um berço, roupinhas de criança, e assim por diante.

Falk não teve facilidade em levantar dinheiro. O cocheiro e o merceiro se recusaram a lhe dar mais crédito, porque também tinham família para alimentar. Que chocante materialismo!

Afinal, o grande dia chegou. Gustaf teve de arranjar uma enfermeira e até mesmo quando segurava a filhinha recém-nascida nos braços foi chamado para pacificar os credores. As novas responsabilidades pesavam muito

sobre os seus ombros; ele quase desfalecia sob o esforço. Conseguiu, é verdade, algumas traduções para fazer, mas como trabalhar se, a todo momento, era obrigado a sair? Afinal, decidiu-se Falk a apelar para o sogro, pedindo auxílio. O velho o recebeu com frieza:

— Eu o ajudarei desta vez, mas de outra vez não. Não tenho muita coisa e vocês não são os meus únicos filhos.

A mãe precisava de muitas coisas, galinhas, vinhos caros. E a enfermeira tinha de receber a sua paga.

Felizmente a mulher de Falk se repôs rapidamente. Parecia uma moça outra vez, com o seu porte elegante. A sua palidez começou a desaparecer. O pai de Louise, entretanto, falou seriamente com o genro:

— Agora, nada mais de filhos, a menos que vocês queiram se arruinar.

Durante algum tempo a família Falk continuou a viver de amor e de crescentes dívidas. Mas um dia a bancarrota lhe bateu às portas. Houve a ameaça de penhora. Então o velho surgiu e levou Louise e a criança e, enquanto se afastavam num "cab", refletiu amargamente que havia entregue a filha a um jovem que a devolvera depois de um ano, desonrada. Louise preferiria ficar com Gustaf, mas nada mais havia da casa. Ele ficou para trás, olhando-os, enquanto os oficiais de justiça — os homens de bengala — desnuda-

vam o apartamento de tudo, móveis, roupa de cama, talheres, utensílios de cozinha, até deixá-lo apenas com as paredes.

Então começou uma vida verdadeira para Gustaf. Conseguiu um lugar de revisor num jornal matutino, de modo que tinha de trabalhar várias horas por noite à sua mesa. Como não tinha sido oficialmente declarada a sua bancarrota, pôde conservar o seu lugar na repartição pública, embora não mais pudesse esperar por promoções. O sogro permitiu que visse a mulher e a filha nos domingos, mas nunca podia estar sozinho com elas. Quando saía, à noite, para o jornal, elas o acompanhavam até o portão — e ele partia com a alma inteiramente humilhada. Talvez precisasse de vinte anos para pagar todas as suas dívidas e obrigações. E, depois... sim, e depois? Poderia então sustentar a mulher e a filha? Não, provavelmente não. Se, no entretanto, o sogro morresse, ficariam sem um lar. Assim, devia ser grato ao homem de coração duro que tão cruelmente os havia separado.

Ah, sim, a vida humana é realmente dura e cruel! Os animais dos campos encontram o sustento com facilidade, ao passo que, entre todos os seres criados, somente o homem deve trabalhar e suar. E' uma vergonha, sim, é uma vergonha sem nome que nesta vida não tenhamos todos, gratuitamente, perdizes e morangos.



Ao lado:

Em "gros-grain" lavrado é feito este conjunto de Joyce Reynolds para praia, que por certo irá agradar às nossas leitoras.

Em baixo:

Para praia ou para o campo Joan Leslie apresenta este modelinho de algodão com quadradinhos verde e branco. A saia é franzida, tendo um bolso de cada lado. Um laço embutido arremata o "drapé" da blusa.

(Fotos Warner Bros.)



fim
DE
VERÃO





Guarnições EM BRANCO

1 — Encantador modelo em seda azul marinho. Gola e bolsos em piqué branco com botões marinho.

2 — Muito chic é este modelo em seda negra, com vize branco na pala e manga, e laço branco no bolso da saia.

3 — Modelo "d'après-midi" em seda azul marinho, com grande babado de mousseline ao redor da gola, que é presa com três botões de fantasia.

4 — Um babadinho branco acompanha o recorte da pala deste vestido trabalhado em nervuras.

5 — Um efeito de bolero caracteriza este vestido azul marinho com enfeites de piqué branco.

6 — Vestido elegante em seda preta, guarnecido de fita de gorgorão branco enfiada em "rouloutés" do mesmo tecido do vestido.

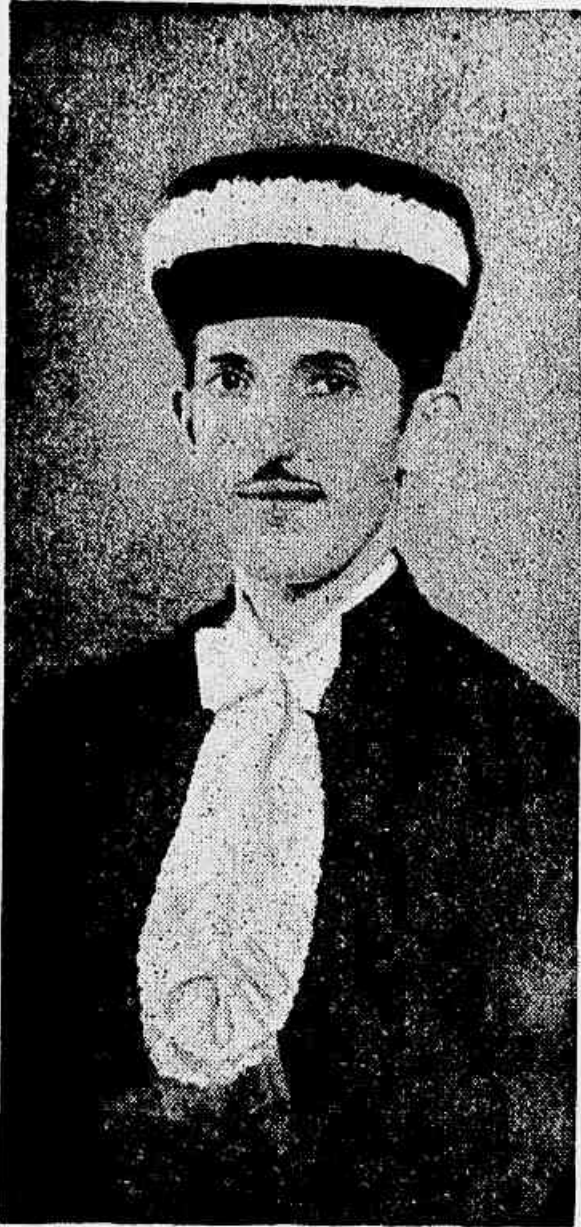


Modelos INFANTIS

47



- 1 — Vestido de shantung azul, com bordado inglês nas mangas e decote. Laços nos ombros.
- 2 — Gracioso vestidinho em organdi branco. "Pois" de diversas cores na "capeline" e nos lacinhos à cintura.
- 3 — Modelo em "voile" rosa pálido, enfeitado com valencianas.
- 4 — Duas peças em algodão estampado. Gola em piqué branco. Laços em tom vivo.
- 5 — Vestidinho de linho branco, com aplicações e bordados em vermelho.
- 6 — Interessante modelinho, com saia em shantung branco e blusa listrada azul e branco.
- 7 — Vestido em linho branco com aplicações em vermelho.
- 8 — Modêlo em piqué branco abotoado na frente. Pespointos amplo na saia. "Ruche" na blusa formando pala.
- 8 — Vestidinho para festa, em organdi. Babado bastante vermelhos.



Fez aniversário a 16 do corrente o sr. dr. Sandoval Agular, estimado e competente cirurgião dentista, com consultório à rua do Livramento 107. Ao ensejo desta data seus inúmeros amigos e admiradores acorreram à sua residência para levar os seus cumprimentos ao simpático amigo.

CUTIS CANSADA



e sem viço

As pérfidas rugas na testa e ao redor dos olhos, as sardas, manchas, cravos e espinhas, são traiçoeiros inimigos da beleza da mulher. Quando surgem estas imperfeições, lançando nuvens sobre a sua felicidade, confie nas virtudes do Creme Rugol. Rugol corrige rapidamente as causas do envelhecimento prematuro da cutis. Este famoso creme embelezador, usado todas as noites em suaves massagens no rosto, pescoço, e todos os dias como base do "maquillage", remove as impurezas que se acumulam nos poros, fortalece os tecidos, dá vigor e mocidade à pele. Com apenas uma semana de uso do Creme Rugol a sua cutis poderá ficar macia, limpa e acetinada, aumentando os seus encantos e protegendo a sua felicidade. A felicidade de amar... e ser amada.

**CREME
RUGOL**

Alvim & Freitas, Ltda. - C.P. 1379-S. Paulo



O PREÇO DA "REVISTA DA SEMANA"

Informamos aos nossos leitores que em todo o território nacional o preço normal da REVISTA DA SEMANA continua sendo Cr. \$ 1,60. Qualquer alteração referente ao custo de venda no interior da capital da República constará na própria capa do número a que se referir essa alteração.

HEMORRHOIDAS? Tome
LUC 3510-14-3 925 D.N.S.P.
ENCONTRA-SE EM TODAS AS
Farmácias e Droguarias
Pilulas de Herva de Bicho
Comprimidos! Óptimos!
INFALLÍVEIS!



Não seja do "Contra"! Faça o regime ENO - "Sal de Fructa" ENO, laxante e antiácido ideal, ao deitar e ao levantar, para garantir o seu bom humor diário e a saúde de toda sua vida!

"SAL DE FRUCTA"

ENO



INTOXICADO!

Todo o seu organismo envenena-se com as toxinas produzidas pela **PRISÃO de VENTRE**

Qualquer médico lhe confirmará que a prisão de ventre é a causa de uma infinidade de distúrbios, porque o homem ou mulher, vítima da Prisão de Ventre é uma pessoa intoxicada. Os resíduos alimentares, privados de uma eliminação normal e diária, entopem os intestinos e intoxicam o organismo, roubando ao corpo sua vitalidade e resistência. As Pilulas Aloicas, na prisão de ventre, mesmo nos casos rebeldes, proporcionam resultados satisfatórios.

A Prisão de Ventre
Mina e Destrói sua Vitalidade
Arruína sua Força e Saúde
Rouba sua Personalidade
Antecipa a Velhice

PILULAS

ALOICAS

1 Laxante
2 Purgante

Vaumart

BALADA CONTRA OS INIMIGOS DA FRANÇA

Continuação da pág. 3

o foi São Victor; ou afogado nas profundezas do mar, sem respiração, pior do que Jonas no interior da baleia; possa ser privado da luz do sol, dos tesouros de Juno e das alegrias de Venus, e do deus da guerra receba o supremo castigo, tal como sucedeu com o rei Sardanapalo, aquele que desejar mal ao reino de França!).

"ENVOY

Prince, porté soit des serfs Eolus
En la forest ou domine Glaucus;
Ou privé soit de paix et d'esperance:
Car digne n'est de posseder vertus
Qui mal voudroit au royaume de France!

(Príncipe, que levado seja pelos servos de Eolo para a floresta que Glauco domina; ou privado seja de paz e de esperança, porque não é digno de possuir virtudes aquele que deseja mal ao reino de França!).

Não haverá entre os nossos poetas, — e entre os quais há admiráveis tradutores de obras estrangeiras como Manuel Bandeira, Abgar Renault, Onestaldo de Penafort e Gondim da Fonseca — quem queira pôr em linguagem adequada essa admirável balada de François Villon, de que procurei apenas dar uma idéia aproximada, numa paráfrase apressada?

Creio que a "Balada contra os Inimigos da França" bem mereceria tal esforço. Especialmente por se tratar de uma peça atualíssima — embora seja uma obra clássica — e na qual o Comité de Punição dos Crimes de Guerra bem podia encontrar o castigo adequado para o criminoso-mór, Adolph Hitler. Se me fôsse lícito opinar, votaria pela aplicação do castigo contido no primeiro e no segundo verso da terceira estrofe:

"D'Octovien puist revenir le tems,
C'est qu'on luy coule au ventre son tresor..."

O diabo é que, aplicada essa punição, não haveria lugar para nenhuma outra. E o ideal seria que Hitler pudesse ser revivido depois de cada uma das punições sugeridas por François Villon para receber a seguinte. Porque, na verdade, ele merece, não uma mas todas.

Não são os exércitos, não são as marinhas que defendem os Povos... Na luta de irmãos contra irmãos que se matam, que se degladiam, não se construirá jámais o alicerce que manterá a Paz, porque sob êle eternamente ficará o odio que elimina, que corrói os corações e mata a pureza dos sentimentos bons...

Não há glória quando irmãos se abatem mutuamente pela força e pela violência... Não ha vencidos nem vencedores quando no amago do coração do homem o rancor se esconde fazendo uma guerra insana áquele que o dominou...

Se as mães refletissem um pouco, jámais permitiriam que as mãos inocentes de seus filhos se manchassem procurando prazeres em brinquedos bélicos... Fariam um sério protesto para que deixassem de existir esses monstros que envenenam e matam o coração... — Instrumentos para descobrir os tesouros da Terra... Arados em miniatura, instrumentos musicais para educar o espirito, livros em profusão plenos de ensinamentos, como sementes para uma seara grandiosa e promissora: sim, é imensuravel o campo infantil! — Formar um celeiro e aguardar seu futuro!

SORBONNE

— Quão diferentes se tornariam as gerações!...

Lendo num matutino a noticia de que De Gaulle abria novamente a Sorbonne, e ponderando as palavras desse grande "A Vitória está á vista e o inimigo em fuga", o coração bimbalhou numa alegria enorme e senti, realmente, a vitória se aproximando... — Quando o pensamento se eleva, quando a cultura retorna, o materialismo já deve ir longe...

Evoquei a lembrança do fundador dessa Universidade. A grandeza do seu

verdadeiro espirito de Patriota querendo pelo saber elevar os homens de sua Pátria... Organizando com sacrificio a Academia de Patis que tomou o seu nome... Recordei-me de suas lutas para formar os alunos pobres que a miséria não permitia lhes fosse possível concluir seus estudos superiores, e, depois dessa peleja ingente, a glória de ter deixado êsse cabedal incalculavel, essa Universidade mundialmente conhecida e que recebe em seu seio a juventude de todos os paizes, sem distinção de credos ou de raças. Irmãos pelo pensamento,

pela cultura que diz liberalidade, democracia, fraternidade...

Como Sorbon, De Gaulle se me parece a Luz que guiará os homens para uma nova Era. A abertura da Academia de Paris, a Nova Sorbonne, enfim, é a síntese do que devem sentir e desejar os homens de todas as nações que professam uma única e verdadeira religião: aquela que pelo saber, pela cultura, espiritualisa as gerações, afastando-as da guerra.

Sorbonne de todos os tempos; tu és realmente a Luz de uma Liberdade redentora que jámais deverá desaparecer, para assim ficar assegurada a felicidade dos homens!...

M. DEZONNE PACHECO FERNANDES
(S. Paulo).

Meio Século

DE PREFERÊNCIA



Das damas do século passado á mulher elegante e dinâmica de hoje, perdura a tradição do uso do Sabonete de Reuter. Isento de substâncias nocivas e agradavelmente perfumado, o sabonete de Reuter satisfaz ás epidermes mais delicadas. Prefira o sabonete de Reuter, considerado, há meio século, um verdadeiro tratamento de beleza.

À venda em todas as farmácias e perfumarias



Sabonete de Reuter

T-A

SR-2

Primeiro indício!..

Não perca tempo quando sentir os sintomas de uma constipação -o descuido pode custar-lhe caro. Aplique logo Mentholatum no peito, na garganta e nas fossas nasais. Mas exija o legítimo



MENTHOLATUM



Novo e Moderno Leite de Beleza LaLaque

Base para o "Make-Up" à Hollywood

Para aplicação no Rosto, Colo, Braços e PERNAS

LALIQUE apresenta o seu novo e moderno Leite de Beleza — base indispensável para um "Make-Up" perfeito; — não engordura nem resseca a pele, devendo ser aplicado leve e uniformemente

com uma pequena esponja ou mecha de algodão. Esta aplicação, que se mantém inalterável por longas horas, deve ser feita sempre de cima para baixo e nunca em sentido contrário, ou circular.

Leite de Beleza LALIQUE



Nas cores:

- ★ Clara
- ★ Morena
- ★ Ocre
- ★ Bronzeada
- ★ Praiamar
- ★ Hawaiana

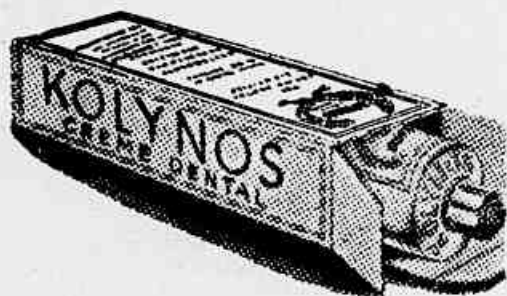


À VENDA EM TODO O BRASIL

KOLYNOS REALÇA
TODA A SIMPATIA
DE UM
SORRISO!



PORQUE DA BRILHO
e LIMPA os DENTES!



REALCE
a simpatia de seu
sorriso usando
o CREME DENTAL
ANTISSÉTICO!

Limpa mais... agrada mais... rende mais...

CABELOS BRANCOS?
LOCÃO
Brilhante

LIMPE A PELE UMA VEZ POR DIA
PASTA DE AMENDOAS
RAINHA DA HUNGRIA
De Mme. Campos
A VENDA EM TODA A PARTE

RUGOL
O CREME
EMBELEZADOR DA PÉLE

MODAS



ENTÃO SERIA, ACONSELHÁVEL
DEPURAR O SEU SANGUE, PARA AU-
MENTAR A FELICIDADE CONJUGAL.

**ESSENCIA
PASSOS**
DEPURA E FORTIFICA

É UM PRODUTO
DO LABORATÓRIO SIAN



Neurastenia? Insônia? Angústia?

BENAL

SEDATIVO do Sistema Nervoso
Fórmula do Professor Austregésilo.

PARA USAR EM CASA

Conjunto de grande elegância, composto de
saia de tafetá listrado e blusa de chiffon.
Vestido longo de algodão estampado, e aven-
tal próprio para guardar material de costura.
Saia de seda azul marinho com pequeno dra-
pé na cintura. Os panos laterais
são sobrepostos.



UM PRESENTE
DE CLASSE
E DISTINÇÃO



PERFUMES

Ricco



PERFUMES

BELLES FLEURES
MUSGO CHINE

05

Náufragos

(CONTINUAÇÃO DA PAG. 34).

redes brancas, portas brancas, camas, muitas camas, todas brancas. Branco branco, branco! Gente vestida de branco, alva. Hospital. Fôra médico. Via-se naquele momento, moço e firme. Uma ordem dada em voz baixa, um ruído seco de ferros. Uma não firme, tão firme! E a sensação da carne do paciente cedendo ao corte do bisturi. Anestésico. Paz. Insensibilidade.

Depois, ela novamente. Turbilhão. Sensações vertiginosas. Desejo. Uma figurinha muito branca. Oh, a obsessão do branco! Leve, passiva, tremendo nos seus braços. Um passarinho. Um coraçãozinho batendo. Risos. Felicidade. Depois, um dia, ciúmes. Desconfiança. Brigas. Uma noite clara — tão clara! — as janelas abertas. E, no silêncio, o choro de uma mulher. Ela parecia ainda um passarinho, mas já não o como ia. Chorava e levantava para ele os olhos azuis. Mas ele vira

o outro. Vira-a levantar para os lábios do outro a boca que fôra sua e vira, também, ela estremecer no contato de outro homem. Beijo Estremecimento. Cólera. Uma bofetada rápida no rostinho claro e as marcas vermelhas de seus dedos.

Brat co! Branco! Branco! Bebida. Mulheres, todas amorosas, nenhuma amada. Branco. Um homem cai, rodopiando. Uma sensação de vácuo. Caindo, caindo, caindo. Bocas. Feras que devoram. Calor, bebida, inconsciência.

Finalmente, abriu os olhos.

O sol abria um leque de luz, e queimava-o. Ele estava deitado numa praia. Ao seu lado, sentia uma coisa fria. Um pêlo macio. Olhou. Cão. Uma língua pequena e rósea, ofegante. Pêlo todo molhado. Na hora da luta esquecera o cão. Fôra o único amigo, o único que lhe restara do tempo dela. O cão se aninhou no seu lado e ele, com um gesto carinhoso, alisou o pêlo assetinado. Salvava-o. De repente, sentiu novamente em si o vigor da luta.

Olhou em torno. Havia árvores, palmeiras longas e esguias. Evidentemente chegara até ali e desmaiara, fora atirado pelas ondas, ou talvez salvo pelo cão. Teria forças? Pôs-se de joelhos e sentiu que tremia, mas, dentro dele o calor de febre dava coragem. Sentiu que estava tonto. Arrastou-se. Caíno. Lorge — parecia muito longe — viu uma sombra fresca. Palmeiras ainda. Caiu, sem forças. Adormeceu.

Naufrágio do S.S. SEAGULL: Nenhum sobrevivente. Telegrama trágico e lacônico.

A' sombra das palmeiras, acariciado pela brisa, um homem dormia, exausto. Uma meninazinha ia passeando, quando avistou um cão, depois um homem.

— Papa! Papai! Um homem aqui estendido no chão! Estará morto?

O rapaz se aproximou.

— O coração está batendo. Chame sua mãe e peça-lhe que mande o criado para ajudar-me a carregá-lo para dentro.

A beleza é obrigação

A mulher tem obrigação de ser bonita. Hoje em dia só é feio quem quer. Essa é a verdade. Os crêmes protetores para a pele se aperfeiçoam dia a dia.

Agora já temos o creme de alface ultra-concentrado que se caracteriza por sua ação rápida para embranquecer, afinar e refrescar a cutis.

Depois de aplicar este creme, observe como a sua cutis ganha um ar de naturalidade, encantador à vista.

A pele que não respira resseca e torna-se horrivelmente escura. O Creme de Alface permite à pele respirar, ao mesmo tempo que evita os pontos, as manchas e asperezas e a tendência para pigmentação.

O viço, o brilho de uma pele viva e sadia volta a imperar com o uso do Creme de Alface "Brilhante". Experimente-o.

O homem murmurava, delirante:

— Eu quero viver! Eu quero viver. Sentir o gosto da vida.

OS DISTÚRBIOS SEXUAIS NA MULHER E O SEU TRATAMENTO MODERNO

Data de 1923 a significativa descoberta de dois cientistas norte-americanos, que encontraram nos ovários duas espécies de secreção, as quais regem a vida sexual da mulher. Foi precisamente baseado nessa grande descoberta que se chegou à realização de uma grande fórmula, pondo à disposição da mulher um tesouro de grande valor, cujo nome é PANSEXOL "F". Possui o Pansexol "F", pela sua fórmula, os requisitos necessários para combater eficazmente a fraqueza e a neurastenia sexual, falta de vigor e vitalidade, regras tardias, irregulares, pouco abundantes, ou excessivas, como também é empregado com resultados marcantes em todos os casos de obesidade ou magreza glandular, flacidez da pele e da cutis e todas as doenças provenientes da idade crítica (menopausa). Seu uso proporciona logo às primeiras drageas aumento de atividade intelectual, entusiasmo, bem estar geral.

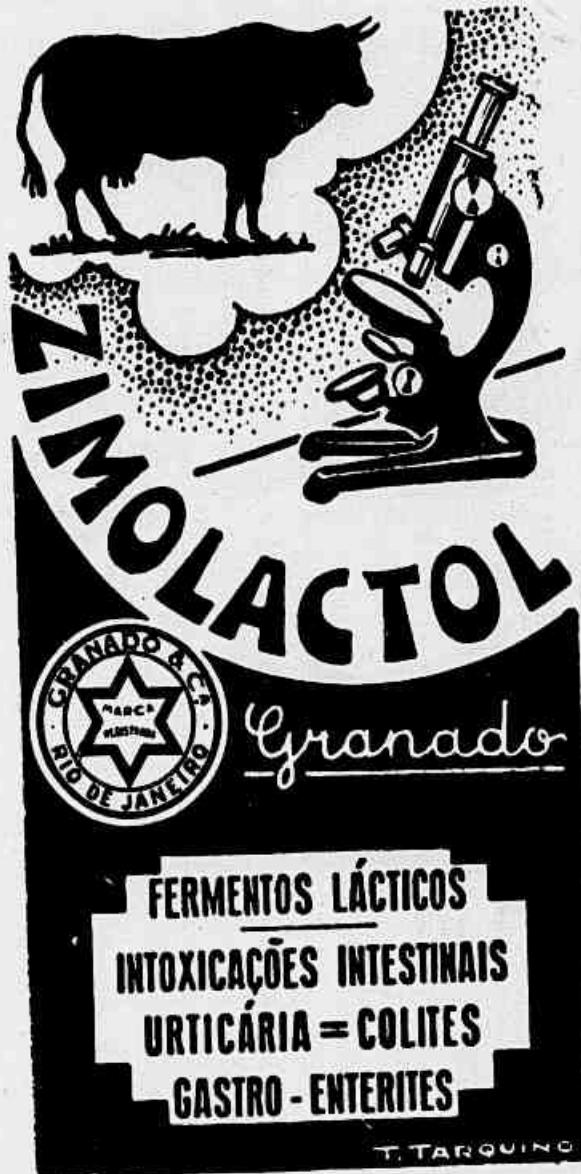
"Pansexol" Feminino encontra-se à venda em todas as Drogarias e Farmácias.

Fórmula c. Prof. Austregésilo.

Remetemos pelo REEMBOLSO POSTAL

Cr\$ 20,00 o vidro.

Produtos PANVITAL — Rua da Estrêla, 6 RIO DE JANEIRO



ZIMOLACTOL
Granado

FERMENTOS LÁCTICOS
INTOXICAÇÕES INTESINAIS
URTICÁRIA = COLITES
GASTRO-ENTERITES

T. TARQUINO



BIGODE
DE SENHORAS E VERRUGAS
ELIMINACÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
ESPEC. GUILHERME KLOTZ
SÃO PAULO - 1471 Av. Brig. Luis Antonio
TRATAMENTOS CIENTÍFICOS DA CUTIS
Poco adianta-me prospectar
BOM
ENDEREÇO

O Romance de um perfume suave...

num sabonete consistente,
puro e econômico!

Numa sinfonia de caríssimas essências, combinadas num "bouquet" suave e delicado, a abundante espuma de Gessy protege e embeleza sua cutis. Seus finíssimos óleos vegetais exercem sobre a epiderme uma ação rejuvenescedora, restaurando-lhe o viço, a mocidade, o frescor. Experimente esta fina criação da indústria brasileira: Gessy. Gessy tem massa uniforme e consistente e é mais econômico. Gessy vale por um tratamento de beleza.



50 ANOS A SERVIÇO DA EUGENIA E DA BELEZA!
J.W.T. 14.247

Usar a pasta S. S. White é saber dar preferência ao dentífrico mais indicado para higiene e conservação dos dentes.



**Cabelos Brancos???
Escurecedor Discreto**

Informações:
Rua Flach, 153-Rio. T. 29-2400
OLEO — LOÇÃO



**BRONZISOL
ANTISOLAR**

De Mme. Campos
FIXA UM LINDO BRONZEADO
NATURAL
A VENDA EM TODA A PARTE

DR. A. MENDES MONTEIRO
OBESIDADE, MAGREZA E
ENXAQUECAS — REGIMES
ALIMENTARES

2.as, 4.as, 6.as, das 14 às 19 horas
Rua Senador Dantas, 20 —
salas 1.306/9 — Fone: 22-1776

DOIS MODELOS

Duas peças em seda
branca. Gola e cinto com
pespontos de diversas
côres. Saia reta.

De corte elegante é este
modelo de linho branco.
Grandes botões e laços
do mesmo tecido.



incarelli

ALMIRANTE
BARROSO, 5

★ UM NOME QUE FAZ O RENOME DE UM CALÇADO DE LUXO ★ RIO

BANCO NACIONAL DE DESCONTOS

FUNÇÃO ATÉ AS 19 HORAS

DEPOSITOS - DESCONTOS - CAUÇÕES

ALFANDICA. 54

O periquito falou

Continuação do numero anterior

— Como disse, não me chamo, Jacob, mas Harry Lane, tenho alguns milhões e nenhuma ocupação. Que fazer para passar o tempo? Quando soube, pelo tio de minha noiva que um homem acusado de estar envolvido no mercado de escravas brancas ia sair livre por falta de prova, combinei com três amigos um plano. Larry e Charlie aceitaram. Far-nos-íamos passar por bandidos e obrigaríamos ao Periquito a entrar no negócio, arranjando assim provas contra ele.

Nesse momento a moça interromper:

— Mas era preciso uma moça no grupo.

Harry apressou-se a explicar:

— Tentei dissuadi-la...

E a moça disse:

— Mas de nada adiantou. Fingi, por meu lado que era uma pobre moça que trabalhava. Juntei-me às outras que Harry tinha arranjado.

Porem o Periquito ainda poderia fugir, por falta de provas. Sim, porque de que maneira provar que ele queria fazer de nós escravas brancas se ainda não nos ameaçara? Poderia alegar que ia, na realidade nos levar para dar-nos um emprego no estrangeiro. Então, como fazê-lo falar?

Harry, Titio e a policia estavam escondidos na Casa

Deserta. Sabiam que o avião estava avariado e que teriamos de voltar para mandar repará-lo. Era minha vez de agir. Quando o Periquito quis sair, eu disse que ia embora, que desistia. As outras seriam capazes de ir também. Periquito teve que usar de violencia e disse diante de testemunhas qual o seu fim. Tinhamos a prova de que precisávamos contra ele.

Alguns dias mais tarde o Periquito recebeu uma visita. Um jovem milionário foi participar-lhe o casamento e oferecer-lhe um convite para a recepção, mas acrescentou, prudentemente:

— Se você não tiver outro compromisso!

O bandido disse um palavrão que nem é bom repetir —

SOFRE DO FÍGADO?

TOME

BIO-HEPAX

PRODUTO DO LABORATÓRIO DA GUARAMIDINA

UM DESODORANTE
DE AÇÃO DUPLA



**ARRID EVITA MANCHAS
E ODOR NAS AXILAS**

SEM IRRITAR A PELE

Arrid lhe oferece uma proteção dupla contra o odor desagradável do suor. Protege *voce* contra o mau odor e a sua *roupa*, contra as manchas. Arrid é um desodorante de delicada fragrância, com a fina consistência de um creme de beleza. Desaparece instantaneamente pelos poros... produzindo efeito imediato. Com Arrid você pode ficar completamente despreocupada, e divertir-se à vontade, onde quer que seja — sem levar em conta o calor. Proteja sua beleza e encanto com Arrid... comece a usá-lo hoje mesmo. Extremamente econômico: Preço Cr.\$ 4,80 — Pote grande: Cr.\$ 9,50.

ARRID

O desodorante que mais se vende



*Para convidar ao beijo
daquele a quem se ama
e para que o beijo seja eternamente
recordado...*

Tonalidades de última moda em uma
base exclusiva de "creme veludo" que suaviza,
protege e embeleza os lábios.

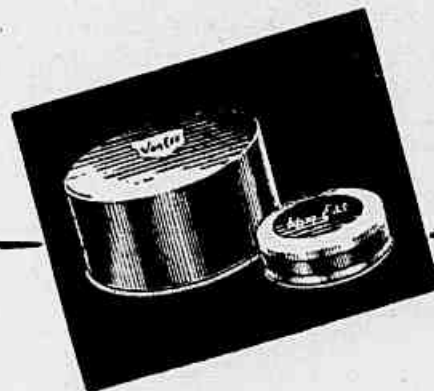
Baton para os lábios

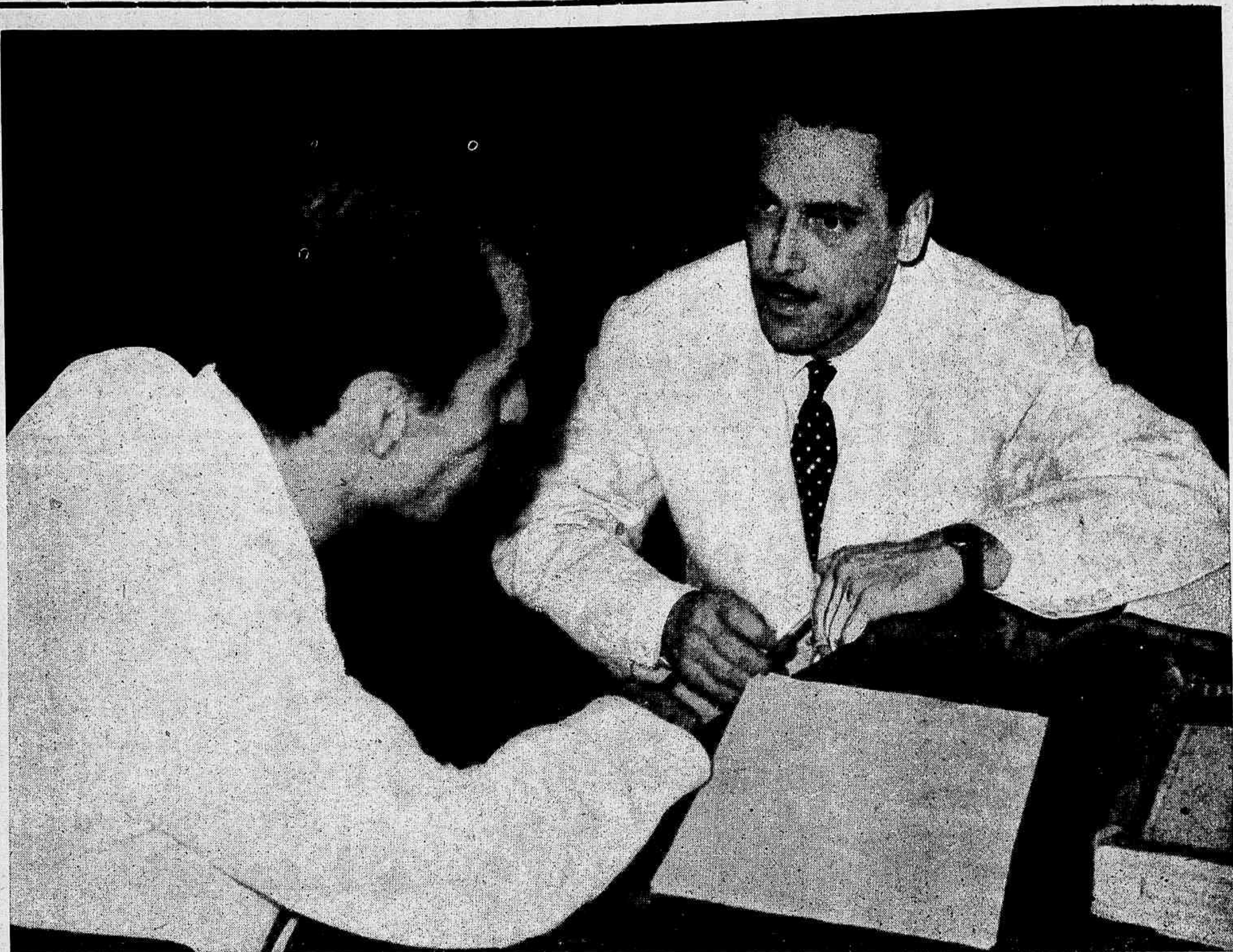
Van Ess



a famosa marca americana!
criação ao mesmo tempo da arte e da ciencia!

★ Use também o pó e "rouge" aveludado e atomizado VAN ESS,
que tornarão irresistível a sua cutis.





BAZAR DE NOVIDADES

UM PROGRAMA ÚTIL NO BROADCASTING CARIOCA — PRÊMIOS E ESTÍMULO

Nada há de novo sob o sol — já sentenciava o velho Salomão. No rádio também, apesar de ser invenção relativamente nova, as novidades são raras. De quando em vez nos chega algo vestido em roupagens novas, mas, no fundo, é o mesmo assunto. Isso porém não significa dizer que, vez por outra, o éter não resolva contrariar a opinião do sábio hebreu.

VISITANDO UMA EMISSORA

O Rádio Clube do Brasil, a veterana PRA-3, que conta com a preferência do público carioca, apresenta todos os domingos, às 18 horas, um BAZAR DE NOVIDADES. O reporter, que anda em busca de novidades, foi visitar, na última semana, aquele bazar. Encontrou uma concorrência extraordinária. O auditório da emissora do Cineac estava superlotado. Dali já podíamos tirar uma conclusão: o programa caíra no gosto do público.

João de Freitas, que já conhecíamos de "Caravana de Ritmos", é o criador animador de "Bazar de Novidades". Um candidato subia ao palco e experimentava a sua voz para locutor no microfone. Até aí nada de mais... Depois veio a prova "O Melhor de 3" e a seguir "Onde é que está o erro?". Intimamente o reporter começou a elogiar o programa porque, no final das contas, instrua divertindo, sem andar fazendo aqueles sambinhas do pé quebrado, levando aos píncaros da glória os batedores de caixa de fósforos, os que criaram Oscars traidores e Amélias que sofrem. Ali João de Freitas aguçava a inteligência dos ouvintes, e os estudantes ficavam entusiasmados porque haviam aprendido aquelas questões gramaticais no Pedro II. Depois vem uma prova onde se pergunta que música é. Prova interessante, que revela a cultura musical do candidato. Tanto pode ter de identificar um samba, como uma ópera, uma opereta ou um intermezzo... Terminada a prova da música, o reporter não pôde conter uma boa gargalhada com o desfêcho de um engraçado "sketch" bem defendido pelo Teréré. Depois vem o "Show", uns bem encaixados números de música para suavizar a falação. E as horas vão passando. O reporter, que costuma ser frio nas suas observações, que põe um risinho irônico na ponta do lábio quando a claque bate palmas, estava entusiasmado com "Bazar de Novida-

des", e nem notou que os ponteiros do relógio andavam tão depressa. Quando se dispunha a ir embora já satisfeito, foi sacudido pelo entusiasmo com que fôra recebido aquele título de programa: "A Bolsa ou a Vida?". Não pôde resistir à curiosidade provocada pela sensação do auditório... e ficou. Fez bem. E' deveras a prova mais interessante de "Bazar de Novidades". Podemos considerar um fêcho de ouro. E a aconselhamos aos sintonizadores de rádio. "A Bolsa ou a Vida?" tanto é interessante ouvida como se vendo do auditório. Aquêles transes pelos quais o candidato passa, os olhos procurando perscrutar, a inteligência aguçada ao máximo, tudo contagia os presentes. Aquela história de céu, purgatório e inferno está muito bem pensada e muito divertida. O reporter ficou tão aflito quanto os candidatos. Contagia... No meio do programa uma propaganda discreta, onde se pode sentir o dedo de um técnico. Nada de fim do mundo...

OUVINDO O CRIADOR E ANIMADOR

Terminada a audição de "Bazar de Novidades", fomos dar os parabens a João de Freitas. Ele nos disse:

— O lema deste programa é: quem já sabe, recorda; quem não sabe, aprende. E quanto a "A Bolsa ou a Vida?" não fiz mais que trazer para o rádio os fenômenos psicológicos da vida: um indivíduo vence ou pelo que sabe, ou pela arte, ou pela sorte. O nervoso às vezes é que estraga tudo...

Descemos o elevador do Rádio Clube do Brasil e vimos que aquela emissora não tem dormido sobre tantos louros alcançados. Prossegue no éter mantendo uma posição destacada, altaneira, sem alardes, distinta, como se vinte anos de lutas já tivessem encanecido os seus cabelos e ela possuísse agora a sensatez da maioridade, e não êsses arrancos das juventudes insensatas.

A PRA-3 já está na fase que verdadeiramente idealizamos para o "broadcasting" brasileiro, isto é o rádio que instrui divertindo, sem cometer o erro de ter a rigidez de uma escola, nem cometer o pecado de ser uma cópia de gafieira onde os cabelos encaracolados deixam as cozinhas para se transformar em Carmens Mirandas de "black-out"...

Parabens, João de Freitas! Parabens, Rádio Clube!

Eles foram expulsos da Alemanha

Continuação do numero anterior

Continuando a discorrer sobre outros elementos banidos pelo nacional-socialismo, Askanasy conta-nos que na Suíça foi realizada uma exposição idêntica a que vai ser realizada aqui, sendo efetuado um memorável leilão de todos os quadros modernistas arrebatados pelo fanatismo nazista das galerias germânicas, que tanto malistaram e repudiaram a "arte degenerada" mas que não abriu mão das fortunas adquiridas com aquelas obras-primas no leilão de Lucerna, em 1938. Além de Van Gogh e Cézanne, Gauguin também participou daquele leilão, que constituiu verdadeira mácula inapagável para seus empreiteiros. Mais tarde a grande exposição de Londres, em julho de 1938, realizada pela sra. Irmgard Burchard, que se encontra entre nós.

O êxito dessas mostras de arte foi absoluto, não só do ponto de vista artístico, — que aliás não poderia ser de outra forma, tratando-se de uma metrópole superculta como Londres, — e depois do ponto de vista político, causando fundq impressão no público britânico relativamente à necessidade de deter e anular a ação obscurantista da ideologia nazista. O êxito foi mesmo excepcional, já que quase todos os seus quadros foram vendidos por elevadíssimos preços. A aceitação da obra modernista alemã pelo público mais equilibrado do mundo constituiu curiosa resposta aos degenerados que tentaram ca-

talogar os seus maiores artistas como "loucos e degenerados".

Foi mesmo indispensável a intervenção da polícia no dia da inauguração dessa memorável mostra em Londres, tal a afluência do público. Para mostrar a repercussão alcançada igualmente entre a elite londrina, basta lembrar que entre os patrocinadores estavam-se as seguintes personalidades: H. G. Wells, Axel Munthe, Pablo Picasso, Ivor Spencer, Churchill e muitos outros nomes de relêvo na nobreza britânica.

Aqui no Brasil a exposição que dentro em breve será aberta ao público terá o patrocínio da Casa do Estudante, e apresentará trabalhos de Lovis Corinth, Karl Schmidt Rottluff, George Grosz, Lyonel Feininger, Alfred Kubin, Lazar Segall, Emil Nolde e Christian Rohlfis.

A ARTE ALEMÃ NO APÓS GUERRA

Mostrando curiosidade em saber se a chamada arte degenerada exercerá influência na Alemanha, tão logo o nazismo seja esmagado, ouvimos de Askanasy uma resposta bem curiosa. Ele disse não

ser profeta, sendo lícito esperar que o após guerra traga um grande e novo florescimento das atividades artísticas alemãs, tal como aconteceu logo depois da guerra passada, quando a Alemanha apresentou talvez o mais pujante surto espiritualista em todo mundo. Apesar do desastre político nacional que ora o mundo testemunha, as correntes políticas e espirituais nem sempre apresentam relações de dependência como querem alguns. Assim, a Europa Central, com sua indústria e vida econômica aniquiladas, bem poderá viver nova fase de grande florescimento cultural, que bem poderia ser o desabrochar de aspirações durante tantos anos sopitadas pelo peso da opressão nazifascista. Acreditando na influência russa, que será muito mais forte que a anglosaxônica, ele espera que a Europa Central se sentirá mais inspirada pelas amplas liberdades políticas das democracias ocidentais.

Realizando a exposição de trabalhos dos artistas que o nazi-fascismo condenou, Askanasy, agora quando o mundo sai das trevas de uma situação crítica, presta aos nossos pintores e ao público em geral um

Desperte a Bills do seu Fígado

e saltará da cama disposto para tudo

Seu fígado deve produzir diariamente um litro de bills. Se a bills não corre livremente, os alimentos não são digeridos e apodrecem. Os gases incham o estômago. Sobrevem a prisão de ventre. Você se sente abatido e como que envenenado. Tudo é amargo e a vida é um martírio.

Uma simples evacuação não eliminará a causa. Neste caso, as Píldas Carters para o Fígado são extraordinariamente eficazes. Fazem correr esse litro de bills e você se sente disposto para tudo. São suaves e, contudo, especialmente indicadas para fazer a bills correr livremente. Peça as Píldas Carters para o fígado. Não aceite outro produto. Preço Cr\$ 3,00

serviço digno dos maiores encômios, fazendo cair por terra todo o cinismo daqueles que sempre procuraram fazer da arte moderna a hidra temida pelos vassallos da quinta coluna organizada.

GRATIS

Peça GRATIS pelo Correio o livrinho de Aristóteles Itália: "O Segredo do Sucesso e da Saúde", para adquirir saúde, vencer em negócios e amizades, aprender sugestão, magnetismo, clarividência, força de vontade, hipnotismo, o Conhecimento dos Mundos Superiores, seu horoscopo, etc. Só para adultos não analfabetos. Envie Cr\$ 0,80 em selos se quiser recebê-lo sob registro, evitando assim extravios. Escreva ao Sr. Artur S. Torres — Caixa Postal 2425 (D. F.).

Senhoras!
Se a
Natureza Falta
MENAGOL
REGULA!

Noites mal dormidas

Para gozar saúde e manter o organismo em forma é indispensável dormir oito horas por noite em quarto arejado e fresco. Nada mais prejudicial à saúde do que contrariar esta exigência do organismo. Basta uma noite mal dormida para abater a mais forte constituição e tornar o indivíduo indisposto para a luta quotidiana. A insônia sobrevem, via de regra, às pessoas que sofrem de perturbação gastro-intestinal, de desequilíbrio glicêmico ou de perda de fosfatos. Para tratar a insônia é indispensável, portanto, conhecer a causa e afastá-la por meio de terapêutica adequada. Às vezes resolve-se o caso com pequena modificação no regime alimentar; outras, com meio copo de água açucarada, ao deitar-se ou durante a noite; outras, com um tratamento fosforado por meio do Tonofosfan da Casa Bayer, que levanta o estado geral, reforçando o sistema nervoso e regularizando o sono. As vítimas de insônia devem, pois, consultar o médico afim de combater esta perturbação que tanto deprime e, mesmo, envelhece. No caso de perda de fosfato será, com certeza, indicado o Tonofosfan, com o qual se vem registrando de longa data os melhores resultados.

Perfume

MARCISO AZUL

de

GALLY

Água de Colônia
Brilhantina
Extrato
Loção
Óleo Perfumado
Pó de Arroz
Sabonete

Narciso Azul de Gally eterniza os momentos sublimes com as mais doces recordações!...

À VENDA EM TODO O BRASIL



*Esta pequena
joia*

Não sabe que a diarreia é um perigo para a sua vida.

A mamãe porém sabe que nesse caso deve dar-lhe imediatamente Eldoformio, o remédio sem igual contra esta terrível doença.

Para combater as diarreias nada existe melhor que os famosos comprimidos de



Eldoformio

Bom para os adultos como para as crianças.



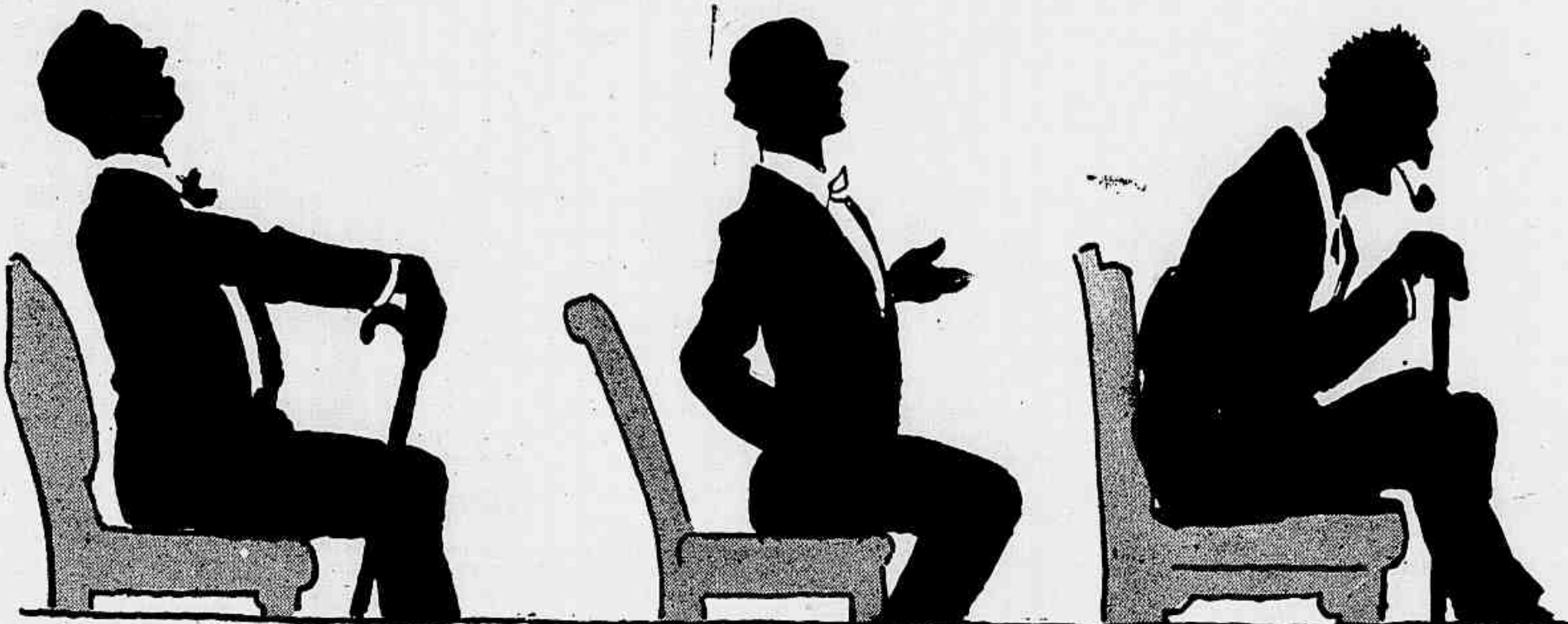
Dê beleza aos seus lábios com baton ZANDE. É a maneira perfeita de obter um encanto duradouro. Experimente as suas lindas tonalidades e verá que não há nada melhor.

Para economizar, obtendo os mesmos resultados, não inutilize o tubo de metal do seu baton. Adquira um sobressalente, adaptando-o ao tubo já usado.

Zande
MARCA REGISTRADA
BATON E SOBRESSALENTE

O BATON PERFUMADO DA MULHER BONITA

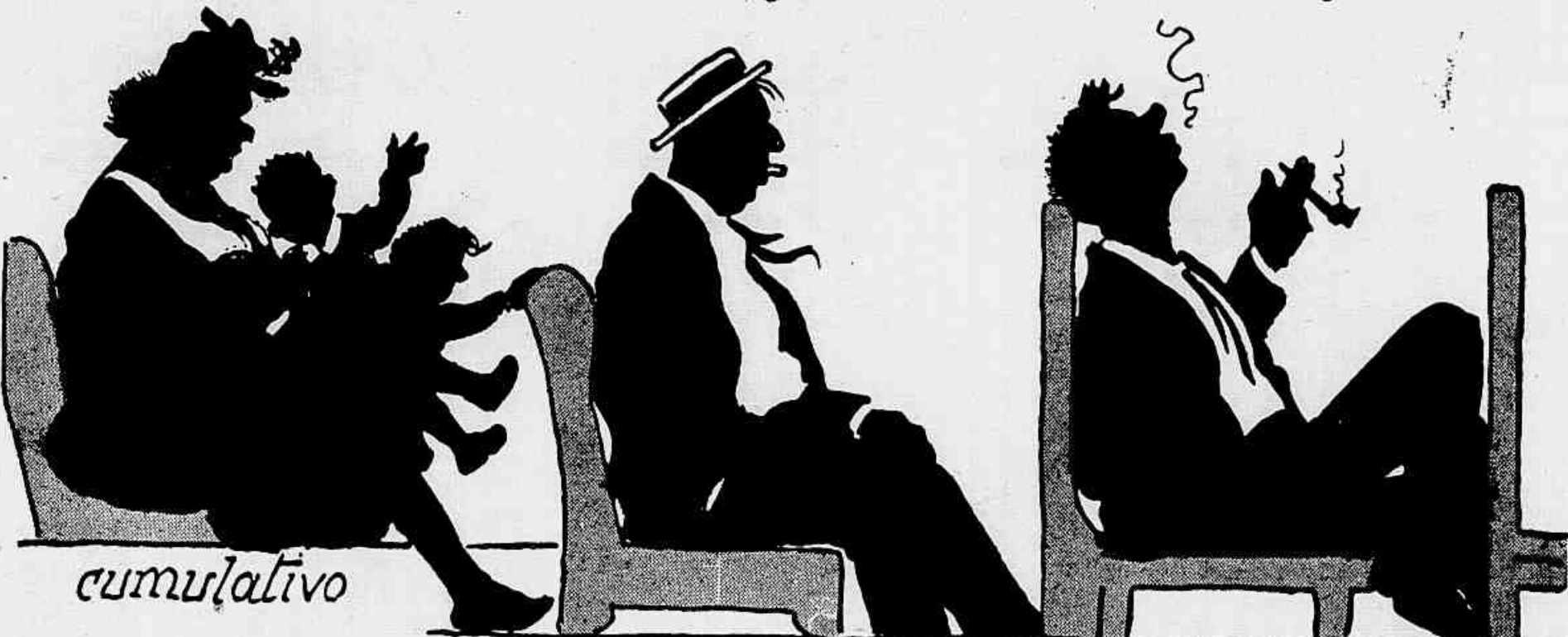
ASSENTOS E SUAS variantes



Assento grave

Agiado

Circumflexo



cumulativo

Displicente

comodista



Indiferente

Racionado

cuidoso



"Sans façon"

Economico

Hipotético...

foi Zenáide, sua primeira mulher. Seu filho ainda menor continua não tendo nem carinho materno, pois Geraldo não confia em absoluto na capacidade de Celeste. Luiz também se queixa de que Regina viva arredia e isso o desgosta muito. Geraldo procura animá-lo. Enquanto se passava essa cena Regina procurava saber de Josefa porque motivo ainda não se casara com Zé Pedro. Josefa diz que Zé Pedro não está em condições financeiras para dar semelhante passo. Regina promete ajudá-los. E o capítulo passado terminou quando conversavam Regina e Luiz. Este lhe dizia:

LUIZ — Eu quero sentir a tua pele macia.

REGINA — Solta-me, Luiz! Desprende-me de tuas mãos!

LUIZ — Não, Regina. Tenho-te presa em meus braços. O teu rosto junto ao meu!

REGINA — Deixa-me, Luiz. Estás me maltratando, Luiz!

LUIZ — Que me importa! Eu quero sentir os teus cabelos cheirosos. Eu quero te beijar. Até que enfim, estás ao alcance dos meus beijos. Mas, que é isto, Regina? Será possível, Regina? Oh, Reginal! Teu rosto está molhado de lágrimas? Como tu me repeles, Reginal! Chorando dessa maneira só porque eu te beijo, só por causa dos meus carinhos?

REGINA — Tem piedade, Luiz! Tem piedade dos meus nervos, do meu pobre coração. Deixa-me sossegada!

LUIZ — Será que... mas, quem sabe se, além da cegueira eu não adquiri alguma deformidade? Estarei, por acaso, com algum outro defeito? Mas, eu não me lembro de haver sido atingido a não ser na vista. Eu não senti nada no rosto. Dize a verdade, Regina. Eu me tornei repulente? Além da cegueira, que foi que me aconteceu?

REGINA — Não aconteceu mais nada, Luiz. Tu continuas o mesmo homem belo e atraente.

LUIZ — Mas, então eu não compreendo essa tua atitude, Regina.

REGINA — E tu a compreenderias se, por acaso, houvesse, de fato, adquirido um defeito qualquer?

LUIZ — Compreenderia sim. Perfeitamente.

REGINA — Acharias então natural que, diante de um aleijão, de uma deformidade tua, o meu amor arrefecesse?

LUIZ — Como não? E, só mesmo assim seria possível entender a tua repulsa, as tuas negativas. Mas, será este o caso? Será este o motivo?

REGINA — Absolutamente, Luiz. E tu bem deves saber que não há nada de anormal em ti. Tu não percebes pelo tato?

LUIZ — De fato, Regina. Por mais que deslize os dedos pelo rosto eu não sinto nada de extraordinário em mim.

REGINA — Vê, pois, o quanto foi tola a tua suposição. E, ao mesmo tempo, eu vejo o quanto julgas frágil o meu amor.

LUIZ — Ora, Regina. Não há amor que resista a certas coisas. O amor precisa de enlévo, de harmonia. Tu me amaste como eu sou e me deixarias de amar, isto nem se discute, se eu deixasse de ser o que sou.

REGINA — Pensas assim, não é Luiz?

LUIZ — Sim. Penso. E tanto penso que, se, por uma desgraça qualquer tivesse ficado defeituoso, imediatamente eu me afastaria de ti.

(Música)

GERALDO — Chegou afinal o dia, hein, Regina? Amanhã operarei o Luiz. Ele irá, daqui a pouco, para a casa de saúde.

REGINA — Eu o levarei até lá, Geraldo.

GERALDO — E você vai passar a noite lá ou preferir amanhã?

REGINA — Não. Eu não quero estar presente. Poupe-mos ao Luiz, numa hora de tão grande alegria, o horror da minha presença — a decepção que lhe daria eu — o desastre que ele ainda ignora.

GERALDO — Mas, você ainda não lhe disse nada, Regina? É preciso preparar o espírito do Luiz. É preciso que ele saiba do que houve com você, antes de recuperar a vista. Você ainda não lhe disse coisa alguma?

REGINA — Escrevi ao Luiz esta carta que aqui está. Você a entregará assim que ele possa ler. Quando abrir esta carta, ele ficará sabendo de tudo.

GERALDO — Então você não estará nem hoje, nem amanhã, na casa de saúde.

REGINA — Não, eu ficarei aqui. Eu aguardarei aqui o resultado da operação.

GERALDO — É. É melhor assim. Eu lhe telefonarei assim que estiver tudo terminado.

REGINA — Assim que o Luiz dê mostras de enxergar, você me mandará dizer, não é?

GERALDO — Imediatamente lhe mandarei telefonar.

REGINA — Já mandei tirar o carro. Eu mesma conduzirei Luiz ao hospital. Faço questão de levá-lo em nosso carro e pelas minhas próprias mãos.

GERALDO — Mas, você não estará nervosa para dirigir um automóvel? Não será melhor entregá-lo ao Zé Pedro?

REGINA — Não, Geraldo. Eu até já dispensei por hoje o Zé Pedro. Eu mesma irei levar o Luiz. Então você já esqueceu a minha perícia no volante?

GERALDO — Está bem. Está bem. Então, eu espero vocês lá, não é?

REGINA — Sim, Geraldo. Às oito horas eu levarei o Luiz lá.

(Música)

CELESTE — Boa noite, Regina?

REGINA — Boa noite, Celeste. Já estava estranhando a sua ausência. Se tivesse chegado um pouquinho mais cedo encontraria o Geraldo. Ele saiu agora mesmo daqui.

CELESTE — Isto é o que menos interessa — encontrar o Geraldo. A gente se vê, noite e dia... Hum... que coisa enfiadonha é o casamento!

REGINA — Celeste. Lembre-se de que está falando à irmã de seu marido.

CELESTE — Desculpe-me, Regina. Mas eu estou tão enfiada que até esqueço as conveniências. E, eu vim aqui para visitar o Luiz e não para discutir assuntos desagradáveis.

REGINA — Mas, nós já íamos sair. Eu tenho que levá-lo à casa de saúde. De maneira que não nos vai ser possível gozar a sua companhia.

CELESTE — Mas eu também gostaria de acompanhá-lo até lá. Você não me dá um lugar no seu automóvel?

REGINA — Dou. Mas, a questão é que, quem vai dirigindo o carro sou eu. E você sempre teve tanto medo de mim como chouffesse...

CELESTE — É. Mas, desta vez eu resolvo afrontar o perigo. Eu irei com vocês.

REGINA — Neste caso, espere um momento. Vou lá em cima buscar o Luiz.

(Música)

(Rumor de automóvel que corre businando apressado)

REGINA — Não te importas que eu corra um pouquinho, Luiz?

LUIZ — Não, Regina. Estou achando tão agradável essa corrida a teu lado. Recorda-me outros tempos.

CELESTE (maldosa) — Tempos que hão de voltar e, com o mesmo enlévo, não é Regina?

REGINA — Isto mesmo, Celeste. E com um enlévo ainda maior, você o verá...

(Aumenta a velocidade do carro)

CELESTE — Regina. Você está correndo de mais. O Luiz não tem medo mas lembre-se de que eu estou aqui atrás.

LUIZ — E logo você, hein, Celeste, que ama tanto a vida, não é?

CELESTE — Por certo. A vida é tão boa...

LUIZ — Mas não para os cegos, Celeste.

CELESTE — Amanhã você já não será um cego, eu estou certa disso, Luiz. E você vai ter ótimas, esplêndidas surpresas, não é, Regina?

GERALDO — E' verdade, Luiz. Foi um fracasso êsse meu casamento!

LUIZ — Você que tanto sonhava com uma companheira completa, que tivesse todos os requisitos de espírito, de alma e de não sei mais que coisas tão etéreas, hein?

GERALDO — Pois é. Com tôda a minha experiência e com todo o meu desejo honesto de viver uma vida tranquila, num ambiente de ternura, eu fracassei. Celeste vive reclamando mil futilidades. Só pensa em festas, em folguedos como uma menina de 15 anos. E não me compreende absolutamente.

LUIZ — De maneira que aquêlê teu projeto de levar o garoto para a casa...

GERALDO — Deus me livre! Nem me atrevo a lhe falar nisso.

LUIZ — Você que pensava ter arranjado uma mãe para êle, hein?

GERALDO — Pobrezinho. Tem que continuar na mão de estranhos, sem lar e sem carinho.

LUIZ — E êle continua forte, bem disposto?

GERALDO — Ah... Sim... Graças a Deus. Saúde, beleza e inteligência felizmente não lhe faltam.

LUIZ — Isto são bens de família. E' a lei do atavismo.

GERALDO — Aliás, mesmo do outro lado, êle só poderia herdar ótimas qualidades.

LUIZ — De fato. Dizem que a Zenaide era um primor de criatura.

GERALDO — Pobre Zenaide! Só depois de a ter perdido foi que eu comecei a lhe dar o seu justo valor.

LUIZ — E' o prestígio da ausência, meu amigo.

GERALDO — E' esquisito. Eu tenho a impressão de que o amor, às vezes, nos entorpece de uma tal maneira, que só depois de haver amado é que começamos a amar de verdade.

LUIZ — A isto se chama um paradoxo.

GERALDO — E no entanto é uma verdade! O amor, às vezes, só começa a ser amor depois que passa.

LUIZ — Mas não será apenas saudade?

GERALDO — Não, Luiz. E' amor. A gente se apaixona pelo que não tem mais, pelo que não soube saborear. No afã da vertigem, não se apreciam certos detalhes, os pequeninos encantos, as sutilezas que, às vezes, fazem de uma mulher um verdadeiro tesouro. Mas depois que ela passa vem a clarividência, e a gente chora então o que perdeu.

LUIZ — Que família de românticos são vocês...

GERALDO — Mas é a realidade, Luiz. Sente-se então uma ternura sem remédio, uma saudade que sabe a remorso e arrependimento.

LUIZ — Ai então surge uma Celeste e começa uma dura penitência.

GERALDO — Começa uma coisa pior, muito pior: começa o confronto. E eu me lembro de uma porção de coisas! Certa noite, por exemplo, já todo encoacado para um baile, eu fui à casa de Zenaide...

(Música)

(Cena retrospectiva)

(Batem à porta)

ZENAIDE — Entre.

GERALDO — Boa noite, querida.

ZENAIDE — Como estás elegante! Tudo isto para me ver?

GERALDO — No mínimo seria para que me visses.

ZENAIDE (risonha) — E' verdade. Que tola sou eu. Metida neste avental, com um vestidinho de chita, e tu de grande gala, ainda tenho dúvidas de que tu é que deves ser admirado. Mas deixa-me ver. Hum!... que colarinho agressivo! Em cada ponta há um aviso: não me toques! Não me toques. E a camisa, minha gente! Olhe só. Pobrezinha de ti, Zenaide, se ousas descansar a cabeça nesse peito engomado, hein?

GERALDO — E no entanto nem sabes como estás linda nesse traje tão simples, minha querida (pausa). Que é que estavas fazendo?

ZENAIDE — Preparando uns doces. Sabia que hoje não havias de faltar. Vem ver que mesa bonita.

(Passos e porta que se abre)

GERALDO — Realmente. Que mesa bonita. E quantos doces. Amanheceste hoje com alma de doceira, querida?

ZENAIDE — Amanheci hoje te querendo ainda mais do que ontem, meu amor.

GERALDO — Mas é pena, Zenaide. Eu não posso ficar mais tempo contigo. Tenho que te deixar já.

ZENAIDE — Oh, Geraldo!

GERALDO — Virei amanhã, não é a mesma coisa?

ZENAIDE — É... é a mesma coisa...

GERALDO — Zangada, queridinha?

ZENAIDE — Não, Geraldo. Lamento apenas que não comas os doces que preparei.

GERALDO — Mas então amanhã não sobrarão nem um, minha gulosa?

ZENAIDE — Sobrarão sim, Geraldo. Eu te espero amanhã.

GERALDO — Bem. Já estou em cima da hora. Até amanhã, meu coração.

(Música)

GERALDO — Até amanhã, meu coração... E você sabe, Luiz, para que era aquela mesa florida? E para que eram aqueles doces?

LUIZ — Aniversário de alguém.

GERALDO — Para festejar dois anos de renúncia e de imolação. Dois anos de carinho. Era justamente a data em que Zenaide viera para os meus braços, sem nada exigir em troca da sua virtude.

LUIZ — Mas você ignorava a data?

GERALDO — Não, eu não a ignorava. Apenas me esquecera... imagine que lágrimas silenciosas não chorou a pobrezinha sobre aquela mesa preparada com tamanho capricho. E o indiferente que eu era, lá se foi, todo enfiado na sua casaca, sem pressentir aquêlê drama!

LUIZ — E olhe que a Zenaide não tinha absolutamente o aspecto da borralheira. Pelas fotografias que você me mostrou ela devia ter sido uma lindíssima mulher.

GERALDO — Pois é. Mas morreu. E só agora, alguns anos depois de sua morte, é que eu sinto por ela a mais forte, a mais profunda das afeições. E eu tenho ímpetos de fazer como aquêlê rei de Portugal: desenterrá-la e colocá-la no trono em que a devera ter colocado (pausa). Mas deixemos o passado. Onde estão os papéis?

LUIZ — Vou chamar Regina para os apanhar... Ela os entregará a você.

(Música)

LUIZ — Regina. Já falei ao Geraldo sobre o tal homem que esteve aqui. Ele vai guardar o meu trabalho no seu cofre lá em sua casa. Queria que você o apanhasse e entregasse a Geraldo.

REGINA — Pois não, Luiz.

LUIZ — Estão na gaveta do meu.

REGINA — Na escrivaninha?

LUIZ. Naquela mesa do gabinete aqui ao lado. Uma mesa que está bem em baixo da janela.

REGINA — Ah... sim... já sei... Um momento. Eu volto já.

(Passos)

LUIZ — Geraldo. Regina tem tomado os calmantes que você lhe receitou?

GERALDO — Tem sim. Por que o pergunta, Luiz?

LUIZ — E' que eu a acho ainda tão nervosa. Tão esquisita. Tão arrêdia.

GERALDO — Estas coisas não passam assim. Tudo isto obedece a um processo em que a própria natureza entra como colaboradora. Esperemos um pouco mais e êle voltará ao que era.

LUIZ — E' que eu não sou muito paciente, você sabe. Sou mesmo, às vezes, um pouco violento. E eu temo um incidente desagradável entre mim e Regina.

GERALDO — Mas por que?

LUIZ — E' que Regina foge de mais aos meus carinhos. Tenho, às vezes, a impressão de que lhe causo agora uma espécie de asco. Eu nem posso tocá-la.

GERALDO — E' má interpretação sua, Luiz. Isto não pode ser.

LUIZ — E no entanto eu queria que você visse, que você assistisse de que maneira sua irmã me repele quando tento uma aproximação.

GERALDO — Você precisa compreender melhor a Regina. Ela é uma sensítiva. E' uma criatura de alma delicada. Está sujeita a uma série de impressões que você pode mas não quer alcançar.

LUIZ — Ora, Geraldo. Já lhe disse muitas vezes que não admito essas tolices, essas fraquezas. Se a Regina me ama, o prazer da minha presença deve ser tudo para ela. E ela não deveria permitir que essas debilidades viessem perturbar as nossas horas de alegria. Eu quero uma mulher. Eu não quero saber de almas, de espíritos. Isto são coisas muito boas para assustar as crianças com histórias de assombração.

GERALDO — Cuidado, Luiz. Tu estás quase blasfemando. E as blasfêmias custam caro.

LUIZ — Custam caro? A quem as ficarei devendo, você mo poderá dizer?

GERALDO — A Deus, Luiz.

LUIZ — E posso eu pagar dívidas a quem não existe?

GERALDO — Não existe para você que não o quer ver através justamente das almas, dos espíritos, da própria "assombração" como você classificou. Eu posso curar a sua catarata, o seu traumatismo, mas lamento que seja tão desesperadora a sua cegueira interior. Essa, só o tempo, só a vida poderão curar.

LUIZ — Você acha então que a vida mudará minhas idéias?

GERALDO — E' essa a minha grande esperança. A vida, meu caro, para as almas cegas como a sua, é como um alfabeto em relevo: tateando, aqui e ali, acaba-se lendo o nome de Deus nas suas páginas finais.

(Ouve-se Regina que grita do aposento ao lado)

REGINA — Geraldol... Geraldol... depressal... Geraldol... depressal... Venha cá!

(Intervalo)

GERALDO — Que foi, Regina? Que há?

REGINA — O homem! O homem que queria o invento do Luiz. Estava ali em frente, parado na calçada. Quando me viu aqui, à janela, quando se viu descoberto, entrou depressa num automóvel. Oh... eu queria tanto que você o visse, Geraldo. Que você o ficasse conhecendo.

GERALDO — Ele anda rondando a casa, hein?

REGINA — Pois se ele jurou que havia de pôr as mãos nestes papéis. Naturalmente irá fazer tudo para os roubar. E' preciso providenciar. E' preciso fazer alguma coisa.

GERALDO — Mas acalme-se, Regina. Esteja tranquila. Eu os levarei comigo.

REGINA — Aqui estão. Leve-os, Geraldo. Guarde-os, por favor.

(Música)

REGINA (discando o telefone) — Alô... é a Joalheria Tavares? O senhor Tavares está? Sim. Quero. E' a senhora Vilela (pausa). Como tem passado, senhor Tavares? E' sim, é a Regina. Obrigada. Vou vivendo. Escute, senhor Tavares. Eu precisava muito lhe falar. Sim. Hoje mesmo. Mas antes de vir me avise, pois eu mesma quero recebê-lo. O assunto, senhor Tavares, é absolutamente confidencial. Conto com sua amizade e sua discreção. Está bem. Está muito bem.

(Música)

JOSEFA — Onde quer que ponha as flores?

REGINA — Vamos dividi-las. Algumas naquela jarra vermelha, e outras aqui, neste jarrão.

JOSEFA — Mas como são lindas, hein?

REGINA — Você viu o portador?

JOSEFA — Hoje já foi um outro menino. De cada vez vem um mensageiro diferente.

REGINA — Mas que coisa estranha! Quem me mandará estas flores? Naturalmente alguém que me quer consolar. Alguma criatura bondosa que me quer dar um pouco de ilusão. Enfim. Seja lá quem for, que Deus recompense a sua generosidade.

JOSEFA — Estão bem assim? Estão lindas, não estão?

REGINA — Estão... estão muito bem (pausa). Escute, Josefa. Você gosta de Zé Pedro, não gosta?

JOSEFA — Sim. Nós nos gostamos....

REGINA — E há algum projeto de casamento entre vocês?

JOSEFA — Vontade a gente tem, Regina. Mas Zé Pedro acha que eu fui criada no luxo da sua casa, acostumada no conforto, trabalhando pouco, e então ele está juntando dinheiro para ver se ao menos faz uma casinha para poder casar.

REGINA — E Zé Pedro tem mãe, tem família?

JOSEFA — Não, Regina. Zé Pedro não tem ninguém.

REGINA — Ah, é verdade. Agora me lembro. O Zé Pedro é enjeitado.

JOSEFA — E' isso mesmo, Regina.

REGINA — Pois olhe, Josefa. Eu vou fazer o casamento de vocês.

JOSEFA — Vai mesmo, Regina?

REGINA — Vou sim. Diga a Zé Pedro que venha falar comigo.

JOSEFA — Ele agora saiu com o carro, a mando do dr. Luiz. Mas assim que voltar eu direi para ele vir aqui.

REGINA — Eu creio que Zé Pedro é muito meu amigo, não é, Josefa?

JOSEFA — Se é? Ele tem por você uma gratidão! Ele diz sempre que nunca pensou em ter uma patroa tão boa. E está sempre falando da sua habilidade no volante! Diz ele que ninguém dirige melhor um automóvel que você.

REGINA — E qualquer desses dias iremos dar um passeio bem grande. Eu preciso muito respirar...

(Música)

TAVARES — Aí está, d. Regina, o resultado da transação.

REGINA — Como lhe agradeço, meu amigo, o trabalho que lhe dei.

TAVARES — Trabalho nenhum, d. Regina. Eu ainda saí ganhando nesse negócio.

REGINA — Ganhámos os dois então. As joias me haviam custado 500 mil cruzeiros e o senhor acaba de me entregar 530 mil cruzeiros.

TAVARES — E' que as joias subiram de preço. Com o tempo elas ficaram valendo mais.

REGINA — Mas é incrível. Como é que em vinte dias o senhor conseguiu vender tudo aquilo?

TAVARES — Algumas ficaram para a nossa firma; outras vendi particularmente. E outras tantas eu as coloquei entre os meus colegas aqui do Rio e do interior. De maneira que rapidamente eu pude negociá-las.

REGINA — Continuo pedindo segredo, senhor Tavares. Ninguém, a não ser o senhor, poderá saber dessa transação.

TAVARES — Esteja tranquila. Eu respeito o seu segredo e nem me interessam os seus objetivos. Seja qual for a sua intenção, só pode ser uma boa intenção.

REGINA — Muito obrigada, meu amigo. Confio na sua amizade.

TAVARES — Isto mesmo, d. Regina. Confie no velho amigo de seu pai.

(Música)

Zé Pedro — Muito obrigado, d. Regina. E, quanto ao mais, conte comigo. Farei tudo como a senhora pediu.

REGINA — Não tenho dúvida nenhuma, Zé Pedro. Eu confio em você. Já falei a Josefa, e quanto a ela eu também estou tranquila. E vocês se casarão e hão de ser muito felizes, se Deus quiser.

ZÉ PEDRO — Hum, d. Regina, parece até um sonho. Afinal vai ter um fim esse noivado que já tem cinco anos.

REGINA — Cinco anos, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — Sim senhora, d. Regina. Eu ainda era "chauffeur" de seu falecido pai, a senhora ainda era uma menina e eu já pensava em casar com a Josefa.

REGINA — Mas a Josefa ainda era quase uma menina também.

ZÉ PEDRO — Era sim. Ela diz sempre que eu fui o seu primeiro amor.

REGINA — E eu, tão ingênua que nem percebia nada, hein?

ZÉ PEDRO — A senhora andava o ano todo no colégio, não é mesmo? E depois a Josefa sempre foi tão envergonhada. A gente quase não se falava. Ela sabia que eu queria casar com ela e eu sabia que ela queria casar comigo. E era só. Agora, há uns dois anos para cá, é que a gente conversa sobre o assunto.

REGINA — Assunto esse que muito breve estará liquidado, não é, Zé Pedro?

ZÉ PEDRO — E a senhora é que vai ser a protetora da gente. Que Deus lhe pague, d. Regina!

(Música)

LUIZ — Regina.

REGINA — Que é Luiz?

LUIZ — Pensei que não estivesse mais aí.

REGINA — Não, Luiz. Eu estou aqui, a poucos passos de ti, meu querido. E tu havias de ouvir, se acaso eu me tivesse retirado.

LUIZ — E' que... tu estavas tão calada!

REGINA — Estava distraída. Olhava as árvores lá fora.

LUIZ — A noite está bonita?

REGINA — Uma verdadeira maravilha, Luiz. O nosso parque está inundado de luar.

LUIZ — Que saudade de ver as coisas bonitas da vida! De contemplar a beleza que eu tanto adoro.

REGINA — Muito breve, meu querido, tu irás rever tudo isto. A tua visão está apenas em férias.

LUIZ — Em férias, Regina? Que sarcasmo. Minha visão está aprisionada. Está encarcerada, ouviste? E que tremendo é este meu degrêdo. Principalmente pela tua ausência. Pela tua falta que tanto me exaspera, que quase me põe doido!

REGINA — Minha ausência? Minha falta? Mas eu não estou aqui?

LUIZ — Estás, sim. Tu estás aí. E no entanto nunca estiveste tão longe.

REGINA — Mas que exagero, Luiz! Apenas alguns metros nos separam.

LUIZ — Ora, Regina. Não te faças de inocente. Tu bem sabes que separação terrível e inexplicável tu própria nos impuseste. Que barreira estranha e injusta estás levantando entre nós dois. E não ignoras a que sacrifício me condenas com esse esquisitíssimo capricho.

REGINA — Acalma-te, Luiz. Dentro em breve não haverá nunca mais um motivo de queixa entre nós dois. Eu te asseguro.

LUIZ — Que assim seja, meu amor. Pois eu estou sequeiro de ti, dos teus carinhos, dos teus encantos. Minha gatinha. Por que andas tão esquiua, tão arrédua?

REGINA — Eu ando muito nervosa, Luiz. Eu estou doente, meu querido.

LUIZ — Tu estás doente, Regina? Que é que tu tens?

REGINA — Ah, tu não calculas como eu estou pálida, como eu estou abatida, como está feia a tua Regina.

LUIZ — Tu, feia, Regina? Eu não creio. Isto não é

possível, meu amor. Talvez estejas um pouco abatida. Mas logo depois da minha operação nós iremos viajar e tu voltarás ao que eras, não é Regina?

REGINA — E se, por uma fatalidade, eu nunca mais voltasse ao primitivo aspecto? Se eu ficasse feia para sempre?

LUIZ — Nem me fales nisso, Regina. Isto seria uma infelicidade para nós. Dize-me que não é possível uma coisa dessas, que estás brincando, Regina.

REGINA (artificial) — Eu estava brincando sim, Luiz. Até, muito ao contrário, eu estou esplêndida, ultimamente. A vida que venho levando nestes últimos tempos sem ir a parte alguma, dormindo cedo, enfim... o repouso a que me obrigam as circunstâncias atuais tem feito um grande bem ao meu aspecto.

LUIZ — Ora graças, minha querida.

REGINA — Quando seus olhos se reabrirem irão encontrar uma ótima surpresa!

LUIZ — E por que não me contas desde agora para ter esse prazer? Aproxima-te, Regina. Deixa-me sentir o teu perfume, não me privas mais dos teus carinhos!

REGINA — Não queiras perturbar o repouso de meus nervos, Luiz. Deixa-me descansar um pouco mais nessa apatia que me tem feito tanto bem.

LUIZ — Está bem, Regina. Mas vem até aqui. Deixa-me, ao menos, como o mais ingênuo dos namorados, segurar as tuas mãos.

(Passos)

REGINA — Aqui estou eu, Luiz. Aqui tens as minhas mãos.

LUIZ — Oh, minha querida. Deixa-me beijá-las. Regina! Prendi-te em meus braços! Era isto que eu queria! Agora não saíras daqui!

REGINA — Deixa-me, Luiz. Não me prendas!

LUIZ — Agora verás que o homem que tanto desprezas ainda é o homem forte capaz de prender-te em seus braços. Tu não saíras daqui!

REGINA — Deixa-me, Luiz! Deixa-me, Luiz.

LUIZ — Não saíras daqui senão depois de me haveres dado todo o carinho que me deves!

REGINA — Luiz! Tu me magoas! Teus braços parecem de ferro! Solta-me, Luiz!

LUIZ — Mas por que resistes, Regina? Por que estás lutando? Tu me desesperas!

REGINA — Mas não sabes que não quero que te aproximes de mim!

LUIZ — Mas tu és a minha mulher. E eu vou cobrir de beijos este rosto lindo!

REGINA — Por piedade. Deixa-me, Luiz!

LUIZ — Eu quero sentir a tua pele macia!

REGINA — Solta-me, Luiz! Desprende-me das tuas mãos!

LUIZ — Não, Regina. Tenho-te presa em meus braços. O teu rosto junto do meu! Depois de tantos dias de negativas, de desprezo e de angústia. E pensas que te vou soltar?

REGINA — Deixa-me, Luiz! Como me doem os braços! Tu estás sendo violento. Tu estás me maltratando, Luiz!

LUIZ — Que me importa. Eu quero sentir os teus cabelos cheirosos. Eu quero te beijar. Até que enfim estás ao alcance dos meus beijos! Mas... (pausa) Que é isto, Regina? Será possível, Regina? Oh, Regina!

(Encerramento)

CAPÍTULO IV

LOCUTOR — Uma vez resolvido o caso da operação de Luiz, Regina começa a pôr em prática um plano que engendrou para salvar-se da terrível revelação que sem dúvida provocará no dia em que Luiz poderá vê-la novamente. Luiz manda chamar Geraldo afirmando que o mesmo seja o guarda de seus papéis que contém a fórmula do seu invento; nessa conversa Geraldo aproveita a oportunidade para contar ao Luiz que o seu casamento foi de infelicidade sem par, e recorda com saudades a criatura que



LUXUOSA DEPENDENCIA

Uma bela sala de estar é sempre agradável recanto, onde todos numa palestra animada, visitados e visitantes, se entretêm por muitas horas. E é um destes recantos que apresentamos hoje aos nossos leitores, como mais uma sugestão entre as muitas que já demos. O mobiliário aí está; quanto às cores escolham os cultivadores do bom gosto.

MOBILIARIOS · TAPEÇARIAS · DECORAÇÕES

OFERECEMOS ORÇAMENTOS GRATIS

ASA
MARCA

UNES
REGISTRADA

A MAIOR E MELHOR ORGANIZAÇÃO DO BRASIL
AGORA SOMENTE

65 · RUA DA CARIOCA · 67

NAO TEM MAIS ANEXO NEM FILIAIS

